

Grande operação no Algarve

POLÍCIA TENTA CERCAR CADASTRADOS EM FUGA



O Ford Escort com matrícula falsa que se supõe ter sido usado pelos cadastrados em fuga

Segurança prisional e insegurança cívica

Lamentamos os homens privados de liberdade. Mais do que culpados dos seus desmandos e erros, do desrespeito das leis, de violências contra outros humanos, eles, com grande frequência, são vítimas da sociedade. Mas a condição de vítimas, a incapacidade que a sociedade revelou para os educar e lhes abrir caminhos, não pode justificar a violência brutal e fria como no caso das fugas da cadeia de Pinheiro da Cruz.

Claro que, neste drama, nem só os fugitivos são culpados. Nem só às condições objectivas poderão ser atribuídas as facilidades de que os fugitivos tiraram proveito. Houve falhas humanas, e não só dos guardas prisionais. E há, manifestamente, uma situação de falta de vigilância, ou de corrupção, ou de cumplicidade. Uma arma estava na posse de um recluso.

Continua na pág. 6



A viúva e a mãe de um dos guardas prisionais durante os funerais realizados em Grândola

Pág. 11

Banco de Portugal propõe revisão da lei

Ministério das Finanças restringiu acesso ao crédito a emigrantes

Pág. 13

**Recebe 460\$00
paga 412\$50**

**Governo lucra
com os exames
de Oncologia**

Págs. 12

**Estamos na Volta a Portugal
com**

**TINTAS
DYRUP**

A esquerda e o comboio da fortuna

Joaquim Ribeiro Simões

1. A conjuntura económica excepcionalmente favorável — baixa do petróleo e do dólar, libertação de alguns fundos da CEE, acréscimo de lucros do turismo — gera um mar de esperança que o actual Governo não tem sabido aproveitar e que pode redundar em frustração generalizada. Em artigos anteriores sustentei ser necessário manter este executivo, não só pelo decoro democrático intrínseco, como, pela situação crítica de alguns partidos que apoiaram a eleição de Mário Soares (PS e PRD), ambos com problemas internos a resolver.

Arrumada a casa socialista em memorável Congresso a que assisti, achado um digno sucessor do actual Presidente da República, resta agora aguardar pela Convenção do PRD a fim de se esclarecerem legítimas dúvidas sobre este partido, fundamental para a condução estratégica da política portuguesa.

Fundamental, porque ele está na crista da onda: possui, no momento, poder decisório sobre questões fulcrais apresentadas na Assembleia; e dele depende, em última instância, a sorte do Governo de Cavaco Silva. Penso que o estado de graça deste executivo está a acabar: resolveu, com a ajuda de factores extrínsecos, o assunto da inflação; mas deixou em aberto ou agravou problemas tremendos como o desemprego (mais de 500 000), os salários em atraso, as relações com os sindicatos, o desenvolvimento e o investimento, mostrando timidez e incompetência no trato com a CEE. O seu relacionamento com a Assembleia da República foi sempre desastroso, provocando estereis discussões e choques, chegando mesmo a uma linguagem imprópria para aquele órgão de soberania. Sustentei em Janeiro que este Governo estava condenado a governar até ao fim do ano; digo agora que este Governo está condenado a ir-se embora: 1987 deverá trazer-nos nova experiência governativa.

2. A teoria da bipolarização, explanada cartesianamente por Vítor Constâncio, foi-me sempre muito grata e os leitores mais atentos recordar-se-ão dos meus escritos neste jornal em 1980-81/82, quando este conceito era uma espécie de presente demoníaco. Continuo pensando que a bipolarização é necessária, pela sua operacionalidade e rendibilidade, permitindo ao mesmo tempo a indispensável vigilância democrática das instituições. De resto, um rápido olhar pelas democracias europeias (e dos EUA) mostra-nos que a teoria tem franca aceitação. Porquê temê-la?

O corte radical de Constâncio com o PSD, o ruir do bloco central, saudosa ilusão de Soares e de Eanes, foi a nota mais saliente do Congresso do PS. Vai sendo ocasião de se desfazerem ambiguidades tão ao jeito de certos cronistas enchedores de colunas hebdomadárias com cheiro a precoce mofo.

O senão de Constâncio é a



Soares: «um digno sucessor»



Cavaco: Governo «condenado» a ir-se embora



Vítor Constâncio: a teoria da bipolarização



Eanes, o «indeciso»

sua proposta desmesurada: subestima o valor do PRD e do PCP; na sua ânsia de ter (e de ser) um Partido Socialista semelhante ao de Espanha e França, Constâncio põe de parte a figura política adequada ao actual momento: a coligação.

Sem uma coligação do campo democrático e socialista (PS, PRD e PCP), semelhante à convergência que elegeu Mário Soares, não é possível fazer frente ao Governo minoritário do PSD. Se o termo coligação é demasiado forte para certos ouvidos, escolha-se outro mais suave: entendimento, consenso, conver-

gência. A nossa língua, não obstante os atropelos quotidianos, desbastes e enxertos televisivos, é de uma finesse incalculável e de uma «finesse» pascaliana.

Em suma, amigos, sem entendimento entre PS, PRD e PCP, só restará a hipótese da eleição antecipada, desprestigiante para o sistema. E será que ela resolveria alguma coisa?

3. A chave, essa tem-na escondida o PRD. E muito bem agachada. Somente depois da Convenção do Outono se saberá o lugar e o papel deste partido na cena política lusitana. Mas o analista poderá tecer as suas conjecturas, formular hipóteses,

aventar consequências: é essa a sua missão. O facto de o PRD acompanhar o PS e o PC em votações fulcrais e a da revisão das leis laborais e a da reforma agrária é apenas um indício, ninguém nos garante que depois de Outubro se verificará a convergência sistemática necessária para derrubar o Governo e formar outro.

O indeciso Eanes será o homem da decisão e irá arriscar toda a sua carreira política. Se, ao que parece, sonha ainda com novo mandato como PR, qualquer passo em falso ser-lhe-á fatal: pelo menos dois adversários de respeito estão já perfilados no

tablado: Mário Soares e Freitas do Amaral. A margem de manobra de Eanes é bastante escassa e não lhe permite erros. Eanes terá tudo a perder se mergulhar no partido que tem a sua imagem e que outros criaram pensando nele. Como líder do PRD, Eanes sofrerá todas as vicissitudes e apoquentações que hão-de cair sobre esta discutível formação: de um mito nacional que foi, passará à reduzida condição de um qualquer político atormentado pela espessura do quotidiano; e quando se quiser erguer para empunhar a flâmula da nova candidatura a PR encontrará a estrada impedida.

Quanto ao PRD, como partido só terá vantagem em seu assumir como força de esquerda, defensora dos puros ideais de Abril, colaborando com o PS e com o PC na construção de uma democracia moderna, progressista, onde a solidariedade não seja uma palavra insignificante.

A presente conjuntura económica é altamente favorável e a esquerda não pode ficar de braços cruzados a ver passar o comboio da fortuna. Fim do ano, começo de 1987 seria excelente altura para libertar este Governo e mandá-lo para a oposição.

Oeiras, 28.7.86

A vontade de poder e as perspectivas eleitorais

TINHA a nossa dúvida, interrogativamente proposta aos leitores destas notas cursivas, inteira razão de ser. Perguntávamos na edição de terça-feira, dia 29 de Julho: «Terá Aníbal Cavaco Silva uma estratégia política ou terá apenas um projecto de Poder?» E veio ontem, quarta-feira, dia 30 de Julho, o Primeiro-Ministro ao Telejornal, reafirmar que pretende governar, realizar o seu programa, sem negociar com uma maioria ou com maiorias parlamentares que, flutuamente, se constituam no seio da Assembleia da República.

Estava o Primeiro-Ministro visivelmente agastado com os partidos. Estava irritado com as dificuldades que se levantam à acção do seu Governo na Assembleia da República. Uma vez mais Aníbal Cavaco Silva parecia confundir duas situações: a de chefiar o partido com maior representação parlamentar e a de chefiar um Governo que não dispõe de maioria parlamentar.

Um Governo minoritário, como lembrávamos em notas anteriores, está sujeito à maioria, ou maiorias, que se oponham em pontos concretos à sua política. É isso não é um drama — dizíamos. É a própria condição de um «Governo minoritário».

Considerávamos um surpreendente **irrealismo político**, da parte de um **político realista**, a agastada, irritada, inconformidade com esta situação real. Daí a nossa interrogação: «Terá Aníbal Cavaco Silva uma estratégia ou terá apenas um projecto de Poder?»

Ontem, numa entrevista adrede organizada para tirar vantagem da larga audiência do Telejornal, o Primeiro-Ministro reafirmou a sua vontade de permanecer no Poder com o seu «Governo minoritário», e deu equivalência à atitude de informar «os partidos democráticos» (sic) e à atitude de «dialogar com as oposições». Repare-se, contudo, que **dialogar**, sendo mais que **informar**, não é o mesmo que **negociar**. E é uma **negociação** que se torna necessária. É uma **negociação** que poderá obviar, ou, de algum modo, atenuar

dificuldades legislativas que resultam para o Governo da condição de ser minoritário.

Esta situação só tem duas saídas: ou o Governo do PSD consegue constituir uma **coligação**, ou prevalecer-se de um **acordo parlamentar**, que lhe garanta uma maioria no quadro da actual Assembleia da República, ou o Governo provoca uma crise com o objectivo da realização de novas eleições legislativas. Mas, esta segunda saída, que, aliás, parece florescer no espírito de Aníbal Cavaco Silva e de outros dirigentes do PSD, não depende só da demissão do Governo, implica que outras instâncias a aceitem e favoreçam: Assembleia da República, Conselho de Estado, Presidente da República.

Presentes na memória dos leitores as reacções dos diferentes partidos à inconformidade irritadíssima do PSD e do Governo em relação às votações recentes na Assembleia da República. Reprovados que foram diplomas legislativos aos quais o Governo atribuía uma grande importância, o desagrado governamental e partidário exprimiu-se em termos que as oposições consideraram injustificados e injustificáveis. O Governo — e ontem Aníbal Cavaco Silva repetiu a operação — lamenta-se de não poder governar com a «competência» que reivindica para si e com a «urgência» que confere à excelência das suas medidas, e, consequentemente, enquanto reafirma a decisão de se manter em exercício, vai dirigindo ao eleito um apelo claro para que lhe dê os meios necessários para realizar o seu programa.

Supondo nós — e sinceramente o dizemos — que Aníbal Cavaco Silva não faz um apelo para criar ambiente para soluções não-democráticas, teremos que admitir que, fiado nos resultados eleitorais do PSD e no sucesso relativo da movimentação da candidatura presidencial de Diogo Freitas do Amaral, o líder social-democrata pretende que se realizem, a curto prazo, novas eleições legislativas. E esta pretensão, alimentada pelas «sondagens», assenta em dois pressupostos: a) a impreparação organizativa do Partido

Renovador Democrático (PRD); b) as actuais dificuldades financeiras do Partido Socialista (PS). Mas, por outro lado, a possibilidade da realização de eleições legislativas depende da Assembleia da República não viabilizar uma solução alternativa de Governo com a presente correlação de forças, e do Presidente da República não encontrar uma solução constitucional adequada mesmo de sua iniciativa.

Em síntese: Aníbal Cavaco Silva como Primeiro-Ministro e como líder partidário suscita uma situação para a qual não domina as hipóteses democráticas de saída. É nesse sentido que se afigura legítimo pôr em dúvida que o PSD e o seu líder tenham concebido uma razoável estratégia política. As relações com o Partido Socialista excluem uma reconstituição do «Bloco Central» ainda que limitado a uma cooperação parlamentar; as relações com o Partido Renovador Democrático tiveram uma evolução de sinal negativo. Tanto o Partido Socialista como o Partido Renovador Democrático terão interesse em que seja encontrada, para uma crise governativa, uma solução de alternativa no presente quadro parlamentar. E o próprio Presidente da República, ouvido o Conselho de Estado que é apenas órgão de conselho, não terá dificuldade em concluir que o jovem Portugal democrático não pode estar sujeito à repetição de caras e agitadas consultas eleitorais.

Assim, a Aníbal Cavaco Silva, entre resignar-se às votações da Assembleia da República e demitir-se, não ficam outras hipóteses no quadro democrático. O Governo é minoritário, essa é a sua condição. Negociar com as oposições é necessário para um Governo minoritário corresponder à sua função. Governar, para um Governo minoritário, não pode consistir numa guerra contra a(s) maioria(s) parlamentar(es). Governação não é imposição. As soluções nacionais discutem-se, afeiçoam-se no debate parlamentar e público, não são propriedade de salvadores predestinados. Um **político realista** terá que ter em conta a situação concreta.

O que arde cura

Beja Santos

O redimensionamento das embalagens de medicamentos tem sido pretexto para uma troca cortês de esclarecimentos telegramáticos e categóricos entre a ministra da Saúde, de um lado, e as empresas fabricantes e distribuidoras da química farmacêutica, por outro. Subentende-se da leitura de tal prosa que aos implicados move o interesse nacional (que não faltam embalagens ao doente carenciado!), a defesa da iniciativa privada (não se pode prejudicar o sistema financeiro das empresas, entupindo-as com toneladas de embalagens irrecuperáveis) e a defesa do abastecimento e do melhor preço (realmente, não podemos omitir que há um sector industrial dependente de fornecedores, desde a cartonagem à etiquetagem, há legitimidade para fazer stockagens até 6 meses, e que conviria repensar os monstruosos desperdícios que recairiam sobre os preços ao consumidor por se tornarem irrecuperáveis toneladas e toneladas de bisnagas e embalagens de vidro). Aparentemente, todos têm razão. Mas levante-se um pouco o manto diáfano das fantasias e das omissões, mais ou menos indiscretas.

Primeiro, as multinacionais da

química farmacêutica, de boa mente, não deviam argumentar surpresa quanto à decisão assumida em Maio último pela ministra da Saúde. Todo este pânico é cenografia pura. Em Setembro de 1985, o então ministro Maldonado Gonetinha tinha previsto o diploma legal do redimensionamento das embalagens, inclusive deixou-o aprovado. Seguiu-se a mudança de governo, e o diploma publicado em Maio em pouco difere do anterior. Simular dificuldades excessivas vale pelo que significa: ao tentar adiar o inevitável, a indústria procura amealhar à custa dos entorses de opinião. É triste que o consumidor seja sempre o último a saber...

Segundo, o redimensionamento é muito importante, mas não é o mais importante. Se, de um modo geral, tínhamos (e ainda temos) as maiores embalagens em número de unidades de toda a Europa Comunitária, temos as maiores dosagens por embalagem, isto é, a concentração por princípio activo continua a ser a maior da mesma Europa. Questão elementar, caro consumidor: quanto maior for a dosagem maior é o preço. O que não tem a ver nem com o inte-

resse nacional, com a defesa do abastecimento e privilegia certa iniciativa privada. Mas acerca da dosagem ninguém se pronuncia.

O redimensionamento só tem sentido se a medida seguinte for a de mexer na dosagem. Cá estamos para presenciar a berraria seguinte.

Terceiro, todos os envolvidos esforçam-se por lavar as mãos à Pilatos, endossando a responsabilidade do aumento de preços para os «outros»: hoje, que muitos batem fragorosamente com o punho no peito a prestar vassalagem à concorrência, poucos são os que se preocupam com a intervenção do Estado na política de preços. Cada vez mais os encargos da Saúde pesam no OE. Daí o cuidado em controlar o mais possível os gastos em medicamentos. Aliás, que mais são os medicamentos em venda livre se não um escape para aliviar os encargos do Estado? Arrisco o argumento de que uma das razões apresentadas pela indústria, até 1980, quanto à grande dimensão das embalagens: era a de que a política de preços ameaçava as empresas. Dito com franqueza: criou-se uma cumplicidade político-económica em que a única forma de amenizar os problemas de gestão das empresas era ir sancionando a dimensão

exagerada das embalagens e a dosagem. Se a indústria tem as embalagens que tem, e pratica os preços que pratica, foi porque os sucessivos governos, sem excepção, os autorizaram.

Quarto, ao contrário do que fazem supor as empresas, não há argumentos para demonstrar que a política de preços dos medicamentos em Portugal seja menos favorável para elas que em França, Itália e Espanha (em França, foi recentemente autorizado o aumento anual de 2%).

Os reembolsos dos medicamentos efectivamente pagos pelo Serviço Nacional de Saúde, em 1985, não chegaram a 24 milhões de contos. Ora, em 1986 tais reembolsos não vão ser inferiores a 32 milhões. Trata-se de um aumento de cerca de 40%, isto apesar da Portaria saída em Janeiro limitar os preços dos medicamentos. Triste recorde: não há bem de consumo essencial que vá conhecer um aumento tão disparatado (a taxa prevista para a inflação, em 1986, é de cerca de 14%).

Quinto, a levar-se a fio de espada o calendário apazado, independentemente da vista grossa que a indústria tem feito ao redimensionamento, gerar-se-ia uma situação calamitosa com efeito de «boomerang» em alguns sec-



tores industriais e comerciais. Prova de tréguas, aí estão os últimos comunicados da API-FARMA e da Associação Nacional das Farmácias a indiciar um tratamento mais favorável para os medicamentos em stock, quer nas farmácias quer nos armazéns, e uma mais esfiada ponderação sobre especialidades farmacêuticas que carecem de uma apreciação mais demorada quanto às consequências do redimensionamento.

E resta-nos bafejar o futuro. Como? Estarmos atentos a eventuais trasigências com a medida política do redimensionamento. Ver se o problema das dosagens é escamoteado: se se continuar a aumentar a dosagem perde-se o efeito do redimensionamento (haverá que repensar esta vertente de custos de saúde e segurança social). E esperar que as empresas não ensaiem técnicas de «marketing» para seduzir a caneta do médico...

Parlamento vai ter menos férias

O Parlamento, que dediciu antecipar este ano de um mês o seu regresso de férias, produziu cerca de 70 novas leis nos primeiros meses de 1986. De facto, o reinício dos trabalhos parlamentares foi este ano marcado para Setembro, mês em que a Assembleia vai estar tão ocupada que o seu presidente, Fernando Amaral, adiou já uma deslocação à Coreia e ao Japão que tinha prevista para a segunda quinzena daquele mês.

A uma sessão legislativa marcada pelo aparecimento do PRD e pelo reforço do Parlamento, a partir de 15 de Outubro, uma outra naturalmente assinalada pela próxima revisão constitucional. Reuniões de numerosas comissões e as jornadas parlamentares do PS (de 25 a 27) estão já marcadas para Setembro, não estando excluído que o presidente da Assembleia se desloque, logo no início do mês (dia 4), aos Açores para as comemorações do 10.º aniversário da autonomia.

Também a Comissão Permanente da Assembleia que nos «interregnos» das sessões legislativas

substitui o plenário, tem reuniões marcadas para os dias 11, 18 e 25 de Setembro.

O mesmo se passa com os grupos de trabalho para a revisão da Lei Orgânica e do Regimento da Assembleia (cada um dos quais tem já apazadas seis reuniões para Setembro), de que fazem parte Fernando Amaral e representantes de todos os partidos.

A Lei Orgânica da Assembleia não é revista desde 1977, mas o Regimento, pelo contrário, ainda recentemente foi objecto de grandes alterações.

Também as Comissões Parlamentares de Saúde, Equipamento

Social (esta para debate da Lei de Bases do Ambiente) e a de Inquérito às ilegalidades do MAP contra a Reforma Agrária, estão já convocadas para Setembro. O mesmo se passa com a Comissão de Administração Interna e Poder Local, que está ocupada com a preparação da nova Lei das Finanças Locais.

Fim das tréguas

Depois, a partir de 15 de Outubro, a eleição do presidente e restantes elementos da mesa da Assembleia será, como tem sido costume nos anos anteriores, o primeiro assunto «quente» da nova sessão legislativa.

Mas o fim do ano de tréguas dado pelo PRD ao Governo, o processo de revisão constitucional e o debate do Orçamento para 1987 serão também notícias de primeira página no próximo ano parlamentar.

Entretanto, nunca como na sessão legislativa que está a terminar,

o Parlamento foi tão longe no seu papel constitucional de fiscalizador da actividade dos Governos.

Nas relações Parlamento/Governo, a iniciativa pertenceu muitas vezes ao primeiro, o qual «marcou o tom» mesmo em debates como os do Orçamento de Estado ou do Programa do Governo.

As próprias comissões parlamentares mostraram-se mais intervenientes e opinativas, de tal maneira que os pareceres elaborados para acompanhar os diplomas ao debate no Plenário, tradicionalmente neutrais e formais, foram este ano mais densos, incluindo muitas vezes juízos críticos sobre os projectos em apreço.

Fernando Amaral, por seu turno, ao contrário do que era costume entre a generalidade dos seus antecessores, tem sido um presidente da Assembleia interveniente, tanto em questões relacionadas directamente com os deputados como nas que dizem res-

peito à vida dos serviços parlamentares.

Menos maratonas

Novidade nesta sessão legislativa foi também o pequeno número (comparativamente aos anos anteriores) de reuniões plenárias durando quase 24 horas e acabando já alta madrugada — isto em resultado de um crescente planeamento dos trabalhos.

Mesmo nos últimos dias do ano parlamentar, em que eram tradicionais as «maratonas», nomeadamente para aprovar os volumosos pacotes de autorizações legislativas que os governos costumavam pedir ao Parlamento antes das férias dos deputados, este ano não se verificaram, até porque o referido «pacote» só teve de se dividir em três propostas.

Uma curiosidade da sessão legislativa foi o facto de o renovador Sousa Pereira ter substituído Magalhães Mota como o deputado

que mais requerimentos apresentou ao Governo.

Quanto à produção legislativa, as cerca de 70 leis aprovadas em votação final global, só nestes primeiros seis meses de 86, são desde já um indicio de que, no final, o ano vai ficar entre os que viram nascer no hemiciclo um maior número de diplomas.

De facto, os anos de 1976 (11 leis aprovadas pela Assembleia), 77 (95), 78 (77), 79 (82), 80 (49), 81 (52), 82 (34), 83 (43), 84 (75) e 85 (148), a maioria das quais de criação de novas vilas e freguesias, não registaram, com excepção de 85 que foi um caso especial, muito maior número de leis.

No final da sessão legislativa, um espectáculo de teatro na sala do Senado em honra dos fundadores da República veio acrescentar mais uma nota curiosa à história de um Palácio (S. Bento) que já teve dois incêndios, um sequestro, serviu de cenário a um filme (Monte Cristo) e de prisão a Bogaça.

MNE contraria informações de fontes diplomáticas de Camberra

Cônsul português em Darwin não foi às cerimónias de Dili

Ao contrário do que as agências noticiosas publicaram ontem, o Ministério dos Negócios Estrangeiros afirma que o cônsul português em Darwin (Austrália) não assistiu às cerimónias comemorativas do 10.º aniversário da anexação militar de Timor-Leste, pela Indonésia, realizadas na cidade de Dili.

Segundo o porta-voz do Ministério, o embaixador Brito e Cunha, o cônsul Costa Alves estivera efectivamente naquela cidade acompanhado por sua mulher e sua filha, mas em regime de gozo de férias. Aquele diplomata revelou ainda que Costa Alves — um cidadão com dupla nacionali-

dade (portuguesa e australiana) — não participou em nenhuma reunião política ou comemorativa, ao contrário do que afirmaram fontes diplomáticas de Sidney.

Como o «DL» publicara na sua edição de ontem, Costa Alves esteve de visita a Dili, onde teria assistido às comemorações militares da anexação do território de Timor-Leste pelos indonésios.

Independentemente das afirmações do embaixador Brito e Cunha, o Ministério dos Negócios Estrangeiros deu instrução à Embaixada portuguesa de Camberra para proceder a averiguações sobre este caso.

No primeiro encontro com o presidente sul-africano

Azevedo Soares explica a Botha posição do Governo de Lisboa

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, foi recebido ontem em Pretória pelo presidente sul-africano, Pieter Botha. Hoje mesmo deverá reunir-se com o chefe da diplomacia Roelof Pik Botha.

Em declarações prestadas à NP, na capital da África do Sul, Azevedo Soares revelou que tinha explicado ao Governo de Pretória «os pontos de vista do Governo português sobre os conflitos que se acentuam nesta região». Recorde-se que este governante se deslocou à região da África Austral para conversações com as autoridades locais, governamentais e da oposição legal e ilegal, e se avistar com a comunidade portuguesa residente na África do Sul, estimada em mais de 700 mil cidadãos.

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros conversou durante 45 minutos com o presidente Pieter Botha, a quem entregou uma mensagem pessoal do Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva. O mensageiro recusou-se obviamente a comentar ou revelar pormenores da mensagem do chefe do Executivo português, como de resto já havia feito em Maputo, por ocasião da entrega a Samora Machel de uma outra missiva assinada por Cavaco Silva. Rezam as crónicas que Azevedo Soares foi particularmente bem recebido pelas autoridades sul-africanas, de tal modo que Pik Botha ofereceu um cocktail em sua honra, no qual participaram alguns elementos «prominentes» da comunidade por-

tuguesa na capital sul-africana. «As conversações com Pieter Botha foram francas e positivas», disse Azevedo Soares que apareceu, mais tarde, com dois dirigentes sul-africanos no Telejornal da noite, transmitido em afrikander. Diga-se, de passagem, que a Televisão da África do Sul dá as principais notícias em afrikander às segundas e sextas, quartas e sextas e em inglês às terças, quintas e sábados. Aos domingos alterna os dois idiomas oficiais.

Portugal contra sanções económicas

À conversa com os jornalistas, Azevedo Soares afirmou que «Portugal é absolutamente contrário às sanções económicas à África do Sul», uma vez que do ponto de vista do Governo de Lisboa «elas geram a violência e Portugal defende o diálogo aprofundado como único meio válido e duradouro de resolver os conflitos». O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros chegou a Pretória no dia que o ministro dos Estrangeiros da Grã-Bretanha, Geoffrey Howe partiu daquela capital aonde se deslocou em missão da CEE.

O tom do discurso de Azevedo Soares foi entretanto considerado unanimemente mais favorável aos



desenvolvimentos da política sul-africana preconizados pelo Governo de Botha, se comparado com os pronunciamentos públicos de Howe. Recorde-se que Pik Botha acusou abertamente o ministro britânico de interferir nos negócios internos da África do Sul.

A propósito da insistência na libertação de Nelson Mandela, Botha perguntou a Geoffrey Howe se a Inglaterra estaria na disposição de libertar Patrick McGee, do IRA. Geoffrey Howe encontrou-se também com o chefe do butantso do Kuazulu com quem irá avistar-se Azevedo Soares.

Este encontro, segundo disse o secretário de Estado à NP, terá lugar certamente na sexta-feira em Durban. Buthelezi, um chefe tribal com numerosos apoios ocidentais e sul-africanos ao nível oficial, sobre as sanções, uma opinião muito semelhante à do Governo português.

Ele disse a Howe que sanções económicas contra a África do Sul poderiam destruir a economia do país, útil um dia a um Governo democrático. Segundo disse um observador político local as diferenças entre Howe e Soares, soam a duas modalidades de uma mesma partitura.

Mais uma que vem do Funchal

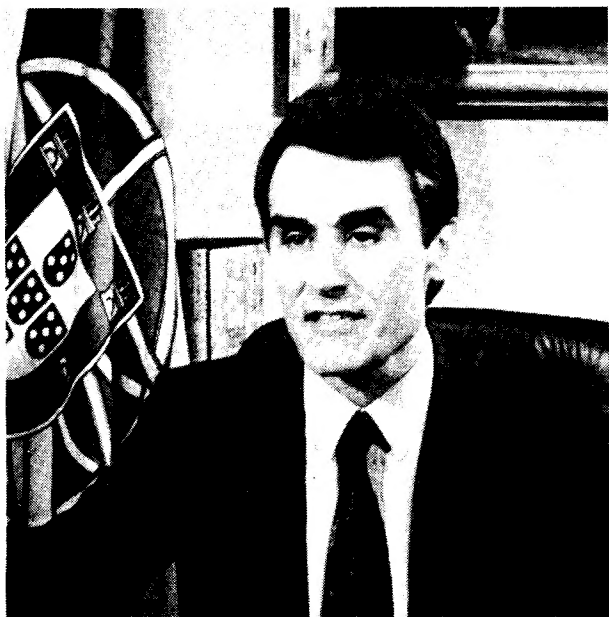
PSD/Madeira considera «inútil» o Tribunal Constitucional

A comissão política regional da Madeira do PSD considera que o Tribunal Constitucional «perfeitamente inútil e inaceitável na sua actual composição e no sistema em que funciona». Para os socialistas-democratas, esta instituição judicial tem adoptado «posições restritivas ou hostis às autonomias políticas dos arquipélagos portugueses».

A tomada de posição do PSD madeirense prende-se com o facto de o Tribunal Constitucional não ter dado razão ao pedido de declaração de inconstitucionalidade da lei sobre os direitos de antena da oposição. Recorde-se que o pe-

dido havia sido feito pela Assembleia Regional e pelo presidente do governo regional, Alberto João Jardim, e baseava-se na violação de requisitos constitucionais, nomeadamente o princípio da igualdade, consagrado no artigo 17 da Constituição, por ser então diferente do continente o regime imposto à Madeira.

Os socialistas-democratas consideraram que a composição do Tribunal Constitucional resulta da interferência dos partidos representados na Assembleia da República, «o que significa a parlamentarização política de tal órgão».



Cavaco Silva dá "entrevista" à RTP

Depois das «sondagens» de duvidosa motivação e discutível fidelidade, a máquina de propaganda do Governo Cavaco Silva virá-se para as entrevistas? É o que se pode deduzir da forma como ontem abriu o Telejornal, com o primeiro-ministro a responder de pronto a perguntas talhadas para que, em período de férias, não esmoreça a guerrilha que vem alimentando com o Parlamento.

«O Governo não se vai embora, não foge às responsabilidades», apesar dos «obstáculos» levantados pela oposição, esta é a mensagem que o primeiro-ministro quis transmitir naqueles preciosos minutos do tempo nobre da RTP, oportunamente postos ao seu dispor.

«Somos o Governo legítimo de Portugal, ganhamos as eleições, o que queremos é cumprir o nosso programa», sublinha o primeiro ministro.

E quando o programa do Governo não é cumprido? A culpa é da oposição. Exemplo: a legislação sobre a Reforma Agrária e o sector laboral, «chumbada» no Parlamento. «Naquilo que depende de nós, temos vindo a cumprir, mas é o povo português que julgara a nossa acção», insiste sem deixar

de considerar que as leis labrais e agrícolas eram fundamentais para «modernizar a economia portuguesa» e para «melhorar as condições de vida da população».

Toda a oposição acusa este Governo de fuga ao diálogo. Cavaco desmente: «O Governo tem dialogado com os partidos democráticos», e se estes dizem o contrário fazem-nos por mera «propaganda política». Prova? «Os próprios partidos disseram várias vezes não estar interessados em participar no Governo».

Na base dos «obstáculos da oposição» o primeiro-ministro encontra o PCP, que se opõe a leis fundamentais por razões «de cunho político e ideológico». O Governo não se deixa enganar e denuncia, mas, para surpresa do primeiro-ministro, «alguns partidos democráticos» continuam, apesar disso, a deitar-se «impressionar pela argumentação» dos comunistas.

Apesar de toda esta incompreensão, o Governo vai continuar. É com a repetição desta ideia — para isso serviu a entrevista — que Cavaco Silva remata: «Vamos continuar com a mesma vontade, com o mesmo vigor».

Dois já teriam morrido

Teme-se pela sorte de 15 portugueses em poder da Renamo

Exactamente há um ano, 24 cidadãos portugueses e seis estrangeiros foram feitos prisioneiros pela Resistência Moçambicana (Renamo) na vila açucareira do Luabo, província da Zambézia. Até ao momento, 11 daqueles prisioneiros foram já libertados o que sucedeu a 28 de Agosto passado. Os restantes 19, entre os quais 15 portugueses, dois indianos e dois paquistaneses, continuam em poder da Renamo, que afirma devolvê-los à liberdade mediante certas condições.

Neste período de tempo, segundo disse à Anop o representante da Renamo para a Europa, Jorge Correia, dois cidadãos portugueses já morreram.

De acordo com Jorge Correia, trata-se de Herculano Silva, de 61 anos, que morreu em 29 de Outubro no acampamento de Ziua-Ziua, devido a falta de assistência médica, e de Josée Soares, de 37 anos, que morreu à fome em Fevereiro.

A libertação dos restantes 19 cidadãos em poder da Renamo tem vindo a ser sucessivamente adiada, atirando cada uma das partes a culpa do facto para a outra.

Assim, o filho de Herculano Silva, já falecido, e de Leopoldina Silva, em cativeiro e que segundo informações ainda não confirmadas teria já falecido, acusa o Ministério português dos Negócios Estrangeiros de «negligência e apatia» na solução do caso.

António Herculano disse à Anop que o MNE «nem sequer dispunha de informações mínimas do que se tinha passado e deveria tê-las. Tenho provas concretas de que houve negligência pura e simples».

António Herculano acusa o MNE de não «accionar os canais oficiais e não-oficiais ao seu dispor».

«Se não sabem quais são, que o

pergumentem à União Soviética, à França, à Itália e à Grã-Bretanha, que têm resolvido problemas idênticos em pouco tempo», acrescentou.

Pelo seu lado, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador Brito e Cunha, disse à Anop que se trata de «um assunto muito delicado» e que compreende «contactos triangulares, envolvendo Lisboa, Genebra (Cruz Vermelha Internacional) e Maputo».

«Existe total coordenação entre o consulado de Portugal na Beira, a Embaixada em Maputo e o governo moçambicano. Os contactos não avançaram mais porque a Cruz Vermelha Internacional e a Renamo não conseguiram chegar a acordo», disse Brito e Cunha.

A Renamo afirma que as culpas da situação se ter arrastado durante um ano não lhe podem ser dirigidas.

«Quando ocupámos a vila de Luabo, informámos a Cruz Vermelha (CICR) que estávamos ao dispor para a libertação dos que quisessem partir. Nessa altura, o CICR pediu autorização a Maputo para que um avião da organização, estacionado em Quelimane, se deslocasse a Luabo para a recolha dos trabalhadores em nosso poder», disse Jorge Correia.

«Maputo indeferiu continua-

mente os pedidos, e, em Dezembro, o CICR desistiu. Os planos previamente acordados entre nós e a Cruz Vermelha eram continuamente sabotados pela Frelimo», afirma a Renamo.

Jorge Correia adiantou que, por intervenção pessoal do presidente da organização, Afonso Dlakahama, os reféns seriam «o mais brevemente postos junto de uma fronteira com o Malawi».

«Não os deixámos partir de Luabo para as zonas controladas pela Frelimo — continuou Jorge Correia — porque temos a experiência de ocasiões anteriores em que cidadãos por nós libertados são depois abatidos pela SNASP moçambicana (Serviços Secretos)».

Jorge Correia diz que «todos (os reféns) estão em perfeito estado de saúde».

Contudo, António Herculano também dirige críticas à actuação da Renamo e do governo moçambicano.

Nas declarações que fez à Anop, António Herculano acusa a Renamo de manter os restantes reféns em «péssimas condições higiénicas, haver falta de alimentos e de assistência médica. Pode dizer-se que há o risco de todos morrerem durante o cativeiro».

«Por tudo isto não se compreende que a Renamo ainda os mantenha prisioneiros. Teve e tem possibilidades de os libertar de imediato, se não o fez não deve passar para terceiros a responsabilidade disso», acrescentou.

Quanto ao governo moçambicano, António Herculano considera que tem tantas culpas no arrear do sucedido como o Governo português.

Pelo carácter humanitário da situação, espero que o governo da

República Popular de Moçambique não entrave qualquer solução possível para esta situação dramática», acrescentou.

Para a Renamo, aqueles cidadãos não estão em regime de cativeiro: «Controlamos a margem esquerda do rio Zambeze, e consideramos que as pessoas que se encontravam na área que nós ocupámos em Julho de 1985 passaram a estar sob o nosso controlo, não que tinham sido raptadas», explicou Jorge Correia.

Neste jogo de pingue-pongue, em que vidas humanas estão envolvidas, também o número de mortos não coincide. A Renamo diz que morreram apenas duas pessoas do grupo inicial de 30, em seu poder desde 30 de Julho de 1985, e António Herculano diz ter a certeza que em Outubro morreu um outro português, Sebastião Miranda, pelas mesmas razões que seu pai: falta de assistência médica.

Sebastião Miranda, afirma António Herculano, que foi libertado «cerca de um mês depois da ocupação de Luabo, morreu devido a gangrena».

A vila de Luabo, na margem esquerda do rio Zambeze, era o principal centro açucareiro da Sena Sugar Estates, o qual com Marromeu, atacado em Fevereiro de 1985 pela Renamo, constituía um dos maiores centros açucareiros do Mundo.

Entre Janeiro de 1982 e Outubro de 1984, as acções da Renamo atingiram 29 portugueses. Deste, cinco foram mortos, 23 raptados e um foi ferido.

Em 1985, 45 cidadãos portugueses foram raptados. Destes, um (Herculano Silva), morreu e os restantes continuam em poder da organização. Em 1985 a Renamo libertou 31 cidadãos portugueses que mantinha em seu poder desde 1984.

Para assistir aos congressos do SPD e Trabalhista

Vítor Constâncio vai à RFA e Grã-Bretanha

O secretário-geral do PS desloca-se no próximo mês e no seguinte à RFA e Grã-Bretanha para assistir aos congressos dos partidos Social-Democrata (SPD) e Trabalhista.

De acordo com a «Acção Socialista», que torna pública esta notícia, Vítor Constâncio

estrear-se-á assim em deslocções ao estrangeiro na qualidade de líder do PS.

Entre 1 e 15 de Setembro, o novo dirigente socialista deverá participar numa reunião do grupo socialista do Parlamento Europeu.

Jaime Gama no governo sombra

O ex-candidato a secretário-geral do PS, Jaime Gama, aceitou entretanto integrar o novo «governo sombra» do partido, com responsabilidade na área da Defesa. Segundo revelou a Anop, citando uma fonte parti-

dária, Miranda Calha, outro elemento da estrutura minoritária do partido, aceitou idêntico convite para a área da Juventude e Desportos.

A mesma fonte revelou que a constituição do novo «governo sombra» do PS será anunciada em princípios de Setembro.

Açores e Madeira preparam revisão constitucional

Os sociais-democratas dos Açores e da Madeira vão preparar conjuntamente a próxima revisão constitucional em matéria de autonomia regional.

Isto mesmo foi dito por Mota Amaral, numa conferência de Imprensa na qual referiu que, entre as questões a serem debatidas no âmbito da próxima revisão do Texto Fundamental, figura a extinção do cargo de Ministério da República.

Interrogado sobre se defende a extinção daquele cargo para evitar a repetição de situação como a que levou à nomeação do brigadeiro Rocha Vieira contra a vontade das autonomias regionais, o dirigente açoriano disse que tal se deve ao facto de se tratar de uma figura «transitória» no sistema autonómico.

A reivindicação da extinção das funções de ministro da República «decorre da evolução normal do

regime autonómico democrático», salientou.

No encontro com os jornalistas, promovido pela comissão política dos sociais-democratas açorianos, foram perspectivados os resultados da revisão, aprovada na Assembleia da República, do estatuto político-administrativo dos Açores, que, segundo referiram, «veio consagrar o projecto de autonomia progressiva» preconizada pelo PSD.

Para o partido maioritário nas ilhas, a revisão estatutária «abre caminho (pela clarificação e ampliação dos poderes dos órgãos regionais em matéria fiscal) para um sistema fiscal mais justo, mais simples e adequado às necessidades de desenvolvimento da economia dos Açores».

O secretário açoriano das Finanças, Alvaro Dâmaso, anunciou a apresentação da Assembleia da República de uma ante-

proposta de lei quadro «definidora dos sistema fiscal regional», que será «a oportunidade para encetar uma viragem da economia do arquipélago».

Outra das mais importantes disposições do estatuto previsto tem a ver, segundo os sociais-democratas, com a «possibilidade de as leis regionais revogarem, em matéria de interesse específico, leis nacionais que não sejam da competência exclusiva

dos órgãos de soberania».

O PSD-Açores considera que a revisão do estatuto «poderia ter ido mais longe» se não fosse a actuação dos partidos da Oposição (CDS, PS, PRD e PCP).

Entre as disposições para as quais o PSD/Açores pretende consagração estatutária, figura a da criação de um círculo eleitoral próprio para o Parlamento Europeu.

Segurança prisional e insegurança cívica

Continuação da pág. 1

Só trinta minutos depois de se ter verificado a fuga as autoridades exteriores à cadeia foram alertadas, segundo informações tornadas públicas. O dispositivo policial para deter os fugitivos mostrou-se inoperante. De Grândola à região Alte-Loulé, as estradas estiveram abertas aos fugitivos de Pinheiro da Cruz.

Note-se que iam armados esses homens em fuga, dispostos a vender cara a liberdade como pelo preço caro de vidas humanas a tinham alcançado. Note-se que iam armados que, na estrada, representaram uma real insegurança para os cidadãos deste país e para os estrangeiros que nos visitam. E tudo tendo presente, há motivo para perguntar: Como é possível?

Como é possível esta insegurança das cadeias de alta segurança? E como é possível a ineficácia das forças policiais e militarizadas às quais cabe a vigilância do território e a protecção dos bens e das vidas dos Portugueses?

Durante 10 dias

PR residente no Paço de Guimarães

Mário Soares vai estabelecer-se durante dez dias no Paço Duquel de Guimarães, uma das residências oficiais do Chefe de Estado e até agora nunca utilizada pelos inquilinos de Belém.

Para cuidar da estadia do Presidente da República, já se encontra em Guimarães um consultor da Presidência encarregado de tratar dos aspectos logísticos da estadia de Mário Soares, programada para 15 a 25 do próximo mês de Setembro.

Dado que o Presidente da República estará no exercício das suas funções durante a sua estadia em Guimarães, Soares será acompanhado por elementos da Presidência, o que supõe uma certa organização, segundo adiantou a agência Notícias de Portugal um informador do Palácio de Belém.

Durante os dez dias que vai ficar instalado no Paço Duquel, o Presidente da República tenciona, aliás, fazer visitas a outras localidades do norte, dando seguimento ao

desejo de «descentralizar» a Presidência da República, esta deslocando-se, assim, por períodos razoáveis fora da capital.

Edifício do século XV

O Paço dos Duques de Bragança, onde Soares e os seus serviços de apoio se vão sediar por dez dias, é um edifício monumental e um dos principais exemplares, em Portugal, da arquitectura civil do século XV.

Mandado construir por D. Afonso, filho de D. João I, e D. João de Bragança, que conhecia as moradas dos nobres dos países europeus em que viajara, o edifício, classificado como monumento nacional, é composto por quatro corpos que deixam, no meio, um amplo pátio.

As obras de construção

tiveram início por volta de 1420 e, sessenta anos depois, o edifício estava concluído, seguindo a planta de Mestre Antom, e a supervisão de Johane Steves. O arquitecto deveria ser de origem normanda ou francesa, dado que a obra revela mistura de elementos gótico-normandos e portugueses.

Apesar do seu valor arquitectónico, o Paço Duquel teve uma vida atribulada. Em 1666, os Capuchos de moliram a frontaria para erguerem um Convento e, no princípio do século, lá estava estabelecido o Regimento de infantaria 20, tendo apenas sido restando na década de 40, o que possibilitou que uma boa parte do edifício esteja, agora, aberta ao público.

Regresso a Lisboa em Setembro

A «incursão» até Guimarães completa um período pelo País que o Presidente da República vai efectuar até final de Setembro. Soares, que se encontra desde terça-feira na sua residência algarvia



da praia do Vau, regressa a Lisboa a 8 de Agosto para, 24 horas depois, seguir rumo a Ponta Delgada, onde embarca no navio escola Sagres, com destino a Lisboa.

Com origem em Nova Bedford, nos Estados Unidos, aquele navio-escola da marinha de guerra portuguesa, na véspera desta altura rumo aos Açores, devendo aportar

a Ponta Delgada a 7 de Agosto.

Depois da viagem de mar, e da estadia fora de Lisboa, com passagem pelo Paço Duquel de Guimarães, o Presidente da República só regressa à capital em fins de Setembro, para receber os Reis da Suécia, Carlos Gustavo e Sílvia que iniciarão, então, uma visita oficial ao nosso País.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Doutor António Ferreira Xavier Forte, Juiz do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Manda anunciar que pelo Terceiro Juízo, segunda Secção deste Tribunal correm seus termos uns autos de acção emergente de Contrato Individual de Trabalho com processo ordinário, registados sob o n.º 19/82, em que são autor JUSTINO RODRIGUES FEITAS, residente no Bairro dos Fetais, Vivenda Marina Camarate, Sacavem e Ré «INTERMONT — MONTAGENS INDUSTRIAIS, Lda», com sede em parte incerta e com última sede conhecida na Rua João das Regras, n.º 2, no Estoril, estando nestes autos designado o dia 10 de Outubro do corrente ano, pelas 14.30 h para se proceder a audiência de discussão e julgamento, devendo o legal representante da firma comparecer pessoalmente em julgamento, devendo o legal representante da firma comparecer pessoalmente em julgamento, devendo o legal representante da firma comparecer pessoalmente em julgamento, devendo o legal representante da firma comparecer pessoalmente em julgamento.

Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos 23 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
António Ferreira Xavier Forte
A Escriturária
Lidia Inácia Custódio Prouença

«DL» 31/7/86 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO ANÚNCIO

O Doutor Joaquim Dias, Meritíssimo Juiz de Direito do 13.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

Faz saber que, pela 1.ª Secção deste Juízo, nos Autos de Acção Especial de Despejo, que o Autor António Manuel da Silva Brilhante, com residência na Calçada do Combro, n.º 71-3.º andar, em Lisboa, move contra o Réu Efigénio Airosa Gomes Pinheiro, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Marcos Portugal, n.º 67, r/c Esq. em Lisboa, e este réu citado para comparecer pessoalmente neste Juízo no próximo dia 17 de Outubro de 1986, pelas 10 horas, ou fazer-se representar por mandatário com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder a tentativa de conciliação, nos autos acima indicados, que lhe são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria, advertindo-se de que se faltar não é motivo de adiamento, sendo, por isso, condenado em multa e ainda de que tem o prazo de dez dias a contar da tentativa de conciliação, e caso esta se frustrar, contestar, sob pena de ser condenado no pedido.

Lisboa, 29 de Julho de 1986

O Juiz de Direito,
a) Joaquim Dias

O Escrivão Judicial
a) Henrique Duarte Coelho

«DL» 31/7/86 — 1.ª pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

14.º Juízo
1.ª Secção
Proc. n.º 143/85 — CIT — ORD.
O DOUTOR LUIS MANUEL CHAVES DA FONSECA FERRÃO, Juiz de Direito Auxiliar do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

Faz saber que pela 1.ª secção deste juízo e, nos autos de acção com proc.º comum ordinário que Maria Lisete Amorim de Almeida Ferreira Abrantes move contra TRAILER TIR — TRANSPORTES INTERNACIONAIS, LDA., com sede conhecida na Rua Barão de S. Cosme, n.º 213 1.º, salas 5 e 6 no PORTO e actualmente em parte incerta, correm editos de trinta dias (30), citando a referida re, para, no prazo de dez dias (10), findos que sejam os dos editos, que compareça a contar da segunda e última publicação deste anúncio, querendo, contestar a referida acção, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pela autora.

O duplicado legal encontra-se na secção onde poderá ser solicitado.

E para constar se lavrou o presente anúncio e outros de igual teor que vão ser devidamente publicados nos lugares que a lei determina.

Lisboa, 24 de Julho de 1986

O Juiz de Direito Auxiliar
Luis Manuel Chaves da Fonseca Ferrão

O Escrivão Adjunto
António José Ferreira Miguel

D.L. 31/7/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

Pelo Primeiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, se anuncia que correm termos pela primeira Secção deste Juízo uma acção de contrato individual de Trabalho registada sob o n.º 117/86, movida pelo Autor Jorge Manuel de Almeida Matos, residente em Azinhaga Vale Fundão, Bloco 40-1.º Esquerdo — 1900 LISBOA, contra Aliança Metalúrgica, Lda., com última sede conhecida na Rua do Telhal aos Olivais, n.º 25 — 1900 LISBOA e esta Ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de oito dias que começa a correr depois da data da publicação do segundo e último anúncio, sob a cominação de ser condenada imediatamente no pedido constante do duplicado da petição inicial que se encontra depositado na secretaria deste Juízo e que consiste no pedido de vencimentos; subsídios de Férias e de Natal num total de 371 725\$00.

Lisboa e Primeiro Juízo do Tribunal do Trabalho aos vinte e quatro de Julho de mil novecentos e oitenta e seis

O Juiz de Direito,
João Antonio Valente Torrão

O Escrivão de Direito,
Joaquim de Carvalho Grilo

«DL» 31/7/86 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO ANÚNCIO

Carta Precatória n.º 371 da 3.ª Secção, vinda da Comarca de S. João da Madeira e extraída dos autos de Execução de Sentença que Manuel Germano de Almeida Trindade move a António Alberto Correia Rebelo, residente na Estrada de Benfica, 739 Loja 5 Lisboa.

No dia 14 de Outubro de 1986, pelas 14.00 h, a porta deste Tribunal processual, para a primeira vez, será aberta para serem arrematados os valores indicados no processo, um lote de 560 pares de meias e mulher, de diversos modelos.

Lisboa, 23 de Julho de 1986
O Juiz de Direito
a) Jorge do Amaral

O Escrivão Adj.
a) José António Costa Penaforte

«DL» — 31/7/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO ANÚNCIO

Processo n.º 7956
1.ª Secção

Para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos do executado ARLETE RODRIGUES ANDRADE CORREIA, residente na Rua Cidade da Praia, n.º 344, 1.º Dt.º, em Lisboa, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por ANTÓNIO MARIA LICO HELENO

Lisboa, 24 de Julho de 1986

O Escrivão de Direito
a) JOSÉ MARIA SIMÕES

O Juiz de Direito
a) JOÃO MANUEL DA CRUZ

«DL» 31/7/86 — 1.ª Pub.

"Olá Bebê" fornece números e conselhos

Portugal entre os primeiros ocidentais na percentagem de mães adolescentes

Portugal é um dos países ocidentais com maior incidência de mães adolescentes (11 por cento), disse o médico Miguel Oliveira da Silva, no seminário «Olá Bebê», a decorrer em Lisboa.

A taxa de mães adolescentes está estabilizada desde há quatro anos, após ter crescido vertiginosamente na década de 70, afirma o médico, que citou, entre os factores responsáveis pelo fenómeno, a antecipação da primeira menstruação e fertilidade, o aumento e antecipação da actividade sexual e a dificuldade no acesso à contracepção.

«Tem-se dedicado menos atenção ao desejo de gravidez para algumas jovens, na impossibilidade de escolha real de qualquer carreira, a maternidade surge como uma das poucas alternativas», disse o especialista, na comunicação que apresentou ao seminário.

Miguel Oliveira da Silva classificou a gravidez na adolescência como «um fenómeno de alto risco obstétrico», pois está associado a «cuidados pré-natais inadequados: menos consultas, primeira consulta após o primeiro trimestre e baixo peso ao nascer».

Se a jovem mãe forem proporcionados os necessários cuidados, o desfecho da gravidez na adolescência não apresenta

um maior risco biológico — declarou.

O pediatra Ramos de Almeida disse, por sua vez, que o estudo que fez com base em entrevistas a 2023 adolescentes lhe permitiu detectar a presença de problemas emocionais durante a gravidez.

Treze por cento das adolescentes entrevistadas por Ramos de Almeida referiram ter pensado em abortar.

Dificuldades nos estudos, no trabalho ou com a família foram também citados, assim como a falta de interesse do pai pela mãe e pelo filho, de que se queixaram 6 por cento das entrevistadas.

O pediatra declarou ainda ter investigado nas adolescentes a existência de problemas clínicos no fim da gravidez, como hipertensão, anemia ou incompatibilidade feto-pélica.

Nas adolescentes, houve ainda maior incidência de gestações pré-termo, de partos por cesariana e de problemas com os recém-nascidos.

Para a resolução destes problemas, concluiu o pediatra, «é importante o apoio familiar e

social à adolescente grávida».

E há o bebé

«Fala-se pouco sobre o bebé pequenino, antes e depois de nascer. É isso que pretendemos fazer aqui, mas na perspectiva do bebé total, não só na perspectiva biológica sobre a qual incidiu a nossa formação médica», declarou, por sua vez, o professor Gomes Pedro que é chefe do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria.

«É que o bebé não é um ser passivo. Antes de nascer já conhece a mãe e comunica com ela. Pretendemos alargar essa comunicação a dois no mínimo a três, incluindo o pai, e a todos os que fazem parte do ambiente familiar», disse Pedro Gomes.

Uma relação que se costuma classificar de instintiva, natural é fácil, entre mãe e filho, nem sempre o é quando intervém um terceiro elemento, o pai, ou outros, do ambiente familiar.

Muitas vezes o bebé sonhado pela mãe, uma criança gorda e rosada que come, dorme e sorri, poucas vezes corresponde ao bebé real. Pode então surgir uma desadaptação relativamente ao bebé real que não é o bebé sonhado.

Gomes Pedro declarou que essa desadaptação que dificulta as relações entre os pais e o bebé, é tanto pior quanto mais desajustados social, económica e

culturalmente estão os pais, os chamados «pais em risco».

A criança muito pequena, antes e depois de nascer, é um ser não passivo, com toda a complexidade e competência da personalidade humana, capaz de reagir ao ambiente.

«É esse bebé real e total que os técnicos de saúde infantil e os médicos precisam de aprender a descobrir, para poderem identificar os riscos que ele corre tanto biológicos como psicológicos, e ainda os riscos da própria relação que estabelece com os que lhes estão mais directamente ligados, como os pais», afirmou o pediatra.

Sintomas habituais como cólicas abdominais na idade de três semanas e perturbações de sono às oito semanas, assim como um choro irritado no final do dia manifestam a desadequação do bebé ao ambiente e podem ser prevenidas ou minimizadas através da descoberta da criança na qual os técnicos de saúde e os médicos devem desempenhar um papel decisivo.

Uma nova atitude dos cuidados de saúde primários para as primeiras relações do bebé com o seu ambiente pode ser tomada se os obstetras, pediatras, psicólogos, pseudopsiquiatras e educadores forem sensibilizados para o bebé total e real.

As primeiras relações do bebé

são, na opinião de Gomes Pedro, «extremamente significativas ou até decisivas. Urge, pois, alertar os médicos e outros técnicos de saúde e prepará-los para apoiarem os pais de forma não intrusiva, mas apenas manifestando disponibilidade».

Baixar mortalidade

O pediatra afirmou que «é preciso baixar a mortalidade perinatal (até à primeira semana de vida) que existe no País, a qual se mantém elevada relativamente ao resto da Europa».

«Enquanto a mortalidade infantil (até ao primeiro ano de vida) melhora quando melhora o Produto Nacional Bruto, a mortalidade perinatal só poderá melhorar com uma viragem nos cuidados de saúde primários», declarou.

Estes devem voltar-se para a prevenção precoce de riscos biológicos ou psicológicos através da descoberta do bebé, disse o médico segundo o qual 60 por cento das causas que levam as mães a consultar os pediatras, em Portugal, são de natureza emocional, traduzidas em sintomas como urinar na cama, falta de apetite e perturbações do sono.

Gomes Pedro referiu a deficiência como um dos grandes problemas da saúde infantil do País, afirmando que, embora não existam estatísticas sobre o assunto, «se extrapolamos os

dados fornecidos sobre o estrangeiro, diremos que 10 por cento da população infantil portuguesa é deficiente».

«De todos os deficientes, menos de 20 por cento têm apoio de diagnóstico, tratamento ou integração social», declarou.

Outro grande problema da criança portuguesa é o insucesso escolar, que atingiu 42,2 por cento das crianças na primeira fase da escolaridade em 1983/84.

No seminário «Olá Bebê» participam, disse Gomes Pedro, «os mais reputados médicos e cientistas que, a nível mundial, se ocupam da personalidade do bebé».

Entre estes, contam-se vários professores norte-americanos, como Berry Braseton, da Universidade de Harvard, J. Kennel, da Universidade de Cleveland, e Barry Zuckerman, de Boston, e ainda especialistas franceses e britânicos.

O comportamento das mães adolescentes na sua relação com o bebé, a biopsicologia da comunicação precoce pais-filhos, o comportamento de mães com bebés adoptados e de enfermeiras com os bebés favoritos são alguns dos temas dos trabalhos.

O encontro foi organizado por iniciativa da Unidade de Desenvolvimento do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria.

Alunos a mais, reprovações a crescerem

Fenprof prevê mau começo do próximo ano lectivo

Milhares de alunos sem colocação definida no próximo ano lectivo em Almada, Marinha Grande, Setúbal, e Algarve, é uma das facetas do balanço «francamente negativo» que a Fenprof faz da actuação do Ministério da Educação.

A existência persistente de alunos excedentários não se deve tanto na opinião da Federação Nacional dos Professores, ao aumento das taxas de frequência no ensino Secundário mas sobretudo à permanência e, em alguns casos à subida das taxas de repropoção «que mantêm no sistema os alunos muitos mais anos que o necessário para a realização dos seus cursos ou ciclos».

Em conferência de Imprensa realizada recentemente, aquela estrutura sindical apresentou o seu balanço negativo dos 230 dias de actividade do actual ministério de João de Deus Pinheiro. A apreciação da Fenprof culmina com a previsão dum mau começo do ano lectivo de 86/87, apesar das perspectivas optimistas do Governo.

Além dos alunos excedentários, a preparação do ano de

1986/87 encontra-se segundo a Federação já marcada por atrasos e erros sucessivos nos concursos para professores efectivos em quase todos os graus de ensino, colocados com vários meses de atraso relativamente aos anos imediatamente anteriores.

«O mais grave na preparação do ano lectivo é todavia, a total indefinição de normas nos ensinos preparatório e secundário sublinha a Fenprof.

«As escolas onde foram colocados efectivos de nomeação provisória ainda não sabem se eles entrarão em formação ou não e que horário lhes será atribuído; as escolas secundárias desconhecem totalmente o significado concreto das declarações da secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário anunciando reduções curriculares no ensino complementar e uma nova estrutura

curricular e novos programas em todo o ensino nocturno».

Ao longo dos 230 dias de actividade, a actuação do MEC de João de Deus Pinheiro caracterizou-se pela ausência de diálogo quer com algumas estruturas sindicais, incluindo a Fenprof quer com a Assembleia da República de cujo debate dois projectos da Lei das Bases do Sistema Educativo se alheou totalmente.

A crítica da Federação incide fundamentalmente na discrepância das declarações públicas largamente reproduzidas e empoladas na comunicação social, de responsáveis do MEC e a sua actuação relativamente à realidade do ensino português.

Depois de enumerar os encontros entre a Federação e responsáveis do MEC (com o ministro foram apenas dois), a Fenprof citou na conferência de Imprensa os muitos assuntos que carecem de satisfação urgente, mas ficaram até agora sem resposta: «perfil do professor» a formar pelas escolas superiores de educação, situa-

ção das Universidades de Évora e do Algarve, determinação dos critérios para as vagas de quadro nos concursos dos diferentes graus de ensino; criação de condições para a fixação dos professores nas regiões desfavorecidas e apoios aos professores deslocados das suas áreas de residência; revisão da legislação que regula os concursos nos vários graus de ensino e dos vínculos à administração, entre outras questões pendentes.

Um caso exemplificativo do «espírito de diálogo» do MEC é o do ensino especial: a Fenprof entregou um conjunto de propostas para negociação. Três meses e meio depois, o secretário de Estado da Administração Escolar, dignou-se receber a Fenprof afirmando que daria resposta às questões em aberto «na semana seguinte». «Passaram-se praticamente dois meses e a semana seguinte do secretário de Estado ainda não aconteceu...» — sublinha a Federação.

Mas o caso mais gritante de desprezo pela situação das

pessoas, considera a Federação que foi o dos professores portugueses contratados no estrangeiro. Cinquenta professores estão no desemprego e, enquanto o Presidente da República e a Comissão Parlamentar da Educação arranjaram tempo para ouvir os professores e os seus representantes, a secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário não teve tempo de os receber...

A Fenprof acusa também o Ministério da Educação de João de Deus Pinheiro de possibilitar a criação «de uma teia de interesses e a utilização do aparelho de Estado para fins exclusivamente partidários, como o demonstram as últimas nomeações para lugares e serviços periféricos do MEC. «Em particular de departamentos dependentes da Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário e tenta-se descortinar qualquer critério de ordem técnica ou científica, o que se manifestara completamente impossível».

Apesar de dispor dum orça-

mento reforçado não está no propósito do MEC alargar o conceito de gratuidade escolar, mas sim de fazer pagar a escolaridade, como foi o caso do pagamento das folhas de Tele Escola.

Relativamente ao debate da Lei de Bases na AR, o MEC mostrou-se alheio e nem sequer respondeu à solicitação de vários elementos pela Comissão Parlamentar de Educação.

Simultaneamente criou uma comissão de reforma do ensino em que estão largamente representadas organizações afectas ao partido do Governo.

Por estas e outras razões impossíveis de descrever exaustivamente, a Fenprof considera a actuação do MEC negativa, e que o Ministério de João de Deus Pinheiro, com esta composição e esta política, «não se encontra à altura de enfrentar com entusiasmo, capacidade e determinação, as reformas decorrentes da aprovação pela AR da Lei de Bases do Sistema Educativo».

Era para ser um dos mais modernos e melhor equipados

Navio oceanográfico "morre" na sucata

Carlos Charneca

O casco de um navio projectado para ser em 1976 o mais bem equipado do mundo no domínio da investigação oceanográfica está hoje esquecido num estaleiro de Aveiro, aguardando a hora de ir para a sucata.

Embora este seja o seu fim quase certo, o navio é ainda hoje o cerne de uma disputa, que leva um estaleiro de Aveiro a pedir ao Estado uma indemnização de 50 mil contos.

Um responsável pelo estaleiro de construção naval de S. Jacinto, contratado para apetrechar o navio, disse estarem a decorrer negociações com o Governo no sentido de se chegar a um acordo para o reembolso da verba exigida.

O casco do «Raia», que foi lançado à água já depois do 25 de Abril de 1974 nos estaleiros do Arsenal do Alfeite, encontra-se há mais de quatro anos nos estaleiros de S. Jacinto em Aveiro a aguardar o seu destino final.

O projecto fora da iniciativa do governo de Oliveira Salazar, nos anos 60, tendo o então presidente do Conselho mandado construir um grande navio de investigação oceanográfica para determinar o tipo de barcos de pesca de que Portugal necessitava.

Um dos responsáveis do estaleiro de construção naval de S. Jacinto, em Aveiro, disse à

agência NP que a empresa ganhou o concurso para o apetrechamento do navio em despacho publicado em 1983 no «Diário da República».

Referiu que na altura dos estaleiros do governo acabarem a construção e o apetrechamento do navio, em face do Banco Mundial não ter dado o apoio financeiro, acabou por não haver interesse pela parte dos responsáveis portugueses.

«Exigimos uma indemnização de 50 mil contos pela quebra do compromisso do contrato», afirmou o construtor naval.

O então director-geral do Instituto Nacional de Investigação das Pescas (INIP) em declarações prestadas em 1981, referia que a entrada ao serviço de uma nova unidade naval de investigação oceanográfica era a única forma de conseguir a cobertura da Zona Económica Exclusiva.

Para aquele responsável, essa acção dependia de se dispor ou não de verbas necessárias para os trabalhos de manutenção e reparação

periódicas dos dois actuais navios, e outro dos pontos de que dependia este projecto era a disponibilidade de verbas para aparelhar até fins de 1982 o novo navio «Raia», em construção no Arsenal do Alfeite.

Segundo o então responsável pelo INIP, a nova unidade teria uma acção preponderante em termos de investigação do mar, não só em toda a ZEE, como também na concretização de programas de cooperação internacional em que Portugal estaria comprometido, com especial relevo para a cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa.

O casco daquele navio, que poderia constituir, no campo da cooperação internacional, uma importante fonte de receitas através de prestação de serviços, chegou a receber aparelhagem para a sua missão de investigar os mares.

Um especialista de construção naval disse que aquele casco hoje já está ultrapassado para ser utilizado num navio de investigação oceanográfica, devido às tecnologias avançadas.

Portugal tem apenas os navios oceanográficos «Noruega» e «Mestre Costeiro» para investigar a imensidão dos seus mares do Continente e regiões autónomas da Madeira e Açores da ZEE com uma extensão superior a 1,7 milhões de metros quadrados.

Jovem assaltante preso em Esposende

A Guarda Nacional Republicana de Esposende descobriu o presumível autor do assalto à casa de um casal de emigrantes, situada na freguesia das Marinhãs, daquele concelho.

O furto foi levado a efeito em diversas ocasiões por um indivíduo de 18 anos, morador no mesmo lugar, que depois vendeu os artigos a uma receptadora local, de 63 anos.

Todos os objectos roubados foram recuperados e o suposto autor do furto foi apresentado ao Tribunal de Instrução Criminal de Barcelos, que confirmou a prisão.

A receptadora prestou uma fiança de 20 contos e aguarda o julgamento em liberdade.

As diligências da GNR de Esposende foram feitas na sequência de uma queixa apresentada, no dia 28, pelo emigrante Abílio Loureiro Patrão que, regressado para férias, constatou o assalto.

Brinquedos perigosos retirados do mercado

A Inspeção Económica apreendeu terça-feira mais 31 600 bonecos de borracha, no valor de 2054 contos, prosseguindo uma acção desencadeada para os retirar do mercado, informou este organismo.

O organismo de fiscalização económica informou ainda que a origem e identificação dos importadores destes bonecos foi já determinada mas que uma «pequena quantidade» continua espalhada pelo mercado.

Os bonecos em causa, vendidos como brinquedos, têm a capacidade de aumentar de volume com a absorção de água, ponto em perigo a saúde de quem os ingerir, o que é facilitado pelo seu reduzido tamanho.

As brigadas da Inspeção Económica apreenderam também, em Odivelas e Cascais, cassetes de vídeo no valor de 462 contos.

No domínio da saúde pública, na sequência de verificações efectuadas num restaurante localizado ao Sul do rio Tejo, a Inspeção Económica determinou o seu encerramento para obras de limpeza e instaurou um processo aos proprietários.

Actividade do aeroporto da Madeira está a normalizar-se

O Aeroporto de Santa Catarina, na Madeira, está já a operar desde a manhã de ontem embora numerosos passageiros aguardem ainda a sua vez de partirem, confirmou uma fonte aeroportuária.

Desde a manhã aterraram oito aviões, sendo quatro da TAP e os outros quatro de companhias assistidas, para além das LAR —

Linhas Aéreas Regionais, que realizaram vos especiais.

A mesma fonte acrescentou que a TAP está a estudar a forma de retirar os passageiros que se encontram no Aeroporto de Santa Catarina até ao fim da noite.

Ventos fortes de quadrante de Norte, na zona do aeroporto da

Madeira, desde o fim da tarde de segunda-feira, impediram a operação normal de descolagem e aterragem dos aviões.

Apesar das condições desfavoráveis ainda aterraram quatro aviões de companhias aéreas estrangeiras aproveitando aberturas durante o dia, depois de terem, em alguns casos, escalado o Aeroporto de Porto Santo.

Contrabando de seis meses rendeu à Guarda Fiscal 200 mil contos de "flippers"

A Guarda Fiscal apreendeu durante os primeiros seis meses deste ano mais de 200 mil contos de contrabando de máquinas eléctricas de jogos.

Apreendeu também automóveis, num valor superior a 190 mil contos, e electrodomésticos, material de som e vídeo surgem em terceiro lugar das apreensões da Guarda Fiscal, num valor de 109 mil contos.

De Janeiro a Junho, a GF apreendeu tabaco no valor de 68 mil contos e gado correspondente a 61 mil contos.

Géneros alimentícios ocuparam o lugar seguinte, com 57 mil contos, seguindo-se vestuário no valor de 25 mil contos.

A droga apreendida no mesmo período deste ano atingiu valor superior a seis mil contos.

Em seis meses registaram-se 3774 infracções e o valor de todas as mercadorias apreendidas ultrapassa os 783 mil contos.

Para além do balanço semestral a Guarda Fiscal anunciou ainda que apreendeu no concelho de Montalegre cerca de 5 toneladas de bananas de origem espanhola

Condutora despistou-se e morreu no acidente

Um morto e dois feridos é o balanço de um acidente de viação na Estrada Nacional n.º 5, na zona de Palma, concelho de Alcácer do Sal — soube-se junto do Hospital de Setúbal.

Segundo se apurou, um automóvel conduzido por Conceição Maria Andrade da Silva, residente em Lisboa,

despistou-se e foi embater contra outra viatura conduzida por José Maria Gomes e em que seguia também Carlos Manuel Alta.

A condutora teve morte imediata e os dois ocupantes da outra viatura ficaram feridos, pelo que receberam tratamento no Hospital de Setúbal, tendo posteriormente regressado a casa.

No mês de Junho

Quase uma centena de suicídios

A Guarda Nacional Republicana anunciou hoje que durante o mês de Junho ocorreram, na sua área de actuação, 97 suicídios.

Os processos utilizados foram, segundo a GNR, 30 por enforcamento, 30 por envenenamento, 25 por afogamento, um por arma de fogo e 11 de diversas maneiras.

No mesmo período, ocorreram 16 homicídios, sendo oito

por armas de fogo.

Anuncia ainda que em Junho ocorreram 173 casos de fogo posto, quatro actos de terrorismo, 20 casos de detecção de droga e 1.393 casos de roubo, furto e usurpação de coisas.

Quanto ao trânsito, a GNR informa que ocorreram 3.021 acidentes que causaram 136 mortos e 2.269 feridos.

Mário Castrim



NAQUELE dia, o Zeca

chegou-se aos amigos da púrria com uma notícia de espanto: o inimigo preparava, não se sabe para quando, mas de certeza para muito breve, um desembarque nas Avenidas Novas. Disseram-lhe os compinchas:

— Tás lelé da cuca. Bem te avisámos que não viesses tanta Televisão...

Zeca não se perturbou. Convocou antes o maralhal para reunião ao fim de, citamos, estabelecer os parâmetros.

Assim, desdobrou o mapa da região e, de ponteiro nas unhas, foi explicando a coisa:

— Este ponto é o mercado das Picoas, estão a ver? os barcos do inimigo, utilizando barcas ultramodernas, deixarão aqui as tropas. As tropas irradiarão, algumas, em direcção ao Rossio; outras, para o Campo Grande; umas quantas almoçarão no Monte Carlo; ainda outras tomarão pela Pinheiro Chagas, com destino desconhecido. É urgente agrupar as nossas forças para, de imediato, contra-atacar.

Houve logo quem pretendesse conhecer o local exacto do desembarque das nossas forças.

— Bem — respondeu o Zeca — eu acho que os nossos barcos devem ocupar as seguintes praias: a do Jardim José Fontana, para neutralizar o coreto; a do Marquês do Pombalão controla as duzentas milhas das águas territoriais; e a do Bairro Azul, para protegermos o parque da Gulbenkian que é onde melhor jogamos o berlinde.

Plano aprovado, lançaram mãos à obra e, em pouco tempo, a malta já tinha em seu poder qualquer coisa como vinte espingardas de pau, dez físgas de borracha, trinta setas untadas com sebo para fingir curare, duzentos barcos de papel e catorze aviões de cartolina. Gastaram na função a maior fatia das baixíssimas mesadas. Quando se encontravam no auge da preparação, o Liz, o mais novo da púrria, quis saber:

— Ó Zeca, mas como é que o inimigo desembarca na praia das Picoas, se nas Picoas não há praia?

— Pateta! — responde o Zeca — Tu pensas que o inimigo se prende com essas ninharias?

Liz não se deu por convencido:

— Olha lá, e quem é o inimigo? Zeca nem respondeu. Só mesmo uma criança fazia perguntas daquelas...

Chamas destroem pinhal na serra da Gardunha

Continua a devastar áreas florestais o incêndio que deflagrou na terça-feira na Serra da Gardunha, perto do Fundão, que ontem se propagou ao concelho de Castelo Branco, e já devorou milhares de hectares de mato e pinhal. Entretanto, durante o dia de ontem, os bombeiros conseguiram extinguir as chamas na Guarda e na Póvoa do Lanhoso, pondo fim a dois sinistros que se tinham iniciado já há alguns dias.

As condições atmosféricas são muito más, devido ao vento, e à subida de temperatura que se vai verificar daqui a pouco», declarou ao «DL» um informador do Centro Coordenador Operacional da Sertão, onde está centralizado o combate ao incêndio que deflagrou na passada terça-feira na Serra da Gardunha. A mesma fonte adiantou que, com a ajuda dos meios aéreos, três aviões da pista da Moita, e o esforço dos 90 bombeiros de 12 corporações que, com 16 viaturas combatem o sinistro, «talvez durante o dia se consiga circunscrever as chamas».

Recorda-se que o sinistro, cuja origem ainda se desconhece, teve o seu início na terça-feira, no concelho do Fundão, mas que ontem de

manhã, pelas 11 horas, impelidas pelo vento, as chamas destruíram áreas florestais de Paradanta e Noital do Campo, no concelho de Castelo Branco, onde, ao meio da manhã de hoje, lavravam com intensidade.

Durante a tarde de ontem, chegaram a estar em perigo as povoações de Casal da Serra, Lourçal do Campo e S. Vicente, e à noite as chamas dirigiam-se para a povoação de Soalheira, mas ao meio da manhã de hoje, de acordo com o Comando Operacional da Sertão, não havia nenhuma localidade em perigo.

No entanto, 83 crianças da região de Lisboa, filhos de bancários do Sindicato do Sul e Ilhas, que se encontravam na Serra da Gardunha numa colónia de férias acom-

panhadas por 12 monitoras, foram ontem à tarde evacuadas por precaução.

Apesar dos bombeiros não terem, ainda, uma ideia precisa da área destruída pelo fogo, calcula-se que o incêndio terá já destruído vários milhares de hectares de pinhal.

Fogos extintos: Guarda e Póvoa do Lanhoso

O incêndio que ontem se reacendeu pela terceira vez, entre a Guarda e Vilar Formoso, e que chegou a obrigar ao corte da estrada internacional que liga à fronteira, foi ontem à noite considerado extinto.

As chamas, que deflagaram pela primeira vez na segunda-feira à tarde, consumiram, de acordo com os bombeiros, mais de 2.700 hectares de áreas florestais, tendo também atingido algumas zonas agrícolas. Durante os três dias do combate às chamas algumas povoações estiveram em perigo mas, devido à acção das corporações que combateram o sinistro, ontem não houve qualquer incidente, ao contrário do que se passou na

terça-feira, quando uma casa em Porto Mourisco foi pasto das chamas.

Por seu lado, os bombeiros Voluntários de Póvoa do Lanhoso combateram durante o dia de ontem quatro focos de incêndio, que conseguiram dominar após porfiada luta que durou todo o dia. De acordo com a corporação local, as chamas consumiram várias dezenas de hectares de pinhal e mato.

Do mesmo modo, o incêndio de maiores dimensões do concelho, que desde a sexta-feira da passada semana lavrava em Fontarcada, foi considerado extinto ao fim da tarde de ontem.

Reunião alargada sobre incêndios

A prevenção de incêndios florestais é o tema de uma reunião de autarcas, deputados e comandantes de bombeiros da região Centro que vai decorrer na próxima segunda-feira em Castanheira de Pera.

Segundo o presidente da edilidade, este encontro «é extremamente importante, sobretudo porque as intervenções e debates se vão

centrar com muita prioridade na temática da prevenção dos incêndios florestais».

«Tem-se discutido muito o combate aos sinistros e fala-se amiúde de meios aéreos», sublinhou Júlio Henriques, «mas poucos se têm preocupado em abordar a necessidade da prevenção, o ordenamento florestal e a fiscalização». O presidente da Câmara de Castanheira de Pera adiantou que no encontro está prevista a participação dos governadores civis de Coimbra, Castelo Branco e Leiria, de todos os deputados eleitos pela região Centro, de representantes da produção florestal, de 23 Municípios e 27 comandantes de corporações de bombeiros da denominada zona do pinhal.

Por seu lado, o governador civil de Leiria, em declarações à ANOP, sustentou a importância da reunião, «já que os incêndios constituem uma causa de empobrecimento da economia portuguesa e de destruição do pinhal da região Centro, considerada a maior mancha florestal da Europa».

Rui Garcia da Fonseca

adiantou que «esta não é simplesmente mais uma reunião para nada decidir, porque os seus participantes vão procurar determinar novas vias para a acção prática no sector, de forma a evitar que os incêndios continuem a ter as mesmas consequências catastróficas que têm tido». «Por outro lado», sublinhou, «será também a altura apropriada para os bombeiros efectuarem uma reflexão sobre esta campanha, em que pela primeira vez foram responsáveis directos pela coordenação do combate a incêndios, processo que anteriormente estava cometido aos serviços de protecção civil».

Para o governador civil de Leiria, há problemas que podem ser, desde já resolvidos, como «a carência de meios técnicos e humanos das corporações de bombeiros», salientando, no entanto, existirem «outros aspectos insuperáveis no momento, que só podem ter uma solução a médio ou longo prazo, como é o caso do deficiente ordenamento florestal, com zonas demasiado densas e contínuas de pinhal».

Câmara de Lisboa

Em seis meses a APU apresentou 52 propostas

No primeiro semestre de 1986, os vereadores da Aliança Povo Unido na Câmara Municipal de Lisboa apresentaram 52 propostas, segundo um balanço de actividade feito por aquela força política.

«A APU é a única força política que possui um projecto alternativo à direita que urge pôr em prática para a defesa e recuperação da cidade e para bem da qualidade de vida e de segurança dos que vivem e trabalham em Lisboa», sublinham os vereadores da Aliança Povo Unido.

No balanço divulgado à imprensa, os cinco vereadores da APU depois de se referirem aos princípios que norteiam a sua actividade no executivo-oposição e denunciação de tudo o que foi proposto e decidido no sentido de agravar os problemas da cidade, aprovação de todas as propostas que pudessem contribuir para resolver os problemas, e apresentação de propostas concretas- enumeraram algumas das acções e iniciativas da oposição a medidas e deliberações lesivas dos interesses das populações de Lisboa.

Neste ponto, o texto destaca a denúncia do «negócio do Luna Parque», a proposta de suspensão das «injustas e ilegais tarifas de saneamento», a oposição «à tentativa de concretização da operação de entrega de 300 hectares de terrenos municipais no Alto do Lumiar», a denúncia da «aberrante con-

centração de funções de Presidente da EPUL nas mãos do actual presidente da CML», a «desmontagem das operações de permuta de terrenos e licenciamento de urbanizações nas quais, em regra, a Câmara perde património», a rejeição do Orçamento e Plano de Actividades para o ano em curso, bem como o protesto «contra o protocolo assinado pelos vereadores do PS e pelo actual presidente que teve como resultado concentrar nas mãos deste poderes excepcionais e criou as condições políticas para afastar a APU (a segunda força eleitoral da cidade com cinco vereadores) da gestão dos pelouros camarários».

«Os grandes debates sobre a cidade»

Durante os primeiros seis meses do actual mandato, os cinco vereadores eleitos nas listas da Aliança Povo Unido apresentaram 52 propostas, de que destacam a elaboração de um novo Plano Director Municipal, a criação do pelouro da Juventude, a suspensão das tarifas de saneamento, a classificação de Alfama e da encosta do Castelo como património mundial e a implementação de medidas cautelares de emergência para

a zona, a suspensão das demolições na Avenida da Liberdade e a elaboração de um plano de ordenamento e salvaguarda daquela área, estabelecimento de zonas de salvaguarda para os núcleos antigos de Carnide/Luz, Paço do Lumiar, Ameixoeira, Charneca, Olivais-Velho e Telheiras, e a classificação de interesse público para aquelas zonas.

Outras propostas da APU incidiram sobre a situação do Terreiro do Paço, pela interdição do estacionamento e recuperação da Praça para actividades culturais e de lazer, o estabelecimento de critérios de planeamento e gestão do território municipal que, nomeadamente, interdite as construções sobre as linhas de água, a classificação, para posterior recuperação das vilas operárias e de outros testemunhos do associativismo operário, e o empenhamento em encontrar adequada solução para o tratamento e destino final dos lixos da cidade.

«Constata-se que as mais importantes questões e os grandes debates sobre alguns dos grandes problemas da cidade vieram à Câmara por iniciativa da APU tendo motivado já deliberações importantes como, por exemplo, a proposta de classificação de Alfama e da Encosta do Castelo como património mundial», sublinham os vereadores da Aliança Povo Unido.

Vereador do PPM acusa

Câmara anda a reboque de interesses privados

A Câmara Municipal de Lisboa «anda a reboque de determinados interesses privados» que permitem a manutenção de uma política urbanística «desajustada» para a cidade, declarou o vereador Ribeiro Teles em encontro com a Imprensa.

«O balanço tem sido positivo no dia a dia, pois temos trabalhado em colaboração na estruturação dos serviços da Câmara, na constituição do parque periférico», declarou o vereador eleito na lista «alfacinha».

Para Ribeiro Teles, os aspectos positivos da sua permanência, sem pelouro, no executivo camarário, não se esgotam, contudo, naqueles dois pontos.

«Demos uma contribuição bastante importante na proposta da Câmara referente à criação de um estudo sobre as condições fisiográficas de Lisboa, na ligação do Parque Eduardo VII a Monsanto, na implantação das hortas sociais, que está a ganhar adeptos, entre os quais o próprio presidente da Câmara», sublinhou.

Apesar da Câmara ter deliberado que os serviços se pronunciam sobre os condicionamentos eventualmente existentes à ligação, por um corredor verde, do centro da cidade à Serra de Monsanto, o vereador popular-monárquico mostra-se confiante. «Penso que não há condicionamentos, pois se eles existem ninguém os apontou, se existem compromissos da Câmara referentes a esses terrenos não foram referi-

dos», disse em resposta a uma pergunta do «DL», sobre os vários planos para o alto do Parque Eduardo VII, desde o Hilton à nova Sé.

Os custos do empreendimento, de acordo com Ribeiro Teles, não constituem nenhum óbice à ligação defendida, que se tornou quase num «ex-libris» da campanha eleitoral. «Completo, o sistema deve ir até aos 500 mil contos, pois o único problema é o da construção de dois viadutos na Avenida Gulbenkian e sobre a linha férrea de Campolide», precisou.

«PS está de mãos atadas»

No entanto, uma outra proposta do PPM não colheu os votos favoráveis da Câmara. A que pretendia que a cidade ficasse dividida em quatro zonas-histórico-monumental, histórica contemporânea, parque periférico e área de expansão urbana, foi recusada.

Para Ribeiro Teles, a divisão de Lisboa em quatro zonas distintas, permitiria a implantação, no terreno, de regras específicas a cada uma delas, o que, «não iria mexer no tecido urbano, onde a Câmara anda a reboque dos interesses privados». «O que

a APU e o PS fizeram (ao não constituírem uma maioria que viabilizasse a iniciativa do eleito popular monárquico) foi permitir que, durante três ou quatro anos, seguramente até às próximas eleições, nada seja feito», adiantou, sublinhando que «estamos abertos ao diálogo com todos os vereadores, desde a APU até ao CDS, que agora se estão a responsabilizar por uma política que não defenderam durante a campanha eleitoral».

Analisando mais em detalhe as posições tomadas pelos eleitos da Aliança Povo Unido e pelos socialistas, Ribeiro Teles precisou que «a APU apresentou uma alternativa para o Plano Director Municipal, que durante dois ou dois anos e meio deixará tempo a Abecasis».

Quanto ao PS, «aprovar a minha proposta seria a forma de se libertarem de Abecasis, uma vez que os socialistas têm um acordo de delegação de poderes com ele, e seria a forma de evitarem os malefícios desse entendimento». «Lamento que os vereadores socialistas não tenham votado esta proposta, pois o acordo atalhes as mãos», sintetizou Ribeiro Teles, enquanto que o representante da lista «alfacinha» na Assembleia Municipal acentuava que, naquele órgão, «o PS parece um partido diferente, pois vota com a APU e o PPM contra o PSD e o CDS».

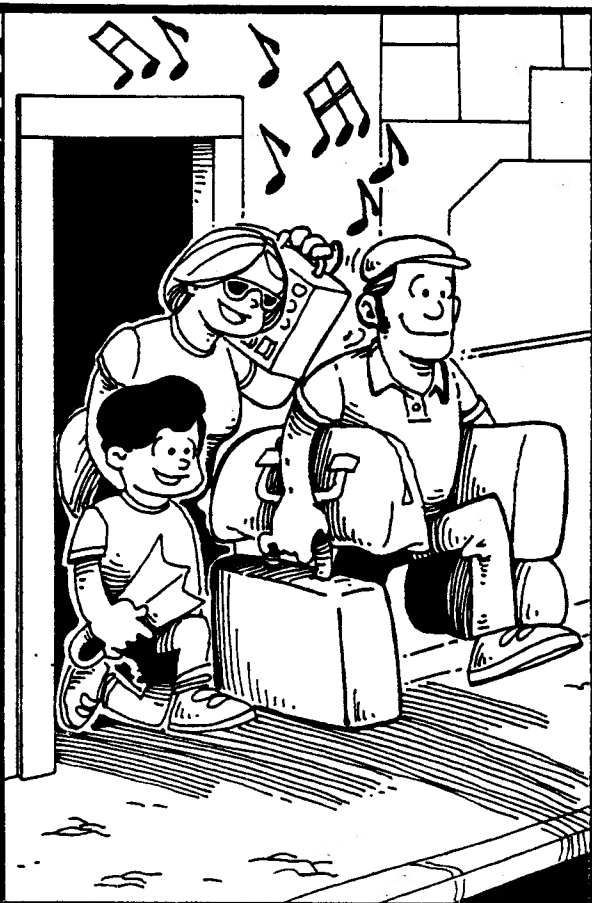
D. MARIA DO CARMO PARTICIPAÇÃO



Sua filha, neto e bisnetos participam que foi Deus servido de chamar a Si esta Sua filha.

E que mandam rezar missa por sua alma no dia 2 de Agosto, data do seu aniversário natalício, na Igreja dos Olivais-Sul, pelas 18 e 30 horas.

PARA AS SUAS FÉRIAS



A POLÍCIA JUDICIÁRIA ACONSELHA:

6 - PROCURE PARTIR SEM ALARIDO NEM ESPALHAFATO. Discrição é segurança: por muita que seja a bagagem, não é difícil sair de casa rápida e discretamente. Assim evitará que alguém, mal intencionado, desde logo se aperceba da sua ausência.

Julgamento de Monsanto

Adiada a suspensão da prisão preventiva de dois réus

A junta médica que examinou Júlio Vitorino de Castro e o padre Manuel Crespo, detidos no âmbito do processo FP-25, prescreveu hoje a suspensão da prisão preventiva como único tratamento possível para aqueles dois réus.

No entender dos três médicos do Estabelecimento Prisional de Lisboa, presentes na sessão 162 do julgamento, a manutenção da privação de liberdade coloca em risco as vidas daqueles pacientes, que manifestam quadros psiquiátricos com tendência para o suicídio.

O padre Manuel Pereira Crespo apresenta «um quadro depressivo grave, com ideias suicidas latentes, agravado por sintomatologia somática de ansiedade», disse um dos peritos do EPL, autor de um relatório médico presente ao tribunal.

O paciente manifesta «um quadro reativo à privação de liberdade que pode precipitar o suicídio e só será efectivamente tratado se for posto em liberdade», acrescentou salientando que o internamento hospitalar, sem liberdade, teria nulo efeito no trata-

mento do padre Crespo.

Os médicos salientaram também que aquele réu não tem antecedentes psiquiátricos devendo-se à sua actual situação apenas a permanência de prisão.

Quanto ao réu Júlio Vitorino de Castro, cujo advogado de defesa solicitou igualmente a suspensão da prisão preventiva, a junta médica caracterizou o seu caso como «um quadro de neurose de carácter com deficiente controlo da impulsividade e ideias latentes de suicídio motivado pela privação de liberdade».

«Júlio Vitorino é uma pessoa de conduta instável, socialmente não integrado e um doente que não cumpre o que se prescreve. De repente resolve tomar toda a medicação, droga-se e faz uma viagem», contou ao tribunal o psiquiatra da junta médica que ex-

aminou o réu.

O clima mental de Júlio Vitorino tem-se vindo a agravar, assumindo nomeadamente «aspectos paranóicos» do paciente que «se diz perseguido por diferentes elementos da cadeia».

O perigo de suicídio é latente sendo no entender daquela psiquiatra mais de temer a possibilidade de enforcamento do que através de uma overdose.

O quadro de neurose de carácter daquele paciente determina «um comportamento que sendo socialmente instável não é obrigatoriamente perigoso», no entender do psiquiatra.

A junta médica considerou também o estado clínico geral de Júlio Vitorino pior do que o do padre Crespo, uma vez que aquele réu apresenta «um passado de doença muito carregado: já teve uma tuberculose, úlceras e tem um sopro no coração».

Assim o colectivo que está a julgar o processo FP-25 deliberou adiar a decisão relativa aos requere-

mentos de suspensão da prisão preventiva dos réus padre Manuel Crespo e Júlio Vitorino de Castro.

A decisão fica adiada até o tribunal estar «na posse e conhecimento de todos os dados».

A deliberação foi tomada com voto vencido do juiz presidente Adelino Salvado, que defendeu a necessidade de revisão dos pressupostos da prisão preventiva, relativamente a todos os réus do processo.

Durante a 162.ª sessão, o tribunal ouviu os depoimentos de oito testemunhas, duas das quais desconheciam totalmente o assunto invocado no despacho de pronúncia e que motivou a sua presença no Tribunal de Monsanto.

Os depoimentos das restantes seis testemunhas foram pouco esclarecedores relativamente à matéria em julgamento, uma vez que conforme alegaram a maior parte, os factos indicados ocorreram há bastante tempo, sendo pouco o que agora recordam.

Obra vai ser adjudicada

Porto passa a ter mais água com nova estação de cloragem

A administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento o Porto deliberou adjudicar a estação de tratamento de cloragem de Jovim e aguarda em Agosto a entrega de propostas para o fornecimento e montagem do equipamento electromecânico da central elevatória de Lever.

Esta informação foi prestada pelo presidente do Conselho de Administração dos SMAS, Castro Gil, a uma delegação de deputados do PRD pelo círculo eleitoral do Porto que ontem visitou as instalações daqueles serviços.

Castro Gil aproveitou a oportunidade para explicar aos deputados a situação actual dos SMAS

e as perspectivas de desenvolvimento a curto prazo.

Salientou a importância das obras de captação, elevação e transporte de água de Lever no contexto do abastecimento de água ao Porto e autarquias de Gondomar, Valongo, Maia e Matosinhos e traçou uma perspectiva dos empreendimentos já feitos ou a

fazer por aqueles serviços municipalizados com vista à completa regularização dos caudais.

O presidente do Conselho de Administração dos SMAS informou também que está feito um estudo para novas captações que são do tipo poço de drenos horizontais, que permitirá a elevação do caudal para 325 000 metros cúbicos/dia.

Algumas destas obras contam com uma comparticipação do «Feder» no valor de 417 000 contos, relativamente a 50 por cento da estimativa dos custos dos trabalhos a desenvolver, designadamente condução elevatória de

emergência (350 000 contos), condução elevatória Lever-Jovim (300 000 contos) e condução elevatória de Lever (185 000 contos).

Todavia, os serviços municipalizados foram informados que o compromisso das comunidades europeias somente poderão obter um pagamento de 313 125 contos em 1986 (75 por cento), sendo os restantes 104 375 contos pagos em 1987.

O Fundo de Desenvolvimento Regional atribuirá, durante o triénio 1987/98, averba de 525 000 contos ao município do Porto.



Forças policiais apertam (no Algarve) o cerco aos cadastrados de Pinheiro da Cruz

As forças policiais estavam esta manhã a apertar um cerco na área de Almansil, Algarve, na convicção que o rasto constituído por um automóvel accidentado, com manchas de sangue e algum material militar, transportou cinco dos seis cadastrados que se evadiram, na segunda-feira, da cadeia de Pinheiro da Cruz, a poucos quilómetros de Grândola. O sexto elemento, Germano Raposinho ou Carlos Alberto Ferreira, teria, de resto, já sido detectado também no Algarve, viajando de comboio. O cerco está a ser reforçado com um helicóptero da GNR, que seguiu esta manhã para o Algarve.

Os primeiros indícios de que os fugitivos se encaminhavam, de facto, para o Algarve, confirmando os cálculos policiais, surgiram com o aparecimento do carro de matrícula luxemburguesa que por eles foi tomado depois de terem abandonado o carro da prisão em que tinham encetado a fuga.

A viatura foi encontrada em Almansil, abandonado após um despiste, com manchas de sangue nos bancos e

com sinais de ter sido atravessado por uma bala, o que constitui um elemento estranho, dado que não há notícia de qualquer recontro com forças policiais.

O proprietário, Eduardo Manuel Guerreiro, carpinteiro, emigrante no Luxemburgo, disse que foi assaltado pelos cadastrados, perto de Grândola, quando de deslocava para o Algarve em gozo de férias. Entre os objectos encontrados na viatura aban-

donada encontravam-se anti-bióticos e armas. Segundo a GNR, entre esse material estava uma caçadeira de canos serrados, três carregadores de G-3, dois dos quais com munições, um carregador municiado de pistola metralhadora, e dois emissores-receptores.

O automóvel levava cinco ocupantes a bordo quando sofreu o despiste, em Almansil. Os fugitivos obrigaram, então, um emigrante a parar e tomaram-lhe o seu carro «Mitsubishi», de matrícula luxemburguesa, para continuarem viagem. Segundo testemunhos desse transbordo, todos eles terão entrado na viatura que acabavam de roubar pelo seu próprio pé, mas forças policiais admitem que as manchas de sangue indicam a presença de um ferido.

O facto levou de imediato as forças policiais a montarem um dispositivo no sentido de evitarem que os fugitivos conseguissem sair da

área onde provavelmente se encontrariam. Um elemento da força que concretizava essa operação diria, a propósito, que «se eles efectivamente estiverem lá, ou saem a bem ou saem assados».

A ideia de que os fugitivos se encontram todos no Algarve foi reforçada com informações de que Germano Raposinho (uma versão diferente indica que se trata de Carlos Ferreira) foi avistado em Portimão na manhã de ontem, segundo testemunhas oculares. Raposinho teria chegado à estação de caminho-de-ferro de Portimão, cerca das 11 e 30, viajando numa composição com origem em Lagos, tendo sido posteriormente visto noutro ponto da cidade. Segundo as mesmas testemunhas, teria mais tarde tomado um comboio, às 13 e 15, com destino a Vila Real de Santo António.

Contudo, as operações montadas com vista ao controlo desse comboio não deram qualquer resultado e o

rasto de Raposinho terá sido perdido.

As forças policiais estarão a fazer uma operação em leque, no sentido de levarem os evadidos a encaminharem-se numa determinada direcção. Para já, a sua convicção é de que eles se encontram na zona de Loulé-Salir-Almansil-S. Brás de Alportel.

Problemas na cadeia à hora do funeral

Entretanto, realizou-se ontem o funeral dos três guardas mortos em Pinheiro da Cruz, em ambiente de grande tensão e nervosismo que seria agravado com notícias que no local começaram a circular quanto à existência de novos problemas na cadeia.

No entanto, tudo viria posteriormente a ser explicado: tratou-se da recusa, por parte de alguns dos presos, de tomarem a refeição da

noite, mas a situação terá sido normalizada com o reforço dos efectivos em serviço no estabelecimento prisional.

Por outro lado, o ministro da Justiça, que acompanhou os funerais, insistiria na existência de falhas humanas em todo este caso, dizendo mesmo que ultimamente estaria a registar-se uma certa rotina na cadeia de Pinheiro da Cruz.

Segundo o ministro, regista-se actualmente uma grande falta de meios no sistema judicial português e reconheceu que as prisões abrigam detidos a mais para a sua lotação. «Temos de estar preparados para uma criminalidade mais violenta»-acrescentou.

Por outro lado, um responsável do Sindicato dos Guardas Prisionais disse que a população prisional portuguesa triplicou nos últimos três anos e que nesse período apenas foram admitidos 200 guardas.

Havia rumores de novos problemas

Guardas prisionais foram a enterrar em ambiente de grande nervosismo

À porta do cemitério de Grândola, a mulher do guarda prisional acaba de desmaiar e outra jovem, agarrada ao marido, pede-lhe encarecidamente: «Não vás para lá... não vás para Pinheiro da Cruz.»

Após duas horas de profundo silêncio, os gritos surgiram no cemitério às 19 e 05, quando alguém passou a informação de que «havia problemas com os presos» da Colónia Penal de Pinheiro da

Cruz, onde na segunda-feira foram abatidos a tiro três guardas prisionais, praticamente a sangue-frio.

No cemitério, os responsáveis prisionais e o próprio ministro da Justiça afirmavam que não tinha sucedido nada de especial na cadeia, que as pessoas estavam nervosas.

Mas muitos dos guardas prisionais que acompanharam os colegas até ao cemitério mostraram-se

imediatamente dispostos a seguir direito ao local de trabalho, situado a cerca de 40 quilómetros.

Descidos à terra os corpos de dois dos três guardas mortos em Pinheiro da Cruz, Luís Ambrósio e Manuel Matos Espada, os ânimos exaltaram-se um pouco, familiares das vítimas repetiram «ai bandidos», mas a maioria dos guardas prisionais manteve a «cara fechada».

Para alguns deles, «o mal disto tudo» é que andam todos mistura-

dos, os presos perigosos condenados a muitos anos de prisão e os outros, os que roubaram «qualquer coisa» e apanharam meia dúzia de anos de cadeia.

Depois do incidente de ontem, muitos guardas de folga passaram por Pinheiro da Cruz a perguntar-se estava tudo bem. O incidente sanou-se facilmente, e um dos guardas de serviço à porta da colónia penal até compreendia os homens que costuma guardar: «Eles estão nervosos, há dois dias que não saem para trabalhar no campo.»

Ontem, acabado o jantar cerca das 18 e 20, os detidos fizeram finca-pé e recusaram-se a entrar para as celas, aparentemente como protesto contra dois dias de um regime mais austero.

Presos de duas alas acabaram por regressar às celas à hora do costume, 18 e 30, mas muitos deles apenas aceitaram voltar cerca das 19.00.

Por essa hora, em Grândola, o silêncio misturava-se com o calor e com mais de 300 guardas prisionais de todo o País que afluíram à vila para prestar a última homenagem aos colegas mortos.

O terceiro guarda morto, Arlindo Pereira dos Santos, foi enterrado em Melides, e o povo estava todo na rua.

De tarjeta negra no braço, alguns com lágrimas nos olhos, todos eles de semblante carregado, os guardas fizeram alas até ao cemitério de Grândola, rodeando o padre da paróquia, que leu muitos salmos em voz alta.

«Senhor, abri-lhes as portas do Paraíso» — exortou o capelão que fez a homilia na igreja matriz de Grândola, o mais antigo capelão em exercício nas cadeias portuguesas, 38 anos a escutar as confissões dos presos que não se importam de se confessar a outro homem.

Mais tarde, junto ao portão do



Cenas lancinantes de um caso triste

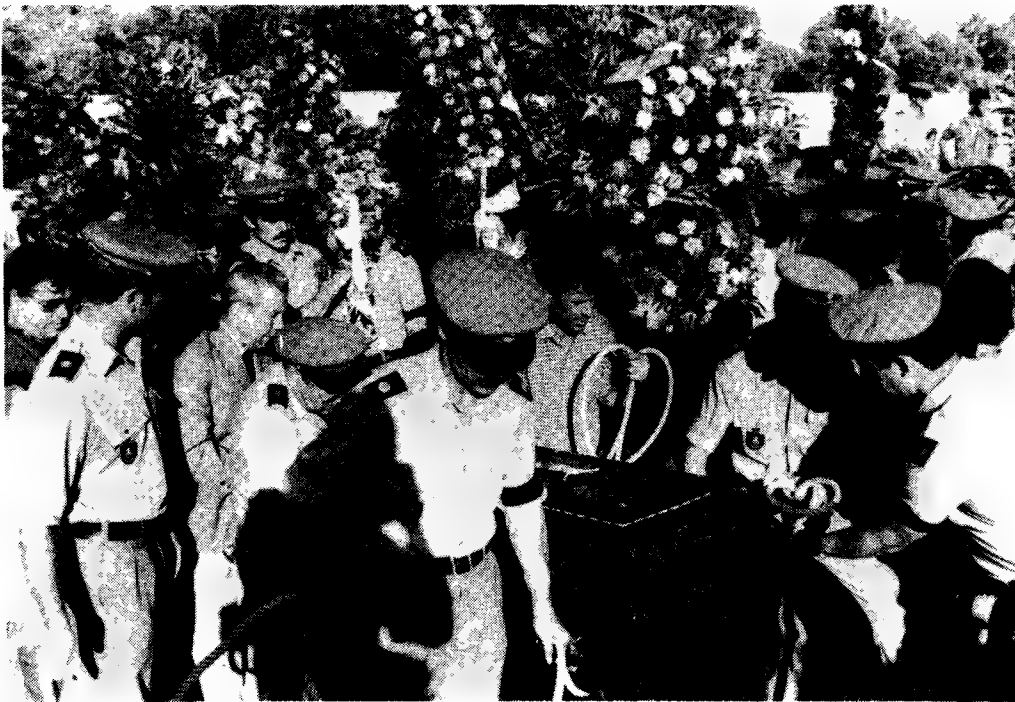
cemitério, ao lado do ministro da Justiça e das duas urnas, uma bandeira do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional e respectiva divisa: «Zelo e honestidade, disciplina e unidade.»

Brilhantes ao sol, as lágrimas rolaram em silêncio pelas faces da mãe, irmãs, filhos e filhas dos dois guardas mortos, e ninguém aceita

a ideia de que morrer pode fazer parte dos «ossos do ofício».

A irmã de um dos mortos não se contém: «Ai, tanto sanguiño naquele portão.»

Quando a reportagem da NP perguntou a vários guardas «o que é que está errado?», a maioria respondeu: «Se eu pudesse falar» ou «Se fosse eu a mandar».



O transporte dos caixões em ambiente pesado

Será que ninguém gosta de Beleza?

Policlínicos fizeram greve a cem por cento

A greve dos policlínicos teve, no seu primeiro dia, uma adesão da ordem dos 100 por cento, segundo uma fonte do Sindicato dos Médicos da Zona Sul. Nos Hospitais Cívicos de Lisboa e Maternidade Alfredo da Costa, a adesão à greve foi de 100 por cento. No Hospital de Santa Maria, rondou os 99 por cento.

Em hospitais da periferia, como o Barreiro e Cascais, atingiu também os 100 por cento, disse a mesma fonte.

Na Zona Sul, o apuramento global da paralisação dos policlínicos ainda não foi feito, mas em Beja a adesão à greve foi de 95 por cento e em Setúbal de 99 por cento.

Na Zona Centro, a adesão ronda também os 100 por cento, em praticamente todas as unidades e centros hospitalares da região, com excepção de Tábua e Arganil, onde cerca de metade dos policlínicos compareceram ao trabalho.

Num abaixo-assinado que ontem começou a circular em Lisboa, médicos dos quadros hospitalares manifestam «a sua estranheza pelas posições que a ministria parece querer assumir em relação aos seus colegas do internato geral (policlínicos).»

«Porque não estão a ser respeitados os levantamentos de vagas efectuados pelo próprio Ministério e que tem em conta as reais necessidades e capacidades formativas dos serviços?», pergunta o documento.

Os policlínicos protestam com

agrevando os Serviços de Urgências, agendada para ontem e hoje, contra a marcação, para 15 de Outubro, de um concurso que abrange os policlínicos do segundo e do terceiro anos, desigualmente preparados, destinado ao preenchimento de cerca de metade das vagas inicialmente anunciadas pelo Ministério para esses dois anos do internato geral.

Solidariedade da «Ordem»

A Ordem dos Médicos manifestou «a sua solidariedade face à actual greve dos jovens médicos, convicta de que só uma reformulação do sistema de saúde permitirá solucionar o problema».

Um comunicado do Conselho Nacional Executivo da Ordem di-

vulgado ontem considera que «enquanto o Estado pretender monopolizar a saúde, não tem sentido que se desperdice o trabalho e a competência de profissionais que custaram ao país muitos milhares de contos e que já deveriam ter sido seleccionados de acordo com as necessidades previstas».

O documento, assinado pelo presidente do Conselho Nacional Executivo da Ordem, Gentil Martins, protesta contra o facto de as citologias, exames anatómicos e patológicos para o despiste do cancro, terem passado a ser sujeitos a uma taxa moderadora, de acordo com a Portaria 344-A/86.

«O Ministério da Saúde vem cobrar aos utentes uma taxa de 460 escudos, quando paga ao patoló-

gista que efectua o exame citológico a quantia de 412 escudos e 50 centavos, ou seja, o Estado ganha 47 escudos e 50 centavos em cada exame ao cobrar mais dos beneficiários do que aquilo que paga a quem efectua o trabalho», afirma o comunicado.

CGTP pede declaração de inconstitucionalidade

A CGTP/Intersindical requereu já a declaração de inconstitucionalidade dos diplomas do Ministério da Saúde que instituíram o pagamento de taxas moderadoras pelos utentes do Serviço Nacional de Saúde, anunciou a central sindical.

Em comunicado, a CGTP informou que foi já requerido formalmente ao Presidente da Re-

pública que solicite ao Tribunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade dos dois diplomas.

O requerimento da CGTP fundamenta-se em dois artigos da Constituição da República: o Artigo 64 que estabelece que «o direito de protecção da saúde é realizado pela criação de um Serviço Nacional de Saúde, universal, geral e gratuito» e o artigo 168 que dispõe serem da competência da Assembleia da República matérias como Direitos Liberdades e Garantias e as bases do Serviço Nacional de Saúde.

A CGTP solicitou também ao Presidente da República, com o mesmo fundamento, que aquele órgão de soberania se pronuncie sobre o pedido de ratificação do decreto-lei que regulamenta as taxas moderadoras.

Quinhentos anos após a travessia do Cabo das Tormentas

Bartolomeu Dias recordado por portugueses da África do Sul

Carlos Charneca

Quinhentos anos depois de Bartolomeu Dias ter dobrado o Cabo das Tormentas ora conhecido por Cabo da Boa Esperança, vai ser construída em Portugal uma réplica de uma caravela destinada à comunidade portuguesa da África do Sul. A construção da embarcação terá início em meados de Agosto nos estaleiros «Samuel e Filho» de Vila do Conde, especialistas de construção em madeira, ficando a dever-se à contribuição financeira da comunidade portuguesa que deseja participar nas comemorações em 1988 do V Centenário da passagem de Bartolomeu Dias pelo então Cabo das Tormentas.

O navegador português Bartolomeu Dias fez história há quase cinco séculos ao dobrar o Cabo da Boa Esperança e ao entrar pela primeira vez nas águas do Oceano Índico, fundeando a sua frota na Baía de S. Brás, actualmente conhecida por Mossel Bay.

Estava assim descoberta a terra que é hoje geograficamente a África do Sul e a rota que abriria o caminho marítimo para a Índia.

As comemorações dos 500 anos da viagem em que Bartolomeu Dias dobrou o extremo sul

do continente africano estão a ser preparadas pelos sul-africanos desde 1980, envolvendo entidades oficiais e particulares.

Quatro anos de estudos de investigação por engenheiros de construção naval e técnicos (membros da Associação Portuguesa Treino de vela a «Aporvela») permitiram encarar um projecto do «navio-treino de vela tipo caravela», como é chamado na «Aporvela». As dificuldades encontradas pelos especialistas devem-se ao facto de não existir actualmente nenhum documento formal nem desenho ou planos de caravelas do tempo de Bartolomeu Dias. Os especialistas procuraram através de desenhos, iluminuras, esculturas em pedra ou em azulejo «reconstituir» a caravela portuguesa.

Os responsáveis da construção da caravela estão neste momento a fazer a traçagem geral do navio e por todo o mês de Agosto será lançada a quilha e o início da construção. A caravela terá que ficar concluída a tempo para que em Novembro de 1987 possa partir de Lisboa e chegar ao Cabo da Boa Esperança.

O custo da caravela, o seu equipamento, a parte operacional, a logística da viagem e encargos estão orçados em 75 mil contos (cerca de meio milhão de dólares) suportados pela comunidade portuguesa da África do Sul que tem uma comissão nacional chamada «Dias/88». A caravela terá cerca de 23 metros de comprimento (fora a fora) e 100 toneladas, sendo construída com madeiras cortadas nos pinhais portugueses e apetrechada com meios rádio e acomodações simples para 16 tripulantes.

Comparável à ida à Lua

O presidente da Aporvela, Guimarães Lobato, disse-nos que este projecto foi elaborado de forma a que tivesse todas



as condições de segurança para navegar à vela de Lisboa ao cabo da Boa Esperança. «Temos esperança de que no dia 6 de Fevereiro em Mossel Bay a caravela portuguesa possa demonstrar o valor de toda a epopeia das descobertas portuguesas», referiu.

Quanto à tripulação que vai

levar a caravela, Guimarães Lobato disse que a mesma será integrada por membros da Aporvela e por outros velejadores que os queiram acompanhar. «É evidente — frisou — que nós estamos inteiramente abertos e está previsto que haja uma participação de jovens velejadores da comunida-

de portuguesa da África do Sul».

Prevê-se que na viagem para a África do Sul haja uma escala em Cabo Verde para mudança de tripulação, pois a maioria dos jovens e dos velejadores não disporão de tempo para fazer a viagem directa.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
DIRECÇÃO-GERAL DOS EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS

ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos do artigo 5.º do Decreto-Lei 76/80, de 15.4. e do despacho do Ministro da Educação e Cultura, de 16.12.85 que inclui a Escola Secundária do Lumiar no Programa Especial criado por aquele diploma, foi autorizada a posse administrativa imediata da parcela de terreno, com a área de 13 966 m², no sítio da Torre e Caminho que vai para as Areias, freguesia da Charneca e que confronta pelo norte com a Azinhaga que vai para a Charneca, a sul com a Azinhaga que vai para as Areias, a nascente com o Bairro da Cruz Vermelha e a poente com a Câmara Municipal de Lisboa, pertencente a Roque da Fonseca, Ld.º omissa na matriz cadastral da Freguesia do Lumiar.

Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, em 23 de Julho de 1986

O Subdirector-Geral,
Augusto Guilherme Louza Viana
(Eng.º)

"Poupança-emigrante" provoca numerosos protestos

Banco de Portugal propôs revisão das equiparações a emigrante

O Banco de Portugal propôs há dias ao Ministério das Finanças que reponha a equiparação a emigrantes dos trabalhadores portugueses por conta de empresas nacionais em serviço no estrangeiro, depois dessa equiparação ter sido suprimida da regulamentação do novo regime de «poupança-emigrante», apurou o «DL» junto do banco central. As alterações ao regulamento das equiparações e outros aspectos do actual regime têm motivado inúmeros protestos, considerando fontes bancárias que a nova lei «tem que ser globalmente revista».

O Governo suspendeu há alguns meses o sistema de «poupança-crédito», através do qual os emigrantes e equiparados podiam obter condições especialmente favoráveis no acesso ao crédito. O motivo desta decisão teve a ver com o elevado número de irregularidades de

testadas na concessão de créditos ao abrigo da legislação da «poupança-crédito». Entretanto foi criado um novo sistema que veio substituir o da «poupança-crédito» e que visa, nomeadamente, dificultar a obtenção de empréstimos naquelas condições a pessoas que a elas não têm direito.

A regulamentação do novo mecanismo, designado por «poupança-emigrante», afastou porém os trabalhadores nacionais ao serviço de empresas portuguesas no estrangeiro, bem como os que desenvolvem a sua actividade em Macau, os diplomatas e os emigrantes sazonais da lista dos equiparados a emigrantes, privando-os assim das facilidades a que até aqui tinham direito.

Em consequência surgiram numerosos protestos, argumentando os interessados, e as empresas para quem trabalham e os próprios ban-

cos, que os trabalhadores por conta de firmas portuguesas no estrangeiro são na realidade emigrantes como os outros e que são responsáveis, proporcionalmente, pela entrada em Portugal de um muito maior volume de divisas do que os emigrantes «clássicos». No caso concreto dos emigrantes sazonais, categoria a que pertencem legalmente cerca de 80% dos portugueses que trabalham na Suíça, eles são mesmo considerados por algumas instituições de crédito, entre as quais o Banco de Fomento, como os seus melhores clientes no que respeita à remessa de divisas.

Segundo fontes bancárias «a regulamentação da «poupança-emigrante» está eivada de erros e injustiças e impõe-se a sua revisão global, mais do que correcções pontuais».

De acordo com um informador do Banco de Portugal

o problema já está resolvido em relação a quem trabalha em Macau, tendo já sido distribuídas à banca as instruções que os equiparam de novo a emigrantes. Quanto aos trabalhadores que trabalham para empresas portuguesas no estrangeiro, apurámos que já foi proposta ao Ministério das Finanças a revisão da situação, estando o Banco de Portugal a aguardar a luz verde do Governo para voltar a equipará-los a emigrantes, proporcionando-lhes assim o acesso às condições de

«poupança-emigrante». No que se refere aos sazonais, trabalhadores pagos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e outras categorias de trabalhadores que perderam a equiparação a emigrantes ignora-se por enquanto se a sua situação está em vias de ser revista, apesar das sugestões já apresentadas pelos bancos.

CGTP elegeu candidatos a juizes sociais

A CGTP anunciou que vai entregar hoje ao Conselho Superior de Magistratura «um volumoso processo» da eleição pelos seus sindicatos dos candidatos a juizes sociais.

A eleição dos juizes sociais destina-se aos tribunais de trabalho e tribunais de competência genérica que julguem matéria do foto laboral.

Um total de 87 sindicatos da CGTP elegeram já em assembleias gerais 2235 candidatos a juizes sociais, cobrindo 103 tribunais de todos os distritos do País.

Os juizes sociais devem ser cidadãos com mais de 25 anos e menos de 65 anos, sabendo ler e escrever e estando no pleno gozo dos seus direitos, e são nomeados por períodos de dois anos com início a 1 de Outubro — refere um comunicado da CGTP.

Acrescenta que quando o número de candidatos for superior ao triplo do estabelecimento para a respectiva comarca são escolhidos por sorteio.

A CGTP/Intersindical assinala que «a posse e funcionamento dos juizes sociais poderá constituir uma importante forma de democratização da justiça, designadamente na área das questões laborais».

Acordo nas louças de Sacavém

Os trabalhadores da Fábrica de Louça de Sacavém assinaram antontem um acordo com a administração, após longos meses de luta — indicou fonte sindical.

O acordo prevê a retoma da laboração no mesmo dia da sua assinatura e o pagamento, hoje, do salário de Maio.

O texto assinado pelas partes estipula ainda que, a partir de Setembro, os salários serão pagos integralmente no final do mês respectivo ou no período estabelecido contratualmente.

Os restantes meses de salários em atraso (há salários em atraso desde 1982), serão pagos retirando a partir de 1 de Outubro próximo 10 por cento do total das vendas, quer a dinheiro quer a crédito, para esse fim.

Setenave vai construir

petroleiro para a Sopotata

A Sopotata e a Setenave assinaram ontem um contrato para a construção de um petroleiro de 80 000 toneladas, no valor de cerca de 29 milhões de dólares (4,2 milhões de contos).

O contrato apenas entrará em vigor depois de preenchidas quatro condições, salientou o vice-presidente da Sopotata Nunes Correia.

O contrato — disse aquele gestor à Anop — terá de ser aprovado pelas autoridades competentes, como o Governo e o Banco de Portugal, e exige que antes da entrada em vigor seja assinado o contrato de financiamento do navio.

O acordo assinado prevê um prazo de 26 meses para a construção do navio.

Prevê o ministro da Agricultura

Rendimentos dos agricultores "não deverão baixar" em 1987

Os rendimentos dos agricultores portugueses estão acautelados para 1986 e não deverão diminuir em 1987 — disse ontem o ministro da Agricultura, Álvaro Barreto.

Falando numa conferência de Imprensa, em Lisboa, onde fez o balanço da adesão à CEE no sector, o ministro da Agricultura, Pecuária e Alimentação disse que os preços agrícolas garantidos pelo Governo para a presente campanha contemplaram aumentos globais da ordem dos 11 a 12 por cento.

«Como a inflação esperada para este ano não deve exceder estes valores, o rendimento dos agricultores não se deverá ressentir, como alguns previam, face ao primeiro embate da adesão» — disse Álvaro Barreto.

Quanto aos preços para a próxima campanha, o ministro anunciou valores indicativos, que a Comunidade só decretará a partir de Abril de 1987 e que deverão entrar em vigor em Julho do mesmo ano.

Prevêem-se aumentos gerais no preço de intervenção dos cereais da ordem dos 8 ou 9 por cento, esperando o Governo que a inflação no próximo ano se situe próximo desses valores, o que fará mais uma vez com que os agricultores não vejam diminuir os seus rendimentos, disse Barreto.

Os preços agrícolas portugueses, especialmente no que respeita aos cereais, são entre 45 e 50 por cento superiores aos comunitários, pelo que Portugal, durante o período de transição de cinco

anos, terá de harmonizar os seus preços com os de Bruxelas.

«Face a isso, os agricultores terão de obter ganhos de produtividade ou, em muitos casos, reverter culturas que hoje são obtidas com produtividades marginais» — disse o ministro. «Espera-se que dentro de 10 anos Portugal tenha para os cereais 1/3 da área presentemente empregue».

Face aos ganhos de produtividade que terão de ser obtidos, e face à reestruturação necessária, com o início de novas culturas e novos processos de cultivo, a agricultura portuguesa precisa de um grande esforço de investimento.

Já este ano, o investimento directo no sector agrícola deverá duplicar, face ao registado no ano

passado: enquanto o PIDC de 1985 dava para investimentos no sector cerca de 5 milhões de contos, o PIDAC de 1986 já prevê cerca de 9 milhões de contos, fora as ajudas directas ao investimento vindas da CEE.

Estas ajudas ao investimento na agricultura portuguesa estão enquadradas pelo Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa (PEDAP), pelo regulamento 797, pelo regulamento 355 e pelo da vinha.

Neste momento, só um deles, o 355, que diz respeito à melhoria das estruturas de transformações de produtos agrícolas e de pescado, está a ser aplicado em Portugal.

Afirma Comissão de Trabalhadores

Deputados podem evitar "erro histórico" na CNP

A Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) vendeu no primeiro semestre deste ano 16,19 milhões de contos, e registou um resultado de exploração positiva de 2330 mil contos, revela a comissão de trabalhadores em carta aberta aos deputados ontem divulgada.

A comissão de trabalhadores da CNP, referindo-se ao decreto-lei que extingue a empresa e que aguarda a publicação em «Diário da República», afirma que está nas mãos dos deputados «evitar um erro histórico, senão um verda-

deiro atentado contra a economia nacional».

O documento considera que está nas mãos dos deputados «evitar a destruição de todo o património humano e material que é um recurso nacional da maior importância humana, industrial, tecnológica e científica que, em termos financeiros, representa dezenas de milhões de contos».

A CT afirma que os trabalhadores da CNP «não podem compreender em nome de que princípios se justifica liquidar uma empresa que, contrariamente ao que é afir-

mado pelo Governo, é economicamente viável» e tem efeitos económico-sociais a nível nacional e regional.

Assinala que a excelente situação económica actual da empresa não é meramente conjuntural e as análises existentes «permitem encerrar com optimismo o futuro».

Adianta que dois terços dos «crackers» europeus e 80 por cento dos japoneses estão perto do limiar da sua vida útil, enquanto o «steam-cracker» da CNP, além de ser dos mais avançados da Europa, tem apenas quatro anos de exis-

tência.

A comissão de trabalhadores da CNP salienta que a empresa se encontra em plena fase de optimização das operações, tendo lançado investimentos no valor de 310 000 contos que permitirão uma poupança de 465 000 contos por ano e há projectos em estudo que permitirá 208 000 contos de economia nacional.

A CT afirma que no primeiro semestre deste ano a actividade da CNP teve um saldo cambial de 67,93 milhões de dólares.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	40\$00	46\$00
ALEMANHA FED. (marco)	69\$00	70\$20
ÁUSTRIA (xelim)	9\$75	9\$95
BÉLGICA (franco)	3\$134	3\$384
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	10\$565	10\$825
(notas de 5 a 1000)	10\$625	10\$875
DINAMARCA (coroa)	18\$35	18\$75
ESPAÑA (peseta)	1\$406	1\$606
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	147\$00	150\$50
(notas de 5 a 100)	147\$50	151\$70
FINLÂNDIA (marka)	29\$00	29\$60
FRANÇA (franco)	21\$30	22\$00
HOLANDA (florim)	61\$20	62\$30
IRLÂNDIA (libra)	20\$590	20\$990
ITÁLIA (lira)	\$091	\$106
JAPÃO (iene)	\$893	\$948
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	216\$80	221\$30
SUÉCIA (coroa)	20\$85	21\$35
SUÍÇA (franco)	85\$60	87\$10
VENEZUELA (bolívar)	6\$20	7\$20

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Bascos contra Governo francês

Activistas bascos que protestavam contra a expulsão de França de um presumível guerrilheiro da ETA, montaram barricadas na cidade de San Sebastian, anunciaram hoje autoridades policiais.

Na noite passada, os manifestantes barricaram as ruas com autocarros e carros particulares, fazendo parar o trânsito na auto-estrada ente Espanha e França.

Não há notícia de incidentes com a polícia neste segundo dia de protestos em San Sebastian contra as extradições e outras medidas do governo francês relativamente aos alegados membros do grupo separatista ETA que vivem neste país.

China liberta vietnamitas

O ministério chinês dos Negócios Estrangeiros informou hoje a embaixada do Vietname em Pequim da libertação, em meados de Agosto, de 29 vietnamitas que se encontravam presos na China.

Segundo a versão oficial chinesa, os presos libertados por «motivos humanitários» são 25 indivíduos «que penetraram armados e ilegalmente em território chinês» e quatro acusados de «espionagem».

Esta é a primeira vez que a China liberta, unilateralmente, presos vietnamitas, embora, no passado, tenha havido trocas de prisioneiros na altura de certas festividades.

Explosão a bordo de paquete de luxo

Uma explosão a bordo do paquete de luxo «Esmerald Seas», que realizava um cruzeiro nas Caraíbas, causou 16 feridos e obrigou a retirar os passageiros, confirmou hoje a guarda costeira norte-americana.

Dois helicópteros e um avião transportaram os feridos para dois hospitais de Miami, cujos serviços médicos informaram que duas das vítimas se encontram em estado grave, uma com queimaduras extensas, outra com intoxicação.

A explosão, devida a causas desconhecidas, verificou-se ontem de manhã, quando o «Esmerald Seas» estava ancorado frente a Cayo Stirrup, a 50 milhas ao norte de Nassau, capital das Bahamas.

Julgamento do «caso» Aquino

Uma comissão especial do Supremo Tribunal filipino recomendou hoje que o julgamento dos réus do caso do assassinio de Benigno Aquino, marido da presidente Corazon Aquino, seja declarado erro judicial e repetido.

O juiz Claudio Teehankee disse aos jornalistas que a comissão recomendou que o julgamento fosse declarado erro judicial porque juizes e acusadores públicos agiram sob pressão.

Os 26 réus do processo, incluindo o antigo chefe militar Fabian Ver, foram absolvidos em Dezembro passado.

Terminam conversações sobre desarmamento

As delegações dos Estados Unidos e da união Soviética encerraram hoje, em Genebra, oito dias de conversações sobre o tratado Salt-2, com o acordo para a sua renovação até finais deste ano, na mesma cidade.

As partes mantiveram o sigilo informativo estipulado desde o início, não divulgando o conteúdo da agenda sobre o acordo de 1979 de limitação de armas estratégicas, que os Estados Unidos afirmaram pretender não respeitar.

O sigilo noticioso cerca também as negociações soviético/norte-americanas sobre a proibição de testes nucleares subterrâneos que se iniciaram há oito dias.

Eduardo dos Santos regressou a Luanda

O presidente da república Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, chegou a Luanda na noite de quarta-feira, proveniente de Addis-Abeba, onde participou na cimeira da Organização da Unidade Africana (OUA).

Entretanto, em Addis-Abeba, antes da sua partida para Luanda, conferenciou com o presidente José Eduardo dos Santos denunciou a concentração no norte da Namíbia de mais de 20 mil soldados do exército sul-africano, equipados com cerca de 120 tanques e 800 blindados de combate.

Soviético condenado por espionagem

Um tribunal militar condenou a 15 anos de prisão um antigo apresentador de televisão acusado de espionar para o ocidente num escândalo que está a alastrar pela comunidade científica da União Soviética, anunciou hoje o diário «Trudo».

Senado norte-americano vota hoje

Sanções contra Pretória parecem inevitáveis

O Senado dos Estados Unidos, através do seu Comité de Relações Externas, prepara-se para votar hoje um projecto de lei sobre a imposição de sanções contra a África do Sul. A posição, quer do Congresso, dominado pelos democratas, quer do Senado, liderado pelos republicanos, tem vindo a endurecer relativamente à política da Administração face a Pretória, mas não se espera que as eventuais medidas que hoje possam ser aprovadas constituam as «sanções punitivas» que alguns senadores reclamam.

Depois de duas semanas polémicas, em que o tema das sanções dominou boa parte da actividade das duas câmaras do legislativo norte-americano e dominou as atenções da opinião pública, os senadores republicanos parecem ter chegado a um consenso sobre uma proposta moderada do representante do Estado de Indiana, Richard Lugar, que propõe algumas represálias contra a África do Sul as quais, pela sua natureza, são de molde a evitar o veto presidencial.

A Administração de Ronald Reagan tem repetidamente declarado a sua oposição a «sanções punitivas» que, na sua opinião, iriam afectar não só a população negra sul-africana como também os Estados independentes vizinhos.

Nos últimos dias — face à intransigência manifestada por Pretória em proceder às «reformas» preconizadas pelos Estados Unidos — tem-se registado, no entanto, um sensível endurecimento da atitude da Administração, que poderá, assim, não levantar grandes obstáculos à efectivação das sanções que o Senado poderá aprovar hoje.

Ainda a missão de Geoffrey Howe

O fracasso de missão do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Sir Geoffrey Howe, enviado especial da CEE, foi comentada por um porta-voz da Departamento de Estado, que lembrou que Pretória não tenha sido «mais receptiva» aos esforços europeus para iniciar um diálogo.

Apesar disso, o porta-voz Bernard Kalb declarou que a Administração acredita que a deslocação de Sir Geoffrey foi «útil» pois primitiu uma reafirmação dos pontos de vista da Comunidade Europeia «sobre o que a África do Sul deve fazer para encontrar uma solução justa e pacífica para os problemas sul-africanos».

O ministro britânico, durante a sua recente estadia na África do Sul, exigiu a realização de negociações entre o Governo branco minoritário e os dirigentes negros para por fim ao sistema do apartheid, bem como a libertação do dirigente Nelson Mandela. Kalb, nas suas declarações, disse que os Estados Unidos «concordam» com esta «mensagem».

Sir Geoffrey Howe, ontem regressado a Londres, tem hoje encontros com o primeiro-ministro Margaret Thatcher e com o adjunto do Secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. Os encontros com Thatcher e Crocker destinam-se a informar a chefe do Governo britânico e o representante dos Estados Unidos dos resultados da sua missão a África.

Mudança em perspectiva?

Face à posição do legislativo norte-americano, às dificuldades que Thatcher enfrenta no Parlamento e à intransigência de Pretória, a maioria dos observadores internacionais acredita numa inflexão das posições americano e britânica, traduzida no avanço de medidas mais duras contra a África do Sul.

Quais serão estas medidas, é a dúvida que se coloca dado que, quer Londres quer Washington, pretendem evitar que sanções excessivamente punitivas possam reforçar a ala mais extremista do Governo sul-africano, especialmente o seu sector militar, o que poderia levar a uma extremar de posições que se torna-se incontornável e tivesse efeitos altamente desestabilizadores em toda a África Austral.

Simultaneamente, estes dois Governos temem as represálias económicas sul-africanas contra os países limítrofes, altamente dependentes de Pretória, e os efeitos que as sanções poderão ter no interior da própria África do Sul onde uma situação de ruptura económica pode ter efeitos devastadores, não apenas em África mas também em países europeus.

Um relatório do Governo britânico diz, por exemplo, que a aplicação de sanções resultaria num agravamento do desemprego e dos preços na Inglaterra.

O boicote às importações sul-africanas, fundamentalmente de matérias primas e de produtos agrícolas, resultaria num corte aos fornecimentos à indústria e aos consumidores, e embora fontes de abastecimento alternativas pudessem ser encontradas, mesmo assim isso reverteria num aumento importante dos preços.

Apesar deste «quadro ne-



gro» o relatório acrescenta que «se (Pieter Botha) não for capaz de dar os passos mínimos exigidos pela maioria dos Governos ocidentais — libertação dos prisioneiros políticos, legalização do ANC e negociação de uma nova Constituição — será cada vez mais difícil que o Reino Unido continue a opor-se à aplicação de sanções económicas».

Mas para além das dificuldades expressas neste relatório, os Governos ocidentais confrontam-se igualmente com o efeito real das sanções sobre a economia sul-africana.

Diversos especialistas consideram que o poderio económico de Pretória a poderá fazer sobreviver longo tempo a quaisquer sanções, sem que com isso a minoria branca seja duramente afectada.

Uma das medidas cujo efeito punitivo não oferece quaisquer dúvidas consta da possibilidade dos Governos ocidentais fazerem baixar o preço do ouro, lançando no mercado as suas próprias reservas e atingindo assim a principal fonte de rendimentos sul-africana. Esta medida, no entanto, teria também efeitos negativos nas economias ocidentais, além de colocar a União Soviética num difícil posição dada a sua situação de grande produtor daquele metal precioso.

Pretória prepara-se

Enquanto o presidente sul-africano, Pieter Botha, volta a reafirmar que não aceita nenhuma das exigências ocidentais, a economia sul-africana prepara-se para a inevitabilidade das sanções.

O rand (moeda nacional) foi ontem desvalorizado, cotando-se agora a 35 céntimos do dólar, e iniciou-se um levantamento das indústrias estratégicas com vista a garantir a sua sobrevivência.

Oposicionista sul-africano dizem que a última oportunidade de levar o Governo a negociar se perdeu com a missão de Sir Geoffrey Howe e que as sanções são agora

uma questão de tempo.

Para já regista-se novo endurecimento da política repressiva, com o aumento do número de prisões de negros.

O jornal de Joanesburgo, «The Star», violando as leis do estado de emergência, publicou ontem o nome de 3402 presos políticos, incluindo 42 adolescentes, alguns deles com apenas 11 anos.

Grupos dos direitos humanos consideram, contudo, que nesta lista faltam entre 4 a 5 mil nomes de detidos cujas famílias ainda nem sequer foram avisadas da sua prisão.

Todos estes prisioneiros estão impedidos de receber visitas, desconhecendo-se tudo sobre a forma como têm sido tratados.

EUA contactam com o ANC

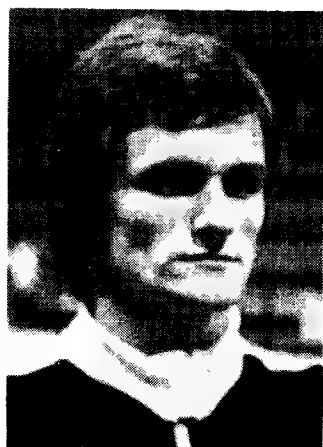
Outro sinal de mudança na posição da Administração norte-americana surgiu hoje ao ser anunciado, em Washington, que o embaixador dos Estados Unidos na Zâmbia, Paul Hare, manteve conversações com os dirigentes do ANC, em Lusaca.

«Elevar o nível do nosso diálogo com o ANC faz parte dos nossos esforços para promover negociações entre todas as partes interessadas num clima de paz na África do Sul», disse um porta-voz do Departamento de Estado.

Sabe-se que Hare se reuniu durante hora e meia com três dirigentes do ANC, mas tanto os Estados Unidos como o movimento oposicionista sul-africano recusaram revelar o conteúdo das conversações.

Uma das preocupações norte-americanas diz respeito às ligações que o ANC mantém com Moscovo e, neste sentido, Washington tem repetido a sua determinação em evitar que uma mudança política na África do Sul possa vir a favorecer a União Soviética.

Contra este argumento, os adversários de Reagan argumentam que a continuação de uma política moderada face ao regime branco só levará a um endurecimento da parte dos dirigentes negros e à sua eventual aproximação de Moscovo.



Sousa: serenidade



Pacheco: meditação

Sousa e Pacheco: que destino?

Jaime Pacheco e Sousa, terminam hoje o contrato que os ligou ao Sporting nos últimos anos, depois da sua súbita saída do FC Porto por razões então alegadas em vários tons. Quanto ao destino daqueles magníficos futebolistas, diz-se que Sousa estará amanhã de retorno às Antas e que provavelmente o seu companheiro continuará de verde equipados. Para já não adianta especular, bastando aguardar escassas horas para atentarmos nas certezas.

Clubes-RTP: acordo firmado

A RTP e os 16 clubes da Primeira Divisão de futebol assinaram um acordo que prevê a transmissão de resumos filmados dos jogos do campeonato.

Os resumos serão de três a cinco minutos e de totalidade dos jogos do campeonato e internacionais que se realizem nos estádios deste clubes durante a época de 1986/87.

O acordo prevê ainda um resumo alargado, de 20 minutos, para transmissão diferida, de um jogo escolhido entre a RTP e cada clube em cada uma das jornadas do próximo campeonato nacional e da Taça de Portugal. O acordo foi assinado, por parte da RTP, pelo presidente do conselho de gerência, Coelho Ribeiro, e pelo vogal desse conselho, Pinho Cardão, e, pelos clubes, firmaram o documento João Rocha, Valentim Loureiro, João Gomes e Pinto da Costa, respectivamente pelo Sporting, Boavista, Braga e F. C. do Porto.

Laffite: nova operação

O piloto francês, Jacques Laffite, foi sujeito a uma nova intervenção cirúrgica que durou 14 horas e teve como objectivo tratar de lesões sofridas na sequência do acidente no Grande Prémio de Inglaterra, a 13 de Julho em Brands Hatch.

Os médicos que operaram o veterano piloto francês afirmaram que o seu estado é estacionário, sublinhando que Laffite «teve ainda algumas dores durante a operação, pois esta demorou mais do que inicialmente estava planeado».

Laffite, 42 anos, que sofreu múltiplas fracturas após o seu Ligier ter embatido de frente contra as barreiras de protecção, poderá vir a ser novamente operado nos próximos dez dias, admitiram os médicos.

— Microscópio —

Federação portuguesa de atletismo — duas assembleias

Para apreciação, discussão e votação do relatório da gerência de 1985 e substituição e entrada de novos corpos gerentes, vai realizar-se uma assembleia geral ordinária da FPA que terá lugar no dia 2 de Agosto na sala de imprensa do Estádio Nacional.

No mesmo dia e local a FPA leva a efeito uma sessão extraordinária, para apreciação, discussão e votação do projecto do regulamento de transferências e de uma proposta de alteração ao regulamento geral de competições, apresentada pela Associação de Atletismo de Setúbal.

Motocrosse em Tondela

Numa organização conjunta da Associação dos Bombeiros Voluntários de Tondela e Motoclube de Molelinhos, vai realizar-se na «Pista a Sobreira» em Molelinhos, uma prova de Motocross para motociclos de 125cm³ e 250cm³, provas do calendário do Campeonato Nacional de Motocross (Juniões) integrado no programa das «Festas da Mata», no dia 10 do corrente.

A dita prova terá a presença dos melhores pilotos nacionais da modalidade, que disputam presentemente o campeonato.

João Aranha abandona o Sporting

"Estou a mais no futebol"

Bem, Silvinho já aí está. Negrete fez o «desvio» da Áustria para Alvalade. Zinho e Vital começam a integrar-se. Mário virá brevemente. Marlon parece ser caso complicado. Sousa e Pacheco terminam hoje o seu contrato sem que se saiba se haverá possibilidade de ambos ou apenas um (Pacheco) continuar de verde equipados. Por tudo isto o Sporting é notícia, mas a mais surpreendente resulta da inesperada demissão de João Aranha.

«Após esta dolorosa e desgastante experiência, posso concluir que os clubes portugueses ainda não estão preparados para integrarem nos seus quadros, profissionalmente, elementos com a minha formação, as minhas qualificações, a minha experiência e o meu prestígio».

Assim explicou João Aranha, a decisão que o levou a demitir-se do cargo de responsável pelo futebol sportinguista que vinha desempenhando há algum tempo. Recordou o seu depoimento o nosso excelente companheiro da arte, Cruz dos Santos (A Bola) que acompanhou a equipa «leonina» na sua recente participação no Torneio Internacional de Paris.

Trata-se uma «baixa» importante no futebol do Sporting, ao mesmo tempo que começa a ser surpreendente a constância nas mudanças do comando daquele departamento. Recordamos alguns nomes: Sousa Marques, Jaime Lopes, José Manuel Torcato, Manolo Vidal, Alexandre Baptista e outros mais poderíamos citar. Ao mesmo tempo, se recorda a recente renúncia (já confirmada?) de Octávio Barrosa.

João Aranha fundamenta ainda esta sua atitude alegando encontrar-se doente e «desencantado por tudo o que passa no futebol português».

E conclui: «estou a mais no futebol».

Belenenses: novo triunfo

Depois de três triunfos contra equipas de segundo plano, o Belenenses averbou nova vitória (2-1) frente ao ntuerpia, com a curiosidade de os golos azuis terem tido por autor Mapuata e haver sido testado por Depireux o argelino Kari Maroc que havia sido dado

como certo no Sporting de Braga. Ao que se constata o técnico azul não «aprovou» o candidato. Vejamos a «ficha do jogo»:

Antwerp Stadion.

Árbitro: De Laenens.

ANTWERP; Schippers; Van Rethy; Plovie; Koekelcoren «cap.» e Smidts; Pister (Severeyns, aos 81 m), Gonzalez (Prins, aos 72 m), Van der Linden e Mariman (Wabra, aos 55 m); Paulo César e Knops.

BELENENSES; Jorge Martins; José António «cap.»; Teixeira, Carlos Ribeiro, Sobrinho e Artur; Alberto; Jaime, Kkarin Maroc e Jorge Silva; Mapuata.

Benfica na «Teresa Herrera»?

Uma equipa portuguesa, provavelmente o Benfica, será convidada a participar na Taça Teresa Herrera, em futebol, caso fracasse as tentativas de participação do Flamengo ou do Santos, ambos do Brasil, foi anunciado pela organização.

Até ao momento os organizadores do troféu Teresa Herrera, torneio internacional que já faz parte das tradições futebolísticas da cidade de La Coruña, na Galiza, têm procurado confirmar a presença do Flamengo, depois das últimas informações chegadas do Brasil apontarem para a renúncia do clube brasileiro devido a um encontro que no dia 10 de Agosto disputa no Rio de Janeiro, contra o Vasco da Gama.

No caso do jogo Flamengo-Vasco não poder ser adiado, a direcção do troféu propõe-se contactar o Santos, de S. Paulo, já que o projecto da edição/86 do torneio aponta para um confronto entre o futebol brasileiro e o espanhol.

Já confirmaram a sua presença na Teresa Herrera deste ano o Real



Aranha sai do Sporting enquanto Campos entra no Farense



Madrid, o Atlético de Madrid e o S. Paulo, do Brasil, faltando apenas assegurar o concurso da quarta equipa.

Joaquim Campos regressa ao futebol

O credenciado Joaquim Campos, que terá sido o melhor árbitro português de todos os tempos — que nos desculpe António Garrido, César Correia, Rosa Santos, Nazaré e outros de inquestionável valor — regressa hoje ao futebol, na qualidade de secretário-técnico do Sporting Farense. Trata-se uma «aquisição» que naturalmente muito beneficiará o clube liderado por Fernando Barata e só se estranha que os dirigentes do futebol português, particularmente os que comandam o pelouro arbitral, tenham sistematicamente ignorado os conhecimentos daquele magnífico «expert» da arbitragem e do futebol.

Rui Oliveira troca Alvalade por Braga?

A notícia (sem confirmação) é dada hoje pelo jornal «A Bola». Rui Oliveira — professor de educação física há algum tempo ao serviço do Sporting — poderia ainda hoje assinar contrato com o Sporting Clube de Braga.

V. Setúbal: Aparício já regressou

O avançado do Vitória de Setúbal, Aparício, que se encon-

trava em França, onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica já regressou a Portugal, e um informador do clube sadino disse que a operação (aos tendões) a que Aparício foi submetido realizou-se numa clínica de Lille e correu da melhor maneira, aguardando-se para breve a recuperação total do jogador, que entretanto ficará sob vigilância do departamento médico do Vitória.

Prosseguem no estádio do Bonfim os treinos do plantel sadino, dirigidos pelo técnico Malcolm Allison e pelo preparador-físico Roger Spry, que continua a submeter os jogadores a sessões de ginástica rítmica, sistema inédito em Portugal.

No dia 1 de Agosto o Vitória defrontará o Benfica, em jogo de preparação.

Almeirim: reforços

Continuando José Mendes como técnico, o União de Almeirim conta com os seguintes novos elementos: Carlos Dias (Águias de Alpiarça), João Paulo (Imortal), Costa (AAC), Adérito (Estrela da Amadora), Moreno (Peniche), Faustino (Sesimbra), Manolo (Comércio e Indústria) e Júlio (Benfica).

Contrato Estado-FC Porto foi ontem homologado

O ministro do Plano e da Administração do Território, Valente de Oliveira, enalteceu em Lisboa o contrato-programa assinado entre a Administração Pública e a direcção do Futebol Clube do Porto.

Falando no acto de assinatura do documento, Valente de Oliveira disse tratar-se do primeiro contrato-programa «de uma série de formalizações vinculativas que inauguram um novo estilo de relações entre as instâncias que apoiam e as entidades subsidiadas para a realização de equipamentos estruturantes do território».

O contrato assinado entre a direcção do futebol Clube do Porto e as direcções-gerais do Ordenamento do Território e dos Desportos, é orçado em 430 000 contos e destina-se a obras de alargamento da piscina olímpica do clube e a realização de obras de ampliação do Estádio das Antas.

O equipamento desportivo será gerido pelo clube para proporcionar a sua fruição pela comunidade desportiva local, ficando salva-guardada a sua utilização em manifestações desportivas de carácter nacional.

No seu discurso, o ministro Valente de Oliveira afirmou que o

Estado «nem deve de tudo encarregar-se» e defendeu: «Há, no corpo social, uma reserva de energias, de capacidade de iniciativa e de vontade de doação pessoal que não pode ser desperdiçada». «Estão hoje bem delimitados os campos de acção e as funções das autarquias locais e da Administração Central e têm as primeiras os meios financeiros que asseguram o desempenho de numerosos encargos», acrescentou.

A situação ideal «será a de garantir as comunidades carecidas de certos equipamentos, deixando

a avaliação dos graus de carência a quem sabe do sector, garantindo padrões idênticos de satisfação a todas as populações, mobilizando as contribuições voluntárias locais para a sua animação permanente e para a sua gestão e dando o Estado o empurrão inicial à concretização das obras necessárias».

«Numa outra perspectiva, todo o equipamento tem que ser visto como instrumento do ordenamento do território, devendo favorecer o desenvolvimento harmonioso do País e melhorar a qualidade de vida das populações», defendeu Valente de Oliveira.



Da iniciativa privada ao êxito do colectivismo

Neves de Sousa

nosso enviado especial

Não há dúvida: cada um a torcer para seu lado, não há nada. E isso nota-se, clara e inequivocamente, no desporto; tal como o futebol e «association» na mais pura expressão, também o ciclismo vive do associativismo e raramente se enfeuda (totalmente) a brilhante episódio que muda todo o rumo de um barco em mar alto.

A equipa de reportagem do "DL"

viaja num

FIAT

Gentilmente cedido pela Fiat Portuguesa S.A.R.L.

Ontem, na ligação «voltista» entre Grândola e Foia, «estí-cões» sucessivos faziam pressa-giar que os 91 atletas em paralelo não estavam dispostos a aguardar pelo juiz de paz, da tremenda encosta final para aferirem das suas capacidades. O Louletano Manuel Oliveira deu o primeiro sinal de rebeldia ao bloco: logo à partida imprimiu passo duro à serpente colorida, mas a hecatombe de «furos» que aconteceu por alturas do quilómetro onze (passara-se Canal Caveira) obrigou a serena reflexão, porque tanto o Sangalhos como o homens da equipa abonada por Fernando Oliveira e Raul Durão (construções e danceteria) foram atingidos fortemente e ficaram obrigados a retardar o passo para o reboque dos menos afortunados.

Porém, ao quilómetro treze, foi a vez de pegar uma iniciativa do boavisteiro Benjamin Carvalho: disse adeus à freguesia e emigrou. E o seu avanço foi crescendo, enquanto o sol tombava a pino sobre a planície: quando se passava Ermidas, exactamente quando Francisco Silva (mano de Acácio) recolava ao pelotão, depois de mudar de máquina, já Benjamin averbava um minuto e quinze segundos de pecúlio.

Mais atrasados que o grosso das hostes estavam Isidro Miranda e Francisco Camacho e a marcha estava esprevidada, correndo-se a bom andar.

Ao 35.º quilómetro, foi a vez de a voz de António Pinto: oavir-deste te... a ideia de ntrar bem destacado na província que o contemplou com trabalho e a coisa não saiu furada logo ao princípio, embora tenha acontecido certa relutância dos corcéis da companhia que procuraram estorvar o moço do adeus ao sé-quito. E logo, ainda António Pinto pedalava à vista, abalaram José Oliveira (Garcia Joalheiro) e Fernando Ventura (orreene): o triunvirato estava unido por altura de uma hora de corrida,

quando se passava para o quilómetro 42 e jêchirava a Algarve por todos os lados.

Aí, Benjamin!

Benjamin Carvalho ainda tinha marcha impecável: sucessivas rajadas impulsionavam as pernas, funcionando como êmbolos sobre os traços de metal. Dois minutos e quinze de vantagem sobre os mosqueteiros da mais directa perseguição seriam suficientes?

Era a questão que ficava no ar, quando o pelotão deu um safanão de todo o tamanho: uma boa dúzia de mestres entendia que era tempo de acabar o devaneio e saía em galopada cerrada à conquista da estrada, para o arrebat-ear de tempo que permitisse disfarçar amolecimentos e quebras, fraquezas e «enpenamentos» na duríssima escalada para junto do emissor da RTP, lá no topo de Fôia.

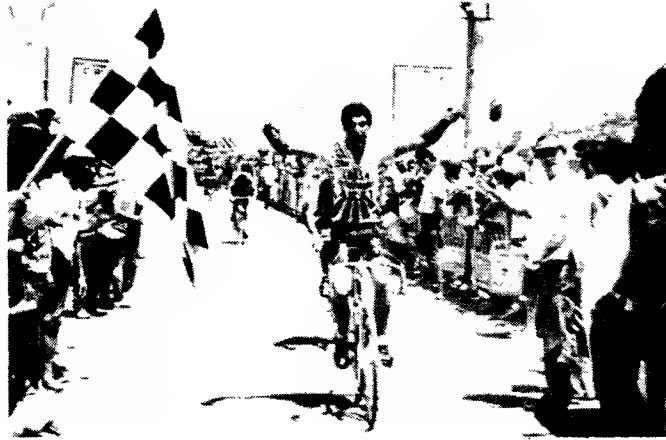
Gente importante nesse solavanco: Eduardo e Manuel Correia, Serafim Vieira e Paulo Ferreira, mais Américo Silva, Carlos Santos e Fernando Carvalho mostravam que tanto o Sporting como o Lousa atiravam as cartas para a mesa, desembainhando espadas e mostrando que está chegando a hora da rendição dos primeiros heróis.

De facto, nesse grupo constituído de emergência (mas tacticamente bem jogado por técnicos de fila cimeira: Emídio Pinto e Orlando Alexandre os ciclistas imperavam, e nem um só representante dos brasileiros da Caloi ou dos franceses da Fagor estava representado no comboio expresso. Havia (isso, sim) gente com diferentes ideias mas horizonte de momento comum: António Alves, José Passos e Rui Sevilha (Boavista), João Santos, Benedito Ferreira e Fernando Ventura (orreense), António Pinto e Jorge Evangelista (avira), Joaquim Fernandes (Garcia Joalheiro), Carlos Marta (Sangalhos), Raul Terebentino

(Olhanense) e Carlos Pereira (Ajact). Perguntará o leitor se não anda gato nesta mistura: nada de estranho, porque (tão depressa como demora a explicação) Benjamin Carvalho ficou em passo de ganso a ver desfilar o avião e Raul Terebentino (como um furacão) entrou no conjunto de avançados sem dizer água vai. Estava-se ao quilómetro 60 e a média continuava alta, como os corredores apeteendo o vespertino banho algarvio que é delícia para milhares de forasteiros mas, para os «heróis da estrada», fica sucessivamente adiado para segundas nupcias.

Com duas horas de luta, estavam andados 84,5 quilómetros: bem bom. E, quando se registou a diferença máxima entre os foragidos e o grande pelotão (cinco minutos e trinta), estavam no bolso 97 mil metros e Monchique já tinha saudações na estrada. Só que, de um instante para o outro, afrouxou a vertigem da dianteira, tal como se ampliou o passo dos caçadores.

«Fura» a máquina de António Pinto: e o Louletano, a testa do pelotão, enquadra o «amarela» como se fora guarda-costas para todo o serviço. Luís Cruz (Tavira) atrasa-se: logo nesse momento, que se iniciava a subida para a conta-



Fernando Carvalho: primeiro em Foia

co quilómetros finais, mas todo o corpo de elite também fazendo pela vida, dura como um raio para ciclista desprevenido metido nestas andanças.

Corpo-a-corpo

Foi, lá a 900 metros de altitude, contemplava a mãe natureza: e eram milhares, muitos milhares, os que tinham tido a ousadia de meter pano até poderem ver a um palmo o rosto (rasgado pelo esforço) dos artistas sobre duas rodas. E faziam-se apostas, até entre os companheiros de aventura jornalística: quem poderá ganhar aqui? Cada um dava pal-

dar arranha-céus, nas tais duas horas relampejantes. Daí que se tenha quedado pelos 38 e tal o registo do andamento de Fernando Carvalho, emergindo triunfantemente do pequeno exército constituído quando se rolava em plano, mas que foi muito destroçado quando tocou pela última vez a reunir forças e a esbater fálências.

Vinte e nove minutos separaram a coroa de louros de Lousa do sabor a fel do sangalhenso Isidoro Miranda como do Louletano Francisco Camacho. Mas outros homens de boa cotação ficaram batidos na licitação na luta do mercado: o experiente Adelino Teixeira e os novatos Serafim Vieira e Joaquim Gomes tinham ficado sacrificados no jogo esquematizado pelas suas equipas. O fugitivo do dia (Benjamin) acabava o compromisso quase ao colo dos condoídos pelo seu estado físico: nem mais um centímetro de borça nas «canetas». Aí estava nova achega para tese amplamente defendida e sempre confirmada: o indivíduo cede sempre o caminho ao associativismo.

Dize tu, direi eu

Foi impressionante a fatia de tempo perdida por um homem da vanguarda: Luiz Cruz resvalou pela tabela como garoto escorregando em chão de cera virgem. E várias formações apanhavam machadadas quase brutais: o Algarve (neste aspecto) a sentir-se bem tocado pelo estilete, com olhanenses, louletanos e taviren- ses (enroscados nos convivas estrangeiros: brasileiros e france- ses) a dizerem mal da vida colectiva e a serem Sporting e Lousa a recolherem proventos que podem ser moeda preciosa para a última avaliação de potenciais.

Tombos muito pronunciados tocaram a Francisco Silva e Luiz Cruz, Manuel Neves e Alberto Leal, subidas espectaculares marcaram os alcastruzes da nora:

Carlos Marta e António Alves, Eduardo Correia e Fernando Carvalho. Neste momento, quando o climax da prova ainda não bateu à porta mas a triagem começa a vincar sua lei, há campos perfeitamente extremados: com oitenta e oito homens ainda podendo albergar sonhos, fica no ar a possibilidade do Algarve fazer frente unida para que, esta tarde, ao cair do sol, o britânico Cayn (filho bruscamente adoptado) ainda alinhe de amarelo no contra-relógio tavirense.

Tenho a crteza disso (diz-nos Júlio Guerreiro, dirigente do Louletano). «O meu Algarve merece o melhor que há: e sempre sonhamos ter com a nossa camisola um condutor da «VOLTA».

Comenta:

Até à meta, em Foia, foi o cabo dos trabalhos: mas o nosso «bebé» tem-nos dado tantas alegrias que bem o posso considerar como algarvio de gema.

Sisudo:

Desde o Gouveia ao Nictelio, não sei se viu, todos se esmeraram em trabalhar para que o Cayn ainda esteja vestido de amarelo. E ele bem merece: é um profissional de corpo inteiro.

Ao lado, Francisco Silva lamentava-se:

«Furei» as duas rodas ao mesmo tempo e, depois de mudar, a de trás não funcionava: a bicicleta saltava, parecia um cabrito. Mudei de máquina e os problemas continuaram: só eu sei como me aguentei no balanço».

Fernando Carvalho estava submerso num mar de abraços. Mas com uma pedrinha no sapato:

Foi uma fuga em que todos vinhamos a puxar quando o Emídio Pinto (treinador do Sporting) veio à frente dizer para os corredores dele não irem para a frente. Foi pena: nesse jogo táctico do Sporting perdemos a hipótese de entrar aqui (meta de Foia) com mais de dez minutos de avanço. Mesmo assim, não consegui ganhar a etapa: um dia destes, a minha equipa passa-lhe as palhetas, porque o Sporting não pode passar a vida a mamar doce, a andar na roda e deixar rolar...As tendas já começavam a deixar a feira ainda vinham ciclistas a trepar. um dirigente da Ajact contava para familiares:

Foi mesmo à porta do tribunal de Grândola: o dente provocava-me uma dor tão grande que tive de ir ter com o enfermeiro Sousa e pedir-lhe para ver o caso. Sabem o que

Continua na pag. 17

A nossa equipa de reportagem

VIAJA COM

Mobil

gem de montanha de 2.ª categoria, instalada quinhentos metros depois do quilómetro 128. O francês Chaubet (Fagor) quer sair do grupo número dois mas a rapaziada não deixa: lá à frente, já se luta pelos contos de réis que estão ao dispor dos melhores trepadores.

E é o traço dessa meta: Fernando Ventura, Américo Silva, António Alves, Manuel Correia e Carlos Marta são os primeiros. Centenas de turistas emolduravam a fita negra imaginando verem ali outros Fignos e Hinaults, quem sabe mesmo se o luso continuador das façanhas do ianque Lemond.

A descida para Monchique (porém) chamou todos à razão: já não se podia ter devaneios. Oito quilómetros a subir para céu esperavam a caravana: começava o tremendo pandemónio do trepa-comopuderes, com Carlos Santos a destacar-se levemente no traço branco anunciador dos cin-

pite, os rapazes ainda tinham dois quilómetros pelas barbas. Pois sabem que, entre o grosso das hostes, somente três da escrita adiantaram certeza: Manuel Dias («O Primeiro de Janeiro»), Ricardo Tavares («Record») e este vosso companheiro de leitura. Todos os demais desde Abel Figueiredo (Rádio Comercial) a Justiniano Vargues (Antena Um) jogavam em Manuel Correia ou António Alves.

Foi, realmente, Fernando Carvalho (22 anos, filho do antigo campeão Alberto Carvalho) quem rubricou o último recibo, ainda que tivesse coladinho à camisola o sangalhen- se Carlos Marta, e, de jacto, veio a tropa mais distante, com os Correias de Alvalade marcando firmeza e os «galos» do ringue (Cayn Theaston e Marco Chagas) parecendo irmãos siameses.

Para os 146 quilómetros do percurso, média que terá de aceitar-se como razoável ainda que tivesse andado a ron-

Uno! um carro Único!



48.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



Cayn recebe felicitações dos lousanenses

Continuação da pág. 16

sucedeu? A frio, extraiu-me o bicho. Ah, mas agora sinto cá um alívio...

Crespo já sorria e Sousa vinha adiantar:

Ele estava de olhos fechados: nem reparou que eu o anestesiasei com «spray» antes de arrancar o dente.

Aposta num naipe

Outra história, igualmente curta: sabem como é essa coisa dos andamentos nas bicicletas? Como (por exemplo) o Sporting estabeleceu nesta tirada? Então aí vai, contado por Francisco Araújo, o «rei das máquinas» internacionalmente conhecido como o «mecânico de Tino» braço direito, anos a fio, do saudoso Agostinho:

— Escolhi o 12 por 21, este rolamento para a parte mais difícil do percurso. Pedaleiras: 42 por 52, depois: 17, 19 ou 21 conforme os ciclistas iam ficando perto da meta.

Serviço de transmissões da Volta, através de um

GRUNDIG
cedido gentilmente

pela Grundig Portuguesa.

Outro homem que sabe destas coisas: o dr. José Barreiro de Magalhães, que, com o filho Manuel (médico do futebol boavistense), anda nestas vidas há um ror de anos:

— Tive um trabalho dos demónios: quedas do João Amaro e o Raul Terbentino, tratamentos a Paulo Ferreira, Rui Sevilha, Alfredo Gouveia, Benjamin Carvalho, Carlos Marta, Isidro Miranda, Leonel Tomás e o taveirense António Pinto.

Sem pinguinha de energia para consumir, fizeram a trouxa mais três rapazes: dois algarvios ficam à porta de casa e o bairradino, bandeira baixa, reconsidera que

estava impreparado para tão grande esforço.

E, enquanto Benjamin Carvalho recebia o prémio da combatividade e os exames «antidoping» continuam a tranquilizar a tribo, Manuel Cunha vai elegantemente vestido e Eduardo Correia traja-se a amabilidade e em pessoa, segundo os critérios de dois juízos bem documentados. Mas o general da jornada foi Américo Silva, que, em menos de quatro horas, trepou 29 lugares. Ele conta:

— Estava na disposição de fazer ainda melhor: mas tinha de jogar pelo melhor da equipa. De qualquer maneira, acredito que vá ainda ficar em

melhor posição, antes do repouso nas Termas de Monfortinho.

Da organização chegava uma alteração: mudança, das 15 para 16, a partida (esta tarde) do primeiro ciclista que vai lutar contra o cronómetro em torno de Tavira. Numa Volta em que o «Jornal de Notícias» arrisca mais de trinta mil contos, está autorizada toda a rectificação que beneficie a imagem de uma corrida extraordinariamente bem disputada, mas com pequenos acidentes de percurso que (felizmente) têm sido limpos com a esponja da boa vontade.

Adiante: fundamental é lembrar que está a terminar a apresentação das credenciais dos rola-dores e, à porta, começa o cabo dos trabalhos para trepadores. Uma vez mais (como sempre) será a montanha a ditar a sua lei. Só que (sempre se espera um travão) certa época surgirá em que o Everest irá parir um rato: quem sabe se ele já saiu da toca e se chama Fernando Carvalho?

Destaque

Disputadas oito etapas vemos o quadro de honra:

Etapas	Vencedor	Equipas	C. Amarela	Equipas
Pról.	Manuel Cunha	Lousa	Cunha	Sporting
1.ª	Joaq. Fernandes	G. Joalh.	Cunha	Sporting
2.ª	Carlos Nunes	Torreense	M. Neves	Torreense
3.ª	Luís Cruz	Louletano	C.Theahston	Louletano
4.ª	Carlos Pereira	Ajacto	C.Theahston	Louletano
5.ª	Marcos Mazzaron	P. Açúcar	C.Theahston	Louletano
6.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
7.ª	F. Carvalho	Lousa	C.Theahston	Louletano
8.ª	Eugénio Passos	Boavista	C.Theahston	Louletano

Breves

Três ciclistas foram ontem eliminados da «Volta» por terem chegado à meta em Fôia com o controlo já encerrado.

Os três eliminados são Francisco Camacho (Louletano), João Carvalho (avira) e Isidro Miranda (Sangalhos), ficando o pelotão reduzido a 88 unidades.

O prémio da combatividade foi atribuído ao ciclista Benjamin Carvalho, do Boavista/Zanussi.

Entretanto nas votações feitas pelos jornalistas que acompanham a «Volta», o prémio elegância é liderado por Manuel Cunha (Lousa); com 15 pontos, seguido de Fernando Carvalho (Lousa) com 12 e Marco Chagas, Sporting, com 7 pontos.

O prémio amabilidade (roféu «IDalino de Freitas») é comandado agora por Eduardo Correia (Sporting) com 10 pontos, seguido de Manuel Neves (Boavista) com 8 e Manuel Cunha (Lousa), com 6 pontos.

O prémio da progressividade foi atribuído a Américo Silva, do Lousa Trinaranjos/Akai, que subiu 29 lugares na classificação geral individual.

Os médicos da caravana prestaram assistência a dez ciclistas, um dos quais, Raul Terbentino (Olhanense) está sob vigilância devido à queda que sofreu a poucos quilómetros da chegada.

Foram negativos os cinco exames «antidoping» referentes à 5.ª etapa da Volta (Mangualde e Sangalhos).

Entretanto, após a 7.ª etapa. (Grândula - Foia) foram convocados para o teste «anti-doping» mais cinco corredores. Serafim Vieira (Sporting) e Francisco Camacho (Louletano/Fol) foram os sorteados, que acompanharam os dois primeiros classificados. Fernando Carvalho (Lousa) e Carlos Marta (Sangalhos) e o camisola amarela Theahston Cayn (Louletano).

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 31 DE 3 DE AGOSTO DE 1986

A Arte de Bem Madrugar: 111 11X 121 X21; Clube da Manhã: 1X1 1XX 112 2X2X; O Jornal de Amaran: 111 121 111 1X11; Jornal Defesa de Espinho: X12 21X 21X 1X12; Folha do Domingo: 111 111 111 111X; Desporto Regional: 11X 111 111 1111; Jornal da Beira: 111 111 111 111X; Jornal do Fundão: X11 111 111 111X; O Diário: 11X 1XX 221 1122; Jornal a Defesa: 1X1 1X1 X11 XX11; Jornal de Sintra: 111 1X2 111 1X21; A Voz do Domingo: 111 111 111 1111; Eu Sei Tudo: 111 111 111 111X; Correio do Vouga: 111 111 111 1111; No Estúdio e no Estádio: 1X2 111 XX1 1XX1; O Algarve: 112 12X 221 1X1; Maria da Fonte: X11 111 111 1111; O Jornal de Felgueiras: X12 111 2X2 1X11; Litoral: 111 1X1 111 1X2X; Reconquista: 111 2X1 111

1111; Pôr do Sol: 111 1X1 112 XX11; Diário de Lisboa: 211 1X1 121 21X1; Fim-de-Semana Desportivo: 2X1 X11 11X 1X2X; Panorama Desportivo: XX1 1X1 112 1X1X;

Voz de Lamego: X11 121 1X2 1121; Notícias de Felgueiras: X12 211 222 XX11; Jornal do Sul: X12 11X 11X 1121; Diário de Viseu: X11 X1X XX2 1XXX; Notícias de Viseu: 1X1 11X 2XX 1XX1; Gazeta de Felgueiras: X11 111 1X1 111X; Rádio Guarda: 11X X2X 11X 1221; Dribling: 211 111 1X1 1221; Jornal Notícias de Gouveia: 111 1X1 211 2112; Jornal Notícias de Guimarães: 11X 111 X12 11XX; Correio de Coimbra: 11X 111 111 1X11; Totobola em Linhas de Elvas: XX1 111 112 11X1; Ecos do Cacia: X11 111 11X 11X1; Jornal de Santo Tirso:

111 11X X21 X121; O Mensageiro: 111 XX2 X11 22XX; Penalti: 111 111 11X 1211; Rádio Totobola: X11 1X1 11X 1111; Gente Gira: 211 111 1X2 2X11; Rádio Sports: 111 111 112 1XX1; Voz do Ave: 111 XXX 1X1 1111; O Comércio de Leixões: X1X 11X 21X 1111; Jornal de Gaia: X11 1X1 1XX 1XXX; Jornal da Graça: 111 111 1X1 12X1; Jornal de Notícias: 111 111 1X1 1111; O Primeiro de Janeiro: 111 111 111 X111; Repórter do Dia: X11 11X 1X1 12111; Alvo Desportivo: 111 111 X11 121X; Rádio Alvo: 111 111 XX1 1X1X; Alvo Suplemento: X11 111 111 111X; A Voz dos Ridículos: 111 111 111 1111; Rádio Placard: 112 X11 2X1 21X2; Estúdio 64: 1X2 1XX 21X 1121; De Tudo um Pouco: 11X 111 1X1 1XX1; Alvo: X11 111 1X2 111X.

assim vai o totobola

	R E S U M O			B O L A S (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Brage-Elfsborg	36	18	4	7	4	1
2. KB Gotemburgo-Oster	50	8	0	11	1	1
3. Hammarby-Kalmar	43	7	8	9	1	2
4. Malmo-Orgryste	49	6	3	10	1	1
5. Norrköping-Djurgarden	39	15	4	8	3	1
6. Sarrebrueque-Salmrohr	42	14	2	9	2	1
7. Karlsruher-Osnabrueque	40	8	10	9	1	2
8. RW Essen-Ulm	35	17	6	7	4	1
9. Darmstadt-H. Kassel	35	11	12	7	2	3
10. Freiburg-St. Pauli	45	6	7	10	1	1
11. Solingen-Oberhausen	31	20	7	7	4	1
12. A. Bielefeld-Wattenscheid	33	14	11	7	3	2
13. S. Paulo-Portuguesa	37	17	4	7	4	1

a) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
111 111 111 1111



48.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Colunáveis



Eduardo Gouveia: o mais simpático



Theahstone a amarela ainda é dele

CLASSIFICAÇÕES

Etapa Grândola-Fóia



	H	M	S
1.º Fernando Carvalho (Lousa)	3	50	10
Carlos Marta (Sangalhos)		mt	
3.º Manuel Correia (Sporting)	3	50	13
4.º Eduardo Correia (Sporting)	3	50	17
5.º Américo Silva (Lousa)	3	50	28
João Santos (Torreense)		mt	
7.º António Alves (Boavista)	3	50	33
Paulo Ferreira (Sporting)		mt	
Carlos Santos (Lousa)		mt	
10.º Carlos Pereira (Ajact)	3	50	37

Equipas

1.º Sporting	11	31	03
2.º Lousa	11	31	11
3.º Torreense	11	32	46
12.º Olhanense	11	44	59



Geral Individual

1.º Theahston Cayn (Louletano)	25	12	54
2.º Marcos Mazzaron (Caloi)		a	23
3.º Eduardo Correia (Sporting)		a	04 52
4.º Fernando Carvalho (Lousa)		a	05 00
5.º Carlos Marta (Sangalhos)		a	05 01
6.º Francisco Silva (Louletano)		a	05 03
7.º António Alves (Boavista)		a	05 06
8.º Manuel Correia (Sporting)		a	05 14
9.º Paulo Ferreira (Sporting)		a	05 15
10.º Carlos Santos (Lousa)		a	05 29
11.º Manuel Neves (Boavista)		a	05 32
12.º João Santos (Torreense)		mt	
13.º Manuel Cunha (Lousa)		a	05 33

14.º Marco Chagas (Sporting)		a	05 49
15.º António Pinto (Lousa)		a	05 53
16.º Américo Silva (Lousa)		a	06 01
17.º José Xavier (Sporting)		a	06 03
18.º Carlos Moreira (Sangalhos)		mt	
19.º Manuel Zeferino (Lousa)		a	06 04
20.º Venceslau Fernandes (Ajact)		a	06 10
21.º Alberto Leal (Torreense)		a	06 13
22.º José Passos (Boavista)		a	06 17

88.º Rui Sevilha (Boavista) a 50 38
Eliminados: Francisco Camacho (Louletano), João Carvalho (Tavira) e Isidro Miranda (Sangalhos).

Equipas

1.º Louletano	75	50	12
2.º Sporting		a	02 41
3.º Lousa		a	02 54
12.º Olhanense		a	22 34



Pontos

1.º Marcos Mazzaron (Caloi)	20	pontos
2.º Carlos Marta (Sangalhos)	17	"
3.º Joaquim Fernandes (Garcia Joalheiros)	15	"

Metas volantes

1.º Marcos Mazzaron (Caloi)	10	pontos
2.º Vítor Rodrigues (Lousa)	7	"
3.º Alexandre Rua (Sporting)	5	"

Montanha

1.º F. Carvalho (Lousa)	19	pontos
2.º Francisco Silva (Louletano)	18	"
3.º Luís Cruz (Tavira)	15	"

Combinado

1.º Carlos Marta (Sangalhos)	13	pontos
2.º Francisco Silva (Louletano)	15	"
3.º Américo Silva (Lousa)	29	"

Prémio juventude

1.º Cayn Theahston (Louletano)	
2.º Carlos Moreira (Sangalhos)	
3.º Joaquim Gomes (Sporting)	

Dynuance

Ref.ª 5711

A nuance exacta da sua ideia de branco

Agora, para interiores.
a Dyrup criou a Tinta Plástica Dynuance.
A vida foi colher a verdade de todas
as nuances do branco, desde os brancos
Primavera à nostalgia dos brancos
do Outono:

"Dynuance Azul"

A frescura da Primavera no quarto
das crianças...

"Dynuance Creme"

A alegria das cores quentes do Verão
para a sua sala...

"Dynuance Rosa"

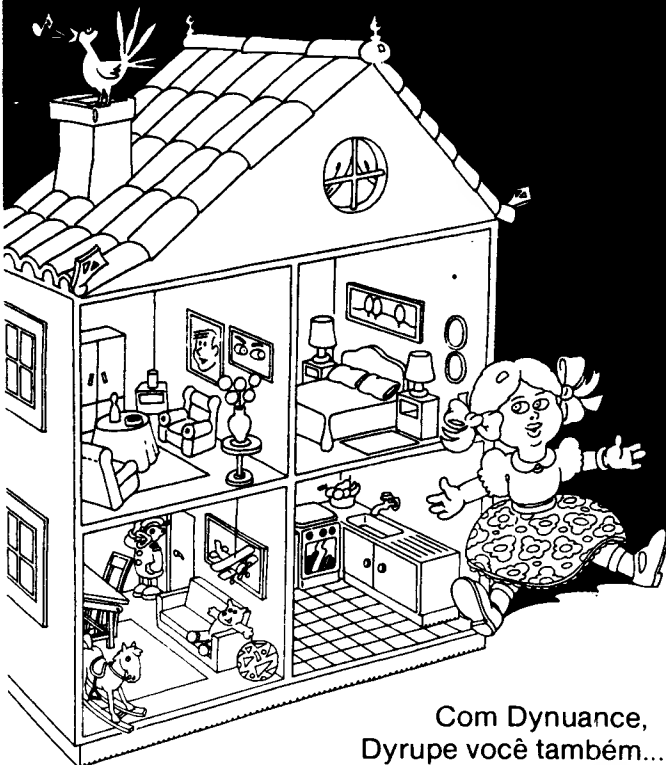
No seu quarto, o convite ao sonho
nos tons rosados de um entardecer
de Outono...

"Dynuance Verde"

Um repouso estimulante. Um Inverno que
se aconchega no calor da família!

"Dynuance Branco"

A coroar a claridade que escolheu,
a elegância do branco total.



Com Dynuance,
Dyrupê você também...



Eugénio Passos (Boavista) venceu a etapa desta manhã

● Cayn Theahston continua de amarelo

Eram 9 horas quando tocou a marcharem Monchique. Oitenta e oito resistentes, abalaram-se na direcção da Vila Real de Santo António, cabendo ao inglês Cayn partir, mais uma vez, de amarelo vestido e sendo seu mais directo perseguidor o brasileiro Mazzaron.

Tratou-se uma tirada propícia aos «roladores», já que o perfil da etapa não apresentava qualquer subida. Primeiramente havia que descer de Monchique em direcção à Lagoa e aí os ciclistas chegaram a atingir os 65 quilómetros/hora, o que bem evidencia a disposição de todos os integrantes da fila.

Em Alcantarilha, os ciclistas passaram quando o relógio marcava uma hora de prova e quanto a «escaramuças» algumas se iam registando, ainda que sem êxito significativo. Manuel Correia (Sporting) e Rui Sevilha (Boavista) foram dois dos que tentaram iludir a vigilância dos parceiros mas, bem atentos, os homens do Olhanense, Tavira e Louletano não lhes consentiram a concretização das ideias.

Pouco depois coube a Constâncio Reis (avira) e Paulo Silva (orreense) tentar a «escapadela» mas novamente sem o conseguirem pela força imposta pelos demais 86.

Finalmente, uma fuga que resulta. Eugénio Passos (Boavista) e o algarvio Nictélio Cavaco (Louletano) são os protagonistas e rapidamente conseguem fugir à «fiscalização» dos parceiros da caminhada, passando na capital algarvia com o avanço de 2,50 minutos. O andamento continuava vigoroso, tendo os ciclistas percorrido os primeiros 95 quilómetros em duas horas e deste facto resultavam alguns atrasos.

A chegada à meta final, estava programada para as 12.45 horas estimando-se que os «artistas» fizessem rolar a máquina à velocidade de 37km horários, simplesmente eram 12.17 quando Eugénio Passos cortou a linha de chegada, o que significa que percorreu os 146 quilómetros do percurso entre as duas localidades algarvias à média horária de 44,479km, o que naturalmente

explica a forma como a etapa se desenvolveu.

Ordem de chegada

1.º, Eugénio Passos (Boavista), 3.16,58; 2.º, Nictélio Cavaco (Louletano), mt.; 3.º, Jorge Corvo (avira), 3.22,11; 4.º, Vítor Rodrigues (Lousa), 3.23,19; 5.º, Alexandre Rua

(Sporting), m.t.

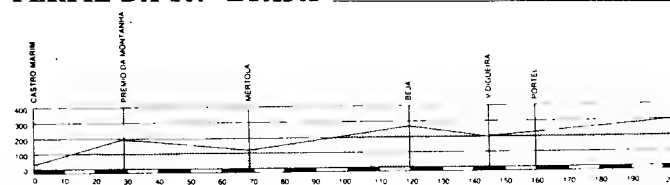
Seguiu-se o pelotão com o mesmo tempo de Vítor Rodrigues e deste modo, Cayn Theahston, será o último a partir para o contra-relógio (individual) e no dorso estará a mais apetecida camisola que o identifica como figura cimeira nesta fase da grande competição.

N. de S.

Amanhã

Amanhã, teremos a longa etapa entre Castro Marim e Évora (205 quilómetros), com partida às 10 horas e chegada prevista para cerca das 15.30 horas. O itinerário é o seguinte: Santa Marta, Mértola, Vale de Açor, Beja, S. Matias, Vidigueira, Portel, S. Manços, estando a meta instalada no Rossio de S. Brás.

PERFIL DA 10.ª ETAPA • CASTRO MARIM — ÉVORA • 205 KM



O Maria Vitória nas Avenidas

Carlos Porto

ISTO É MARIA VITÓRIA. **Texto:** Henrique Santana, Francisco Nicholson e Rogério Bracinha. **Colaboração:** Mário Zambujal. **Música:** João Vasconcelos, Fernando Correia Martins e Nuno Nazareth Fernandes. **Encenação:** Ivone Silva. **Cenografia:** Moniz Ribeiro. **Figurinos:** Helena Reis. **Coreografia:** José Luís Ardiz. **Interpretação:** Linda Silva, Marília Barroso, Raquel Almeida, Pepita, Jorge Ramos, Paula e Paulo Dias, José de Sousa, José Luís, Leonor Edviges, Maria Cabral, Fernando Mendes, Cristina Areia, Carlos Cunha, Cláudia Cadima, Marlene, Eugénio Salvador, Nuno Emanuel, Soraya Arrais, Ivone Silva, Marina Mota, Linda Silva, Júlia Alves, Carlos Ivo. **Acordeonistas:** Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro. **Produção:** Ausenda Bastos e Hélder Freire Costa. **C.ª do Teatro Maria Vitória.** Estreia: Teatro Maria Matos, 25-7-1986.

Com o incêndio do Maria Vitória, a companhia de Ausenda Bastos e Hélder Freire Costa foi obrigada a apresentar a nova revista, que estava prestes a estreiar, no Teatro Maria Matos. Começamos por aí: do Parque Mayer à Av. de Roma perdeu-se qualquer coisa de muito importante que torna a revista um espectáculo de características especiais e, até, únicas: a intimidade, a complicitade do palco com a plateia e o relacionamento apertado. O que se ganhou em comodidade para o público e para os artistas, também importante, em capacidade operacional do palco, não foi bastante para compensar isso que é básico no teatro de revista e especialmente no Maria Vitória, esse piscar de olho, esse diálogo constante, essa comunhão (que existe mesmo quando há confronto).

Esta realidade, portanto, a difícil adaptação técnica e estética a um novo espaço, a que a revista não está habituada. E, se calhar, o próprio projecto: o querer fazer uma euro-revista. Isso não — o que faz a força da nossa revista, o que a torna única na Europa, é precisamente o não ser europeia, o ser à portuguesa.

Razões plausíveis, estas. Mas não chegam porque não explicam as debilidades do texto, as carências de humor, aquilo que

parece ser um certo retraimento perante o que numa revista é primordial: a sua carga crítica; nem explica a pouca inspiração da música, por exemplo. Por isso se pode dizer que esta revista representa em relação a «Não Batam Mais no Zezinho» um passo à retaguarda, e só em parte isso pode ser imputado ao incêndio.

Duas mulheres são as vedetas de «Isto é o Maria Vitória»: Ivone Silva, a garra da grande actriz, a força e a inteligência da comediante; menos capaz como encenadora. E Maria Helena Reis, um grande trabalho no que se refere aos figurinos, alguns excepcionalmente belos. O mesmo não podemos dizer das maquetas de Moniz Ribeiro, pobres de imaginação. Com excepção de um quadro, em que o trabalho do cenógrafo, da figurinista, dos artistas e a própria concepção do número conseguiram uma inesquecível criação: «Baile da Paz», com os acordeonistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro. Um dos poucos grandes quadros da revista. Outros serão: «Lei em Vigor», um bom texto e uma grande criação de Ivone; «Telenovela japonesa», com legendas em português, excelente trabalho de Salvador, Nuno Emanuel e Soraya Arrais; e sobretudo «Replay», ideia de génio com uma Ivone genial.

Na segunda parte, não há grandes números, só o trabalho de alguns intérpretes merece ser lembrado.

Falei acima das duas triunfadoras da revista. Uma terceira se aproxima delas: Marina Mota, que dá gosto ver trabalhar, sempre a representar, transformando as personagens que lhe cabem, aquela apetência pelo palco, aquela força de empatia que fazem os grandes intérpretes de revista.

Mas é claro que o trabalho dos actores depende, pelo menos em parte, das potencialidades dos bonecos. Linda Silva tem aqui menos possibilidades de criação do que na revista anterior, e a sua participação ressent-se disso, embora o seu trabalho seja sempre forte, mesmo quando é obrigada a interpretar textos impossíveis, para além das boas intenções de que se revestem, como é o caso de «Mãe 86» (mas que bonito vestido). Carlos Cunha, igualmente, tem aqui menos possibilidades de criatividade, o que não significa que se revele menos bom actor, antes pelo contrário.

Salvador, bem nos trabalhos de que dispôs; bem também Fernando Mendes, que só precisa de papéis à altura das suas potencialidades; e não será tempo de dar mais trabalho a Cláudia Cadima? Também Nuno Emanuel tem possibilidades aqui desaproveitadas, assim como outros intérpretes ajudam a manter o nível da revista sob o ponto de vista de interpretação, caso de Leonor Edviges, Carlos Ivo, Maria Cabral, Soraya Arrais, Júlia Alves, Raquel Almeida.

Sem grande imaginação o trabalho de coreografia de José Luiz Ardiz, embora haja na revista alguma eficácia e limpeza nesse aspecto. Voltando ao texto, será justo sublinhar algum trabalho linguístico no melhor número de Linda Silva, «Senhora do Cão».

O espectáculo do Maria Vitória, em cena no Maria Matos, não é um grande espectáculo, mas contém alguns momentos excepcionais que justificam a visita.



Alves e Música

ALVES C.ª, de Eça de Queirós. **Adaptação e encenação:** Fernando Gomes. **Música:** Carlos Curto. **Cenografia:** Eurico Coelho. **Figurinos:** Paulo Nunes. **Interpretação:** Asdrúbal Teles, Carlos Rodrigues, Cristina Melo, Fernando Arnedo, Fernando Gomes, Filomena Gonçalves, Gil António, Isabel Ganilho, João Manuel, Maria Simões, Nuno Melo, Pompeu José e Rui Paulo. **Teatro de Bolso do TAS.** Junho 1986.

O Teatro Animação de Setúbal tem realizado nesta cidade um projecto de teatro que se aproxima do da Seiva Trupe do Porto, sendo-lhe, porém, posterior. Trata-se de procurar um outro público através de espectáculos que, mantendo um padrão de qualidade, se situam fora dos parâmetros daquilo a que se chama, sem grande rigor, teatro intelectual. Para isso, tanta a Seiva Trupe como o TAS têm produzido espectáculos musicais baseados em textos literários, embora nem sempre, de que os últimos exemplos, foram no Porto, Camilo, e agora em Setúbal, Eça.

Não dispondo do espaço relativamente amplo do Teatro do Campo Alegre, o TAS vê-se constrangido a criar espectáculos cuja estrutura está mais próxima do café-teatro do que da revista, embora sem deixar de ter características próximas deste último género. Para isso, de resto, convidou um artista consabidamente especializado, Fernando Gomes,

autor, encenador e neste caso também intérprete, por impossibilidade de um actor do grupo, doente.

«Alves C.ª», a novela de Eça de Queirós, presta-se ao jogo proposto pelo espectáculo do TAS já que é um texto ficcional em que personagens e situações possuem características fortemente caricaturais, funcionando com a fluidez suficiente para tornar verosímil a linguagem teatral utilizada.

Historial convencional do triângulo amoroso, tão do agrado do público português que degusta com deleite estes casos de maridos enganados, «Alves C.ª» acaba por ser um retrato convincente de uma pequena burguesia lisboeta pintado com aquelas tintas de ironia em que Eça era inimitável. Se tudo parece cheio de bonomia e até de inocência, não deixa de surgir, em fundo, o toque de crueldade que exprime os falsos valores de uma sociedade baseada na cupidéz, na ganância, na hipocrisia.

Se a adaptação representa alguma inevitável simplificação da novela, não se pode deixar de reconhecer que Fernando Gomes conseguiu torcer as dificuldades e de tal maneira que algumas cenas surgem teatralmente enriquecidas. É certo que Fernando Gomes não se escusou de utilizar alguns estereótipos, que nem sempre escapam ao «kitsch», sob o ponto de vista plástico (figurinos, cenário), e isso prejudica um trabalho a precisar de processos de encenação e de representação mais inventivos, mais criativos. No entanto, o novo espectáculo do TAS é um espectáculo divertido, contendo uma crítica que mesmo superficial não deixa de ser certa.

«Alves C.ª» conta com um naipe de bons actores, entre os quais é justo salientar o trabalho seguro e rigoroso, como sempre, de Pompeu José, de João Manuel, Fernando Gomes, e ainda as boas interpretações de Isabel Ganilho, Maria Simões, Nuno Melo, Carlos Rodrigues, Asdrúbal Teles, e um jovem, Rui Paulo, que revela aqui qualidades a ter em conta e a desenvolver. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que há um certo desnível qualitativo nestes elencos.

Excelente, a música de Carlos Curto.

Carlos Porto

TRIBUNAL JUDICIAL DE S. JOÃO DA MADEIRA ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 2276/A/85 1.ª Juízo, 2.ª secção, exequentes VICENTE DE JESUS FERREIRA residente em Oliveira de Azeméis, executado ANTONIO CORREIA — Sapateiro Via Veneza, Estrada de Benfica, 739/B — loja 5 — LISBOA.

S. João da Madeira, 23 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
as) SERAFIM ANTONIO GOMES
ALEXANDRE
A Escrivã Adjunta
as) MARIA DA CONCEIÇÃO
FERREIRA DA SILVA

«DL» — 31/7/86 — 2.ª Pub.

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA

Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa

PROCURA-SE!



0000\$00

RESERVAS - TEL. 686300

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso

direcção

Helder Costa



Últimas representações só até dia 10 de Agosto

• AR CONDICIONADO •

BULGÁRIA

- 2 semanas, pensão completa, visitas
- Visitando Sófia, Plovdiv, Stara Zagora, Velingrad e 6 dias no Mar Negro (Varna)
- Partidas: 2, 9 e 27 de Agosto
- 74.000\$00 a 82.000\$00
- Uma noite em Zurique sem aumento de preço
- Desconto Familiar (cônjuges e filhos)
- Peça programas detalhados Outros destinos.

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op 414

Praça de Touros de Badajoz, Sábado, 21 de Junho de 1986.
Novilhos de Cayetano Muñoz para Fernando Lozano,
Miguel Baez «Litri» e Rafi Camino.

Começava a animar-se o balcão de «La Cafetera», crescia o aroma do café matinal, quando dei por falta dele. Kubala estava no seu posto, servindo as mesas lá do canto, onde só por ele apetecia a gente sentar-se.

Era uma manhã como as outras, sem bulício que anunciasse tempo de festas. O mundial de futebol, o México 86, com o papão das transmissões directas, amarrando o povo aos televisores, assustou os empresários, também os taurinos, virou do avesso a feira de Badajoz, fê-la saltar fora do calendário do São João; e nem isso valeu, a praça ficou a um tempo para a novilhada inaugural, a do cartaz da moda, os filhos de Litri, de Camino e, um pouco como contrapeso, o de Pablo Lozano, desse a quem chamavam «a muleta de Castela», da segura valorosa do seu toureiro faziam estandarte.

Era manhã, e Kubala não estava no seu sítio. E ainda menos na praça, quando o entardecer veio chegando, e dos curros foram saindo aqueles novilhos de Cayetano Muñoz, dignos da procedência de Torrestrella, formosos como rezavam os cartazes antigos, com a surpresa da sua lâmina e presença, afinal os filhos de papás influentes não tinham direito à papinha feita, a bezerros escolhidos, quase amestrados.

Se ao menos, já que não ia aos touros, Kubala pudesse estar vendo pela Televisão aquelas jogatanas do mundial, o Maradona e os outros astros da bola, sucessores desse Kubala que lhe emprestou o nome para alcunha, sei lá porque, se por ter jeito para

mexer na chinha, ou pretensões a meter colherada na escolha da selecção. Tanto faz, agora que começam a ficar distantes os tempos em que o outro Kubala chegou da sua Hungria natal, e se fez craque espanhol, e depois seleccionador da pátria nova que escolhera.

A Manuel Caldito Peña podem chamar-lhe Kubala mas não veio a Hungria, espanhol foi sempre, e será, basta olhar para ele. Não pode ser outra coisa, desperto o ar aciganado, moreno o aberto sorriso, pronta nos lábios a graça da palavra que apenas imaginamos, numa manhã em que não podemos ouvi-la, quase temos medo de perguntar porquê.

Um medo escondido, como o dos toureiros que na praça nos parecem um poço de valentia. Como o quinto Litri da história, dezoito anos no corpo espigado e impávido, que cita de longe como fazia seu pai, e aguenta, e se cinge nos molinetes de joelhos, antes do desplante sem engano. Ele diz que não sente medo, mas o medo está lá; por alguma razão, quando se vê no pátio das quadrilhas, o coração lhe bate assim, bum, bum, bum... Lozano é outro que escondido bem o medo, Toureira quieto, o valor viu-se até quando o primeiro da tarde o desarmou, e ele não moveu os pés, levantou o engano do chão, no mesmo sítio rematou o passe malogrado. Rafi Camino também é quinto da dinastia, fadado talvez para dissimular não só o medo, também o valor, afinal presente, sobre a finura do seu toureiro, naquela estocada ao sério negro mulato que techou praça, estocada digna daquelas que Paco, seu pai, sabia meter com o estilo de muito poucos.

Ganhei coragem, perguntei pelo Kubala, porque não estava ali, em «La Cafetera», que era feito dele. Um criado moreno e

jovem, desprendido de meus calados receios, foi dizendo que o companheiro adoeceu, coisa mais que séria, já nem deve poder voltar ao trabalho. Mas o melhor era chamar a patroa, «la chefe». Ela veio rápido, assomou pela porta do fundo, patroa grande, imponente, também irremediavelmente espanhola. O que é que há?, perguntou. Este senhor aqui quer saber do Kubala. O rosto sisudo da mulher abriu-se humanizado num sorriso débil, toldado pela lembrança triste, a acompanhar a informação afinal vaga, foi qual quer coisa que lhe infectou no coração, o pobre teve que ser operado, vamos a ver o que se irá passar, nunca se sabe, assim é a vida.

Assim é a vida. E o toureiro também. À beira da tragédia eminente, esperanças amassadas com incertezas. Demasiado cedo, para prever o que irá passar-se no futuro de Lozano, Litri e Camino. Os três apontam virtudes trazidas do berço, parecem com as imagens que as praças guardam ainda na lembrança, mas sem deixarem a ideia de espadas feitas a martelo. Lozano está posto, talvez chegue a ser um desses que cortam orelhas por valor e ofício, mais do que por selo próprio. Litri é a representação do valor estoico; transmite essa emoção em que assentou a fama de seu impávido progenitor. E Camino mostra uma elegância natural, na linha de seu pai, e um sossego que Paco não tem agora, lá estava ele na trincheira, apoiada na mão a cabeça embranquecida, disfarçando ansiedades que talvez lhe pareçam maiores do que quando as arenas pisava. Três moços novilheiros que não passaram fome, condição que muitos dizem necessária para chegar longe no toureiro: mais um desafio que terão de suportar, entre tantos que se levantam no caminho para chegarem a figuras, quem sabe.

Ninguém sabe, em «La Cafetera», o futuro de Kubala. O

velho «camarero» do balcão afirma que não se pode prever, adianta detalhe não referido pela patroa, tiveram de mudar-lhe uma válvula do coração, coisas dessas que nem se fazem em Badajoz, não houve remédio senão levá-lo para Madrid, lá é que têm esses aparelhos todos. Talvez, com esses aparelhos todos, cheios de fios, com tantas luzes que acendem a apagam, Kubala possa voltar a «La Cafetera», o laço preto, o casaco engomado, farda com o rigor de sempre, só quebrado nos dias de Carnaval, com a surpresa do bigodinho preto pintado, na cabeça o chapéu de coco, estou a vê-lo nesse preparo, arrumando as chávenas fumegantes na bandeja, armando o ar natural, como se não fosse nada, um dia como outro qualquer.

Kubala. Sempre o mesmo, um dia e outro dia, recolhendo nos olhos rápidos o aceno de um cliente chamando, como se fosse um instante de alegria iluminando a expressão familiar, a voz castiça, inconfundível. «El café, solo ocon leche?». «Con leche». «Estupendo». «La tostada, como la quiere?». «Con queso». «Maravilloso». Com leite ou sem ele, com queijo ou com manteiga, as coisas mais elementares do seu ofício, tudo para Kubala era estupendo, maravilhoso. Assim, dizia ele, a gente esquece as dores da vida, as coisas em que não é bom pensar nelas, já bem basta que existam.

Era manhã em «La Cafetera», e faltava Kubala. E já não dava para esquecer essa dor. Do pensamento não fugia a sua lembrança, lá longe, em Madrid, na clínica de La Concepcion, onde existem esses aparelhos todos que se ligam ao coração de uma pessoa, cheios de fios e de luzes que se acendem e apagam. E não era o Kubala que trazia as recordações, eram as recordações que o chamavam. Para que voltasse depressa, com a válvula nova a fazer bater o seu coração, outra vez alegre, gritando o maravilhoso de cada amanhecer.



António Reis e Josefina Ungaro, numa cena da peça «Toda a Nudez Será Castigada»

Teatro

• «Toda a Nudez Será Castigada» é a peça que o grupo de teatro português Seiva-Trupe tem em cena já por pouco tempo, pois parte para férias no fim da primeira semana de Agosto. Mas, até lá pode ver esta peça, da autoria do brasileiro Nelson Rodrigues, na sala da Cooperativa do Povo Por uense, pelas 21.45 horas. A encenação é de Angel Facio e a interpretação está a cargo de António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry e Luís Cunha, entre outros.

• Também quase a finalizar a curta série de representações da peça «Em Duelo», que o grupo O Bando tem em cena na Comuna, pelas 15 horas, até 4 de Agosto. Peça aconselhada para crianças, «Em Duelo» é o Verão... é o ar e a terra para vos abraçar... esperando fazer-vos rir com imagens simples carregadas de tripa ».

Ópera

• A última representação das duas óperas em um acto no Teatro Nacional de S. Carlos tem lugar esta noite, pelas 20.30 horas. Trata-se de «3 Máscaras», de Maria de Lourdes Martins, que teve nesta temporada a sua estreia mundial e é interpretada por Elsa Saque, Vaz de Carvalho, Fernando Serafim, Manuela Santos, Helena Cláudio e Lopes e Silva. A segunda ópera é «Prima la Musica Poi le Parole», de Antonio Salieri, que teve também agora a sua estreia moderna em Portugal. O elenco é constituído por Oliveira Lopes, António Wagner, Lia Altavilla, Filomena Amaro e Vasco Gil. Participam ainda o Coro e Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos.

Música

• No âmbito dos «Concertos por Jovens Intérpretes» do Concurso Internacional Vianna da Motta tem lugar amanhã, pelas 21.30 horas no Museu de José Malhoa, nas lidas da Rainha, um concerto por Roger Prince, pianista norte-americano. Tendo-se formado na Universidade de Oklahoma City e obtido o doutoramento na Universidade de Kansas, actualmente Roger Prince é professor-assistente de Piano e director da Teoria Musical no Louisiana College, aliando importantes digressões à sua intensa actividade docente.

• Também amanhã, e integrado na época cultural da Praia da Vieira, realiza-se pelas 21.30 horas, no palco instalado junto à Biblioteca de Instrução e Recreio, a Grande Noite de Fado.

Exposições

• Uma exposição do escultor holandês Gerrit van Ee está patente ao público no Museu de Évora até ao próximo dia 3 de Agosto. A iniciativa permite a observação de algumas dezenas de trabalhos do artista que é natural de Vorburg (Holanda) e começou a carreira como gravador, embora actualmente desenvolva a criação artística na modelagem e na escultura. Em 1963, Van Ee começou a leccionar modelagem na Fundação «Jvhu-Harlem» e dez anos mais tarde, com a sua mulher, abriu a sua própria escola, o Centro Criativo de Harlem. No período de Verão, Van Ee reside em Vila Viçosa, região onde adquire mármore, a matéria-prima da sua actividade artística.

• Inaugura-se amanhã, pelas 21H30, a exposição de fotografia de Américo Silva denominada (DES)CONSTRUÇÕES. Américo Silva nasceu em Vila Franca de Xira, em 1930. Curso da Escola Infante D. Henrique, Porto. Curso de Gravura da Cooperativa de Gravadores Portugueses e Cooperativa Diferença. Membro da SNBA, Lisboa; da Arvore Cooperativa A. Artísticas, Porto; da Gravura-Soc. Coop. de Gravadores Portugueses; Fundador da Associação Portuguesa de Designer, Atelier 15 e da AGA-Associação de Artistas e Gravadores Portugueses-Amadora.

SEC apoia primeira exposição de artistas plásticos

Os artistas que queiram fazer a sua primeira exposição individual no domínio das artes plásticas poderão candidatar-se até 25 de Outubro aos subsídios da Secretaria de Estado da Cultura — foi anunciado.

O processo de cada candidato será apreciado por uma comissão de avaliação a nomear pela SEC.

Os apoios a conceder para a realização das exposições, «individuais ou em grupo», será concedida sob a forma monetária ou cedência de materiais, equipamentos ou serviços.

Cada artista é obrigado a apresentar relatório da exposição apresentada, bem como a incluir nas suas informações a entidade que apoia.

A Secretaria de Estado da Cultura, que vem desde há quatro anos concedendo este apoio, exclui contudo candidatos da própria Secretaria.

Os artistas poderão beneficiar deste apoio durante três anos consecutivos ou cinco alternados, não podendo beneficiar mais do que três vezes.

«Maré de Agosto»: festival nos Açores

A segunda edição do Festival «Maré de Agosto», que reunirá artistas nacionais e estrangeiros, realiza-se de 19 a 24 de Agosto na ilha açoriana de Santa Maria.

Integrado nas principais festas da ilha, o Festival inclui manifestações artísticas nas áreas da

música, teatro e artes plásticas.

Entre os agrupamentos estrangeiros inscritos no Festival da música, que decorre de 21 a 24 na Praia Formosa, contam-se o trio de jazz «The Fringe» e a

banda de rock, «Extreme» dos Estados Unidos.

Com a realização da «Maré de Agosto», as autoridades locais pretendem «abrir portas à possibilidade de um intercâmbio cultural activo e universalizante».

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
AS 21.30 H

TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA

TERÇA A SABADO
AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB. SEC M/12A
APOIO F. GULBENKIAN - R. COMERCIAL

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM

(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II

(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA

(não acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

OS BANDIDOS DAS BMX

(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio

— T. 372358

PREVERSOES SEM LIMITES

(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS

(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteiro e Estúdio 444

Cinebloco

— T. 556824

LOBIJOVEM

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
REGRESSO DA SELVA (maiores 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

PRISIONEIRO DO SEXO

(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

ASSASSINOS SELVAGENS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI

(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

A ÚLTIMA REPORTAGEM

(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

MÚSICA NO CORAÇÃO

(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
FRANKENSTEIN JUNIOR (n/acons. men. 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

TERROR NA AUTO-ESTRADA

(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II

(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS

(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

OS AMANTES DE MARIA

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

O BEIJO DA MULHER ARANHA

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O LOBIJOVEM

(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

PASSADO E PRESENTE

(maiores 18 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II

(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA

(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNEES

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Império

— T. 555134

UMA EQUIPA DOS DIABOS

(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA

(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

AS BICICLETAS SÃO PARA O VERÃO

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

AMADEOS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS DEZ MANDAMENTOS

(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS COMANDOS DA FORÇA Z

(int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO V

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O HOMEM DOS BISCATES

(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Linha de Cascais

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 1

VIVE E DEIXA MORRER

(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS

(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS

(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI — PARTE II

(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

SANGUE POR SANGUE

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES (INDIANOS)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro Lido

— «O Caso de Berlim», às 21.30 h (maiores 18 anos)

AMADORA — Cinetatro

— «Três homens e um berço», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinetatro Flores

— «Ladrões de Automóveis», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Babilónia

— «Uma equipa dos diabos», às 15.15, 18.30, e 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Cinetatro Chaby

— «Amanhacer Violento»

Estúdio Dois Eme

— «África Minha», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — Ballet Gulbenkian

às 21.30 h

ALGÉS — Cinema 2000

— «Os sete magníficos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

Sala 1 — «Solteiros e Tarados», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «A volta ao Mundo em 80 dias», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1

— «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A última reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «Três Homens e um Berço», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford

— «Noite de Espanto», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível

— «A História do Soldado», às 15.30, 21.30 h (maiores 6 anos)

</

Lisboa — **PERMANENTE** — BAIXA: Americana, C. de Santana, 1-3 (. 863984); CALVÁRIO: Monge, R. dos Lusias, 30-32 (. 636704); CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (. 765262); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral, R. Morais Soares, 109-111 (. 821732); ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal, R. de São Marçal, 100-102 (. 325318); ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta, R. Moura Girão, 3-B (. 890621); MADRE DE DEUS: Romana, R. Actor Augusto Melo, 7-A (. 383800); PRAZERES: União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (. 663643); REGO: Prates Mota, R. da Beneficência, 91-93 (. 773728); SALDANHA: Avenidas, Av. da República, 27-A (. 533688); TELHEIRAS - QUINTELA DE SÃO VICENTE: Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (. 7584144); VALE DE SANTO ANTÔNIO: Santo António, R. Leite Vasconcelos, 72-C (. 862333); ODIVELAS: Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62; PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (. 991328).

REFORÇO — ALFAMA — SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (. 862835); AREIRO: Lusitana, Av. de Roma, 18-A (. 885443); AVENIDA D. RODRIGUEZ DA CUNHA: Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (. 882384); BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfluz, E. de Benfica, 444-A (. 7141200); BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (. 637777); CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, R. Alto do Carvalhão, 5 (. 651721); JANELAS VERDES: Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (. 662327); JARDIM CONSTANTINO: Portugal, R. Rebelo da Silva, 11-13 (. 543340); OLIVAIS SUL: Lemos, R. Cidade da Beira, lote 19 (. 331692); PI-CHELEIRA: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (. 880703); SALDANHA - HOTEL SHE-RATON: Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (. 548966); BRANDO - AMADORA: Correia, Urbanização Alformelos, célula G, lote 137, loja B, poente (. 990122); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Acores, 11-A (. 981030); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (. 2750504). Permanente; COVA DA PIEDADE: Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (. 2763517). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (. 2954436). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (. 2401060). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (. 2292324). Até às 22 horas; SÊSIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consoado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (. 2073012). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Aliança, E. Nacional, 178-B (. 2040302). Até às 19 horas; CORROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (. 2291192). Até às 19 horas; FOGUEIRO: Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C (. 2243729). Até às 22 ho-

ras; SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (. 2213580). Até às 22 horas; MONTIJO: Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (. 2310032). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândidos dos Reis, 30 (. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (. 234100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (. 23211). Permanente; Mira, P. Jorge Af. (. 20427). Permanente; Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (. 2114487). Permanente; LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (. 4191697). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (. 2441616). Até às 22 horas; AL-CABIDECHÉ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (. 2850635). Até às 22 horas; OEL-RAS: Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 17-C (. 2437196). Permanente; NOVA OELRAS: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (. 2478737). Até às 22 horas; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Grincho, Av. da República, 87-A (. 2471204). Permanente; SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João, Quinta da Carreira, 29-A (. 2681186). Até às 22 horas; SAS-SOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (. 2852121). MADORNA: Madeira, R. A (. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (. 2682313). Até às 22 horas; CAS-CAIS: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (. 4933613). Permanente; Helénica, R. Elias Garcia, 372 (. 4933613). Até às 22 horas; Helena, R. 1, lote C, Reboleira Sul. Até às 22 horas; DAMAIA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (. 947161). Permanente; QUELUZ: Simões, Av. Elias Garcia, 51 (. 950123). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (. 2571626). Até às 19 horas; CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (. 9243693). Permanente; ALGUEIRÃO: Vítor Manuel, E. de Algueirão, 123 (. 9217814). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (. 9215275). Até às 22 horas; RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (. 9260194). Até às 22 horas; SINTRA: Teresa Garcia, L. Afonso de Albuquerque, 3-A (. 9232747). Permanente; COLARES: Abreja (. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (. 2519670). Permanente; SACA-VÉM: Maria, R. Sdor Al-lende, lote 2 (. 25143690). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (. 9831240). Até às 22 horas.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, às 16.00

Só até ao dia 10 de Agosto

«CALAMITY JANE», uma mulher de armas ou o monólito da vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretado por Maria do Céu Guerra.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«TOUR», de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: António Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Cármen Marques e Carlos Paulo.

Sala da Cooperativa do Povo Português

R. de Camões — Porto

De 3.ª a domingo

Grupo Seiva Trupe

«TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Encenação de Angel Facio. Interpretada por António Reis, Júlio Cardoso, Alexan-

dre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, Luís Cunha, Alfredo Correia, Glória Férias e Lurdes Rodrigues. Até ao dia 3 de Agosto

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

De 23 a 28 de Julho

«TUTANKAMON E A SUA RAINHA», de Adolfo Gutkin. Interpretado por Carlos Paula Vasconcelos e Silvina Pereira.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBERICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Duke Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«LISBOA TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 86 87

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Trayn. Tradução de César de Oliveira e Barry Seray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Vítor de Sousa, Henrique Santos, entre outros.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«OS NEGROS», de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalho, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, às 18.30; domingos, às 21.45

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.

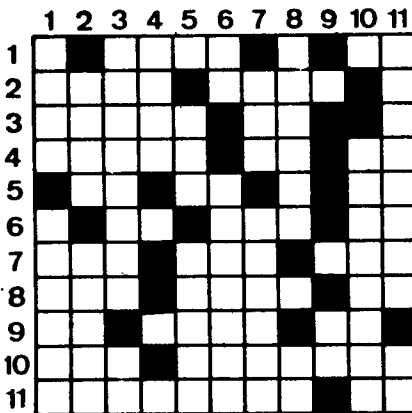
PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 788

HORIZONTAIS:

- Nome de letra. Ave semelhante à pomba. Conjunção. Preposição e artigo.
- Negros da costa da Libéria, pertencentes ao grupo das mandingas. Homem de baixa estatura.
- Peneira. Clima.
- Besuntou. Interjeição brasileira. Pronome pessoal.
- Nesse lugar. Duas vogais desiguais. Hospedaria oficial na China (inv).
- Césio (s.q). Mediana. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- Prendo. Ilha inglesa do mar da Irlanda. Mulher chinesa das classes baixa.
- Chefe etíope. Rio de Espanha. Ósmio (s.q).
- Quinhentos e um em romano. Nome de mulher. Crómio (s.q).
- Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Cuincaram.
- Racharam. Lutécio (s.q).

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



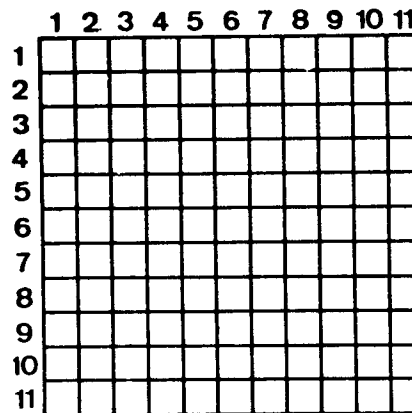
VERTICAIS:

- Cidade do Siquião (urques-tão chinês). Nome de pássaro.
- Ladrão do mar. Ilha pertencente a Macau.
- Rurais. Carta de jogar.
- Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
- Cidade da Alemanha. Tigela para sopa.
- Autores. Sofrer.
- Recusa. Induz em erro.
- Género de orquídeas. Prefixo de negação.
- Artigo definido. Crómio (s.q).
- Secular.
- Operárias. Mulo.

HORIZONTAIS:

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 626

- Maroteira.
- Túnica branca com a qual os negros malês vestiam os cadáveres. Reúne em maço.
- Grupos de três. Árvore da serra Leoa. Arsénio (s.q).
- Aqui está. Gorjeio.
- Tungsténio (s.q). Pessoa que toca bem piano.
- Seguias. Antigo cabo de guerra.
- Educa. Exclamação que figura no estribilho das coplas com que se festejam os santos populares portugueses.
- O mesmo que oh! Rio de França. Antes do meio-dia.
- Três mil e quatro em romano. Unidade de trabalho.
- Pegaria. Unidade monetária do Japão.
- Agarrarei. Lago da Escócia. Mulo.



VERTICAIS:

- Tocante. Aqui.
- Acolheremos.
- Espécie de bigorna de cuteleiro. Nota musical. Mil e cinquenta em romano.
- Passado. Ruim.
- Falta de apetite. Circule.
- Rádio (s.q). Porquinho da Índia.
- Cidade do Canadá. Viração.
- Isonção.
- Autores. Guarnecei de asas. Zomba.
- Peça anatómica formada por tecido cartilágneo.
- Cabelos brancos. Vamos! (ant). Despido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 787

HORIZONTAIS:

- MAL. SE. AC.
- Elite. APAGA.
- Cata. Cáries.
- Api. Motores.
- Agiam. Aa.
- Iam. Cr.
- Porás. Essa.
- Sara. Mato.
- Op. Lio. To.
- Golada. Sapo.
- Ora. Ios. Mas.

VERTICAIS:

- Meca. O. FOGO.
- Alapa. Por.
- Litígios. La.
- Ta. Iara.
- Sé. Mamar. DI.
- COM. Salão.
- Ta. Iara.
- Aproaremos.
- Caira. Sa. Am.
- Gee. ESTOPA.
- Passa. Aotos.

PROVÉRBIO: Mal se apaga o fogo com estopa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 625

HORIZONTAIS:

- Edimburgo.
- Gama. Rios.
- Etal. Al.
- Ta. Amassado.
- Pg. Cá. Nós. Ro.
- Tramara.
- Pua. Rs. Ms.
- Ari. Amasse.
- Iman. Força.
- Vassalo. Sem.
- As. Cosa. Re.

VERTICAIS:

- Egeta. Paiva.
- Data. Tumas.
- Imã. Praias.
- Málaga. MS.
- Mua. AAC.
- Urraca. Lo.
- Ri. Sarrafos.
- Góis. Asso.
- Os. An. Srs.
- Adormecer.
- Calosos. Ame.

Antena UM

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 18.30: Folhetim, O Segredo de Marte» (8.º episódio); 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.30: No estúdio e no estúdio; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Trechos de óperas, por orquestras; 17.00: Integrais; 17.35: Prelúdios, de Debussy; 18.00: Quarteto, n.º 2, em ré maior, de Borodin; 18.40: Música orquestral; 19.00: Concerto, para violino e orquestra; 20.15: Transmissão directa, do Teatro Nacional de São Carlos, das óperas em um acto «As 3 Máscaras», de Maria de Lurdes Martins e «Prima la Música Poi le Parole», de António Salieri; 23.50: Música de câmara; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conto-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos coleccionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP/1

15.00 — Desenhos animados

«Corridas Loucas»

15.20 — Animação

15.40 — Inventário Musical

(4.º episódio): Música Ficta — Pedro Caldeira Cabral

16.10 — Retalhos da Vida de um Médico

(4.º episódio) — «Cardos, Cardos na Floresta»: Monsanto, 1943. Na exacta medida em que Pedro vai começando a ser aceite pelos seus «clientes», o dr. Valença manobra no sentido de não perder a influência que tem, procurando minar. Acções e comentários à subida de estima que Pedro vai conquistando.

17.00 — Ontem Viu?

«Foi êxito na TV»

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

«Lendas do Mundo» e «Era Uma Vez»

18.45 — País, País

19.20 — Festival Internacional de Folclore — Santarém

(5.º programa): Camacha; Macau

19.55 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

(103.º episódio): Osmar fica decepcionado ao tomar conhecimento que Cláudio já não está interessado na compra da fazenda. Orlando diz a Sónia que está apaixonado por ela mas esta confessa-lhe que ainda pensa em Cláudio. Rafael pede a Angela que se case com ele e ela aceita, feliz.

Cláudio pede à irmã que lhe empreste algum dinheiro. Virgínia que escutou a conversa, relata-a a Lucia que por sua vez conta a Alfredo. Ao saber que Bia e Rafael se zangaram, Zeca diz a Amauri que só sente amizade pela jovem. Lúcia faz Sónia ouvir a fita gravada por ela durante a conversa havida entre Alfredo e Cláudio.

21.20 — Danças Loucas

«1910»: Primeiro de sete programas dedicados às músicas e aos ritmos dos últimos 70 anos. Músicas e ritmos que fizeram furor. Este 1.º episódio é dedicado aos 10 anos que vão de 1910 a 1920 e aos ritmos bem loucos como o «Kaggaroo Dip», o «Bunny Mug», o «Monkey» ou o «Cake Walk».

21.55 Noite de Toiros

00.00 — 24 horas

00.30 — Volta a Portugal em Bicicleta

00.50 — Encerramento da Emissão

RTP 2

16.30 — Indicativo do Europa TV

O Tempo

16.36 — Tempo dos Mais Pequenininhos

«Tic-Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi»

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.50 — Série

«Espaço Verde»

18.20 O O Mundo Amanhã

18.25 — O Tempo

18.30 — Eurorepórter Especial



«Danças Loucas»: esta noite o primeiro de sete episódios

19.00 — Música

Il Trittico — Giani Schichi — 3.º acto. Pelo Scala de Milão

20.00 — Notícias

20.05 — Caminhos do Eterno

(8.º episódio): O Museu do Abade

20.35) Gente do Mar

(1.º programa): Baseada numa obra de Victor Hugo, a televisão francesa em colaboração com a televisão soviética e com a Sudwestfunk da Alemanha Ocidental, produziu e realizou uma mini-série em 3 episódios a que foi dado o título original «Les Travailleurs de la Mer».

Num pequeno porto da ilha de Guernsey, o vencedor de uma regata é aclamado pela multidão. Estava-se em 1825. Lethierry, um dos mais ricos armadores da região, que assistira à regata, não esconde as duas grandes paixões: a sobrinha e a navegação.

21.30 — Notícias

21.40 — Encontros Com...

Luís Madureira e Nuno Vieira de Almeida

22.15 — Últimas Notícias

22.25 — Vereda Tropical

(80.º e 81.º episódios)

23.55 — Encerramentos da Emissão

Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário

11.07 — Setentrão

11.30 — Espaço 11/13

12.30 — Vereda Tropical

(Episódio 80º): Oliva fica tão chocada com a notícia da

morte de Vitor que não consegue chorar. Theda segue Miro e descobre que ele entrou na casa de Oliva. Verónica conta a Oliva todos os detalhes do esquema arquitetado por Catarina ao esconder ao pai a morte de Vitor. Zeca pensa em ir até à cantina, mas ao encontrar Silvana com Marco desiste da ideia. Guilhermina conta a Catarina que Verónica revelou ao pai a morte do irmão. Oliva vai a casa de Silvana e chora com ela a morte do filho.

13.15 — Jornal da Tarde

15.00 — Desenhos animados

15.20 — O Povo e a Música

15.45 — Espaço Visual

16.10 — Entre Marido e Mulher

16.50 — O Mar e a Terra

17.15 — Ontem Viu?

17.40 — Se Bem Me Lembro

18.05 — Sumário

18.10 — Tempo dos Mais Novos

18.50 — País, País

19.20 — Recriar o Espaço

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

21.20 — Alô, Alô

21.50 — Fortunata e Jacinta

22.45 — 24 Horas

23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — Coleccionando

20.35 — Adágio

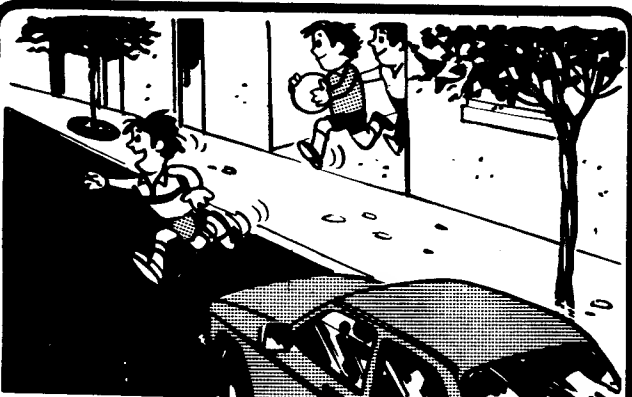
21.00 — Museu do Cinema

21.25 — Notícias

21.35 — Directo/2

22.35 — Últimas Notícias

22.45 — Vereda Tropical



AOS CONDUTORES

«Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras.»



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

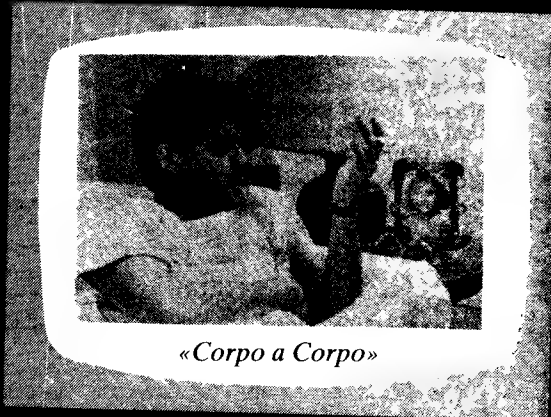
Noite de Toiros

RTP 2

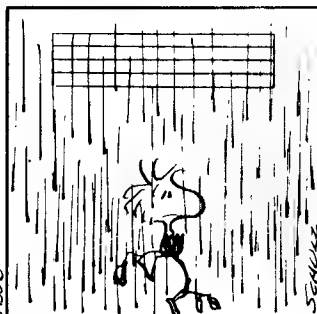
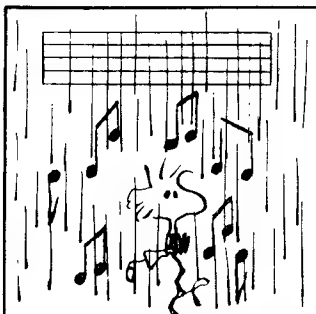
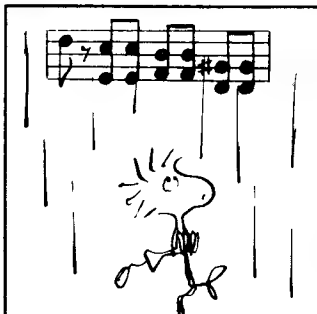
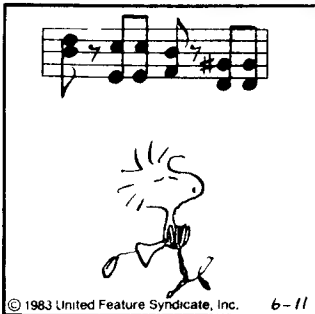
Encontro Com...

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



«Corpo a Corpo»



MARES DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR	BRAGANÇA	15°
11.18 3,20 m	04.31 1,80 m	VIANA DO CASTELO	15°
23.51 3,10 m	17.16 1,80 m	VILA REAL	16°
Dia 1		PORTO	15°
	05.34 1,80 m	COIMBRA	17°
12.22 3,30 m	18.15 1,70 m	CABO CARVOEIRO	16°
		PORTALEGRE	15°
		LISBOA	19°
		ÉVORA	17°
		BEJA	15°
		FARO	19°
		SAGRES	17°
		PONTA DELGADA	17°
		FUNCHAL	20°

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ
 Com pouco nublado. Vento fraco a moderado de nordeste, agitação matinal em especial no litoral Oeste.

É assinado esta tarde Anop desconhecia protocolo com NP

A Direcção de Informação da Anop lamentou só ter tido conhecimento da assinatura do protocolo entre a aquela agência e a NP através de telex da Direcção-Geral de Comunicação Social.

O director de Informação da Anop, Jaime Antunes, numa informação à redacção, lamenta que «acontecimentos tão importantes na vida da empresa não sejam objecto de debate na agência, de modo a ser conseguido um consenso quanto ao futuro da Anop».

O documento defende que a agência que resultar da fusão da Anop com a NP «só funcionará de forma eficiente, cumprindo os objectivos aue se exigem a uma agência noticiosa nacional, se os trabalhadores que a integram forem esclarecidos e mobilizados em torno de um projecto claramente profissional».

A Direcção-Geral da Comunicação Social anunciou na terça-feira, ao fim da tarde, a assinatura, hoje, às 15 horas, do «protocolo de acordo entre a Anop e a NP—Notícias de Portugal para a criação de uma nova agência».

Condutores continuam a funcionar a álcool

Dezanove por cento dos condutores de veículos automóveis conduzem com taxas de álcool iguais ou superiores a 0,50 gramas por litro no sangue, conforme se verifica no relatório que a Guarda Nacional Republicana divulgou hoje, respeitante ao mês de Junho.

Dos 6306 condutores sujeitos ao teste de alcoolémia, 1210 encontravam-se em transgressão.

O período do dia em que se verificou maior número de condutores naquelas condições foi das 12 às 18 horas, com especial incidência a seguir ao almoço, sendo entre os indivíduos com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos que se detectaram mais casos de taxas de alcoolémia superiores às permitidas por lei.

Incêndio em fábrica de cortiça no Barreiro

Um incêndio de grandes proporções deflagrou cerca das 12 horas de hoje na Sociedade Nacional Corticeira, na Quinta Braancamp, no Barreiro.

Os cinquenta voluntários das duas corporações da cidade combatem o sinistro, sendo visível de Lisboa a coluna de fumo.

O fogo já causou um feirido, e uma fonte dos «soldados da Paz» afirmou à agência Notícias de Portugal ser possível o pedido de reforços a outras corporações do distrito de Setúbal, dado a cortiça ser um material altamente inflamável e tóxico.

Recordar-se que a Sociedade Nacional Corticeira é a mais antiga do Barreiro e é, actualmente, a única fábrica do sector, que ali se encontra em actividade.

RFA auxilia bombeiros de Agueda

Duas viaturas de ataque a incêndios vão ser entregues pelo governo da República Federal Alemã aos bombeiros de Agueda na próxima segunda-feira, na sequência de um apelo difundido pela Associação Industrial daquela cidade.

Em nota à Imprensa, aquela Associação adianta que a cerimónia de entrega das viaturas terá lugar nas suas instalações, pelas 12 horas, com a presença do Embaixador alemão federal em Lisboa.

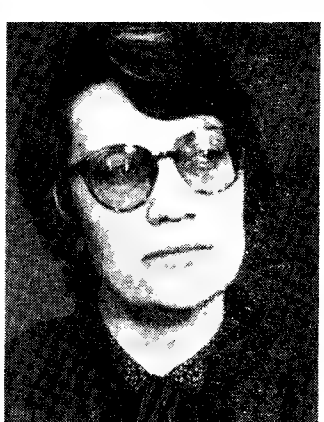
Na ocasião, a Associação Industrial de Agueda fará a entrega à corporação local de um cheque no valor aproximado de cinco mil contos, verba angariada numa campanha de fundos desenvolvida a nível nacional, após o incêndio que, em meados de Junho último, causou a morte de 16 bombeiros e a destruição de quatro viaturas, tendo devastado cerca de 12 mil hectares de floresta daquele concelho do distrito de Aveiro.

D/E/C/A/R/A/S/



MARIO SOARES e o candidato que com ele disputou a segunda volta das presidenciais encontram-se entre os convidados para a festa do teatro que no dia 7 de Agosto vai decorrer na Casa da Comédia, em Lisboa. O presidente da República, Maria Barroso e Freitas do Amaral foram convidados a associarem-se à homenagem a grandes actores do passado que naquela noite será prestada na Casa da Comédia, por ocasião da estreia da peça «A Bela Portuguesa», de Agustina Bessa-Luís — disse o encenador Filipe la Féria.

MANOEL DE OLIVEIRA viu o seu filme «O Meu Caso» seleccionado oficialmente para inaugurar o 43º Festival de Veneza — anunciou o Instituto Português de Cinema. «O Meu Caso», último filme do realizador rodado em Maio e Junho deste ano em França, baseia-se num conto de José Régio e inclui excertos de um texto de Samuel Becket e do «Livro de Job». São actores do filme, uma co-produção luso-francesa, Luís Miguel Cintra e Bulle Ogier. Manoel de Oliveira recebeu o ano passado, no Festival de Cinema



de Veneza, o «Leão de Ouro» especial do júri para o filme «O sapato de Cctim» e para o conjunto da obra.

JORGE DE SENA: a sua peça «O Indesejado» será estreada no dia 7 de Agosto no Centro de Arte Moderna, encerrando o ciclo «Retorno à Tragédia» que desde Maio está a decorrer, por iniciativa da Fundação Gulbenkian. Jorge de SENA, poeta, ensaísta, ficcionista e dramaturgo, nasceu em Lisboa a 2 de Novembro de 1919 e faleceu a 4 de Junho de 1978, em Santa Barbara, na Califórnia. «O Indesejado» tem encenação de Orlando Neves, cenários e figurinos de Nuno Carinhas e direcção musical de Paulo Brandão.

TERESA GOUVEIA apresentou em Coimbra à Associação Nacional de Municípios Portugueses a rede de leitura pública a implementar pelo Governo nas bibliotecas municipais. Durante a sua visita, a secretária de estado da Cultura encontrou-se também com o reitor da Universidade, para tratar de assuntos relacionados com o complexo museológico coimbrão. Segundo Rui Alarcão, o reitor da Universidade, o complexo será in-



stalado «em parte do edifício do Hospital Universitário, o antigo colégio de S. Jerónimo, em plena cidade universitária, que ficará devoluto com a transferência daqueles serviços de saúde para o novo Hospital Central de Coimbra, anunciada para Setembro.

MANUELA AGUIAR, secretária de Estado da Emigração, anunciou no Porto a criação de uma revista informativa destinada aos emigrantes espalhados por todo o mundo. Aquele membro do Governo falava na sessão de encerramento do I seminário de Verão para universitários (bolseiros) de origem portuguesa denominado «Diáspora e Lusofonia», que durante quatro dias decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CARLOS PAREDES fará uma mini-série de recitais em Helsínquia entre 19 e 21 de Agosto, a convite da Associação Finlândia-Portugal. Nos espectáculos, que terão lugar na Capela Temppeliantio, participa ainda a guitarrista clássica Luísa Maria Amaro que, ultimamente, tem acompanhado regularmente Carlos Paredes nas suas apresentações públicas.

Zona de Cascais há três dias sem água

Falta a água em algumas localidades do concelho de Cascais e a situação pode piorar se a Epal não reforçar o fornecimento.

Isto diz um responsável dos serviços municipalizados daquele concelho, para referir que «há três dias que recebemos imensas reclamações, mas estamos a fazê-lo possíveis por fornecer água».

Entretanto, em contacto com a Epal o «DL» apurou que só é possível um reforço do fornecimento de água desde que «haja uma reposição de todo o sistema em termos normais através da elevação da pressão». Ora isto só se consegue se forem atingidos os «níveis normais dos reservatórios» o que implica uma diminuição dos consumos. Esta diminuição é esperada com o início do mês de Agosto, época em que muitos lisboetas se deslocam para fora da cidade.

De qualquer forma e segundo nos foi referido por um informador da companhia de águas, a quantidade de água que a Epal pode distribuir ao concelho de Cascais na presente época é do conhecimento do respectivo município a quem, de resto, compete a estratégia da sua distribuição».

Oitenta por cento de água distribuída no concelho é fornecida pela Epal, sendo os restantes 20 por cento provenientes de captações próprias.

A ua da Epal chega por duas condutas, achamada «baixa», que segue junto da marginal e que tem funcionado com caudais normais, e a «alta», em que, sim, há grandes dificuldades».

S. Domingos de Rana, Carcavelos e Sassoeiros têm sido as zonas mais atingidas pela falta de água, que se prolonga há três dias e, se a situação se mantiver outras zonas altas do concelho como Polima e Outeiro, poderão sofrer restrições.

Segundo o referido responsável do município estão a ser desenvolvidos todos os esforços «para minorar o problema, explorando o caudal da conduta baixa e bombeando para as zonas altas».



A escolha de Vítor Constâncio

O «Ler Escrever» solicitou a personalidade da vida pública portuguesa — desempenhando funções de Estado, de direcção na vida partidária — que tornassem públicas algumas sugestões de leitura para o período de férias. O primeiro a responder positivamente à nossa proposta foi Vítor Constâncio, secretário-geral do Partido Socialista. Eis os onze livros que ele entendeu seleccionar, e cuja lista gostosamente reproduzimos a seguir:

- *A Job to live, The impact of tomorrow's technology on work and society*, de Shirley Williams;
- *La gauche face à la crise*, de Alain Fonteneau e Pierre-Alain Muet;
- *Weapons and hope*, de Freeman Dyson;
- *Le syndrome finlandais*, de Alain Minc;
- *La goutte d'or*, de Michel Tournier;
- *En sortir ou pas*, de Jacques Delors e Philippe Alexandre;
- *Mishima ou a visão do vazio*, de Marguerite Yourcenar;
- *Uma esplanada sobre o Mar e Conta-Corrente n.º 4*, de Vergílio Ferreira;
- *Fernando, rei da nossa Baviera*, de Eduardo Lourenço;
- *Essais sur le politique*, de Claude Lefort.

Fique o leitor atento às revelações da próxima semana...

Folhetim

Um é Outros

Hoje:

Morre uma
diva
num bar
do porto

LER ESCRIVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 263

Primeira tradução portuguesa
de um grande texto charneira

Lenz

de Georg Buchner

Em tradução de Ernesto Sampaio, o «Ler Escrever» começa hoje a publicar o Lenz de Georg Buchner, texto que assinala simultaneamente o cume e a ruptura do Romantismo e um dos momentos inaugurais da modernidade.

Buchner conheceu Reinhold Lenz, «irmão de Kleist pelo espírito», já próximo da loucura, e pressentiu na história do grande poeta do «Sturm und Drung», o símbolo da sua própria trajetória, do fervor apaixonado e rebelde, com todos os «chuis de Darmstadt» no seu encalço, até à desesperança e ao desalento.



Karen Blixen

«Le Monde» dos livros elege Karen Blixen

O suplemento literário semanal do jornal «Le Monde» acaba, pela mão da sua colaboradora Nicole Zand, de eleger Karen Blixen como «a mulher do ano». Título póstumo e marco por algum equívoco, sendo certo, como é, que a maioria das pessoas para quem o nome da escritora faz sentido confunde os seus traços com

os da actriz Meryl Streep, que a encarna em *Out of Africa*, êxito de bilheteira em França como em Portugal. Além disso, os ministérios dinamarqueses da Cultura e dos Negócios Estrangeiros organizaram em Paris uma exposição sobre a vida e obra da escritora, que devolve ao personagem a veracidade que o filme de Pollack reduziu. A exposição consta de três séries de fotos (antes, durante e depois de África) e de dois vídeos que a mostram falando, pouco tempo antes da morte, em francês e em inglês. Diz Nicole Zand: «Soberbas fotografias de uma mulher soberba, de maçãs do rosto altas, olhos passados por *Khol*... e para quem a caça é sempre uma história de amor». Aqui fica a sugestão, que dirigimos à embaixada dinamarquesa em Lisboa: não é possível trazer até nós a exposição de Karen Blixen?

«Terra Solidária» n.º 2, Julho/Agosto de 1986

A CABA de sair o segundo número de «Terra Solidária, Revista de Questões Internacionais», publicada pelo CIDAC sob a direcção de Luís Moita. Os seus quatro dossiers são, neste número, dedicados à *Política Externa Portuguesa* (entrevistas com Melo Antunes, Medeiros Ferreira e Jaime Gama, antigos ministros dos Negócios Estrangeiros, e Pires de Miranda, actualmente o titular da pasta), organizado por Clara Viana, jornalista no «Diário de Lisboa»; *A OLP depois de Beirute*, de Carolina Quina; *A dívida externa da África e da América Latina*, de António Silva; e *As relações URSS-Terceiro Mundo*, de Luís Moita.

Num comentário não assinado, e que ocupa lugar de editorial, a revista chama a atenção para a necessidade de democratizar a tomada de decisões sobre questões de Defesa. O texto evoca pri-

meiro a recente visita de Caspar Weinberger a Portugal, onde veio negociar a redução das contrapartidas americanas à cedência de locais para instalações militares dos EUA em território português.

Refere depois o acidente de Tchernobyl e o «alerta máximo para a nossa indiferença» que as nuvens radioactivas que pairaram sobre a Europa deveria constituir. E conclui pela defesa da democratização dos problemas da Defesa: «Contra o secretismo das decisões militares que envolvem a segurança colectiva, o conjunto dos cidadãos tem de reivindicar o direito à voz activa nesta matéria.

Quando está em jogo a vulnerabilidade do País, temos todos que nos apropriar da capacidade de decidir.»



Frei Betto

«Fidel e a Religião»

«FIDEL e a Religião», o livro do teólogo brasileiro Frei Betto que está a constituir um tremendo êxito em todo o mundo, foi ontem lançado publicamente em Lisboa pela editorial Caminho.

Numa sessão que decorreu na Casa da Imprensa, falaram do livro «Fidel e a Religião», bem como da realidade latino-americana e da Teologia da Libertação, o padre dr. Luís França e os jornalistas Urbano Tavares Rodrigues e Ribeiro Cardoso.

Apesar de só ontem ter sido feito em Portugal a apresentação pública de «Fidel e a Religião» o livro já está à venda há algum tempo e, a exemplo do que tem acontecido em toda a América Latina, e, na Europa, em Itália, França, RFA, Suíça e Polónia, é já um *best-seller*. A «Caminho» tem praticamente esgotados os primeiros cinco mil exemplares e prepara-se já para nova edição.

Communio

A revista internacional católica, *Communio*, dedica o 3.º fascículo de 1986 (n.º 3, Maio/Junho) ao tema: «Como ler a Bíblia». Armando Vaz escreve sobre «A Bíblia, Palavra de Deus»; João Lourenço sobre «A Bíblia e a sua linguagem»; M. Isidro Alves sobre «Exegese para a Igreja»; J. Carreira das Neves sobre «Bíblia e métodos exegéticos»; I. de La Potterie sobre «A leitura da Sagrada Escritura no espírito»; P. Alves de Sousa sobre «Jesus Cristo, centro da Escritura e Tradição»; Hans Urs von Balthasar discorre sobre «Verdade do Mundo — Verdade de Deus» (entrevista); e Mário Martins sobre «A Bíblia na Literatura portuguesa», interessante estudo do prestigioso autor de «A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa» (Lisboa, 1979). Mário Martins, da Companhia de Jesus, tem colaborado em revistas como *Brotheria*, *Itinerarium*, *Lusitana Sacra*, e é um reputado especialista da história cultural e das mentalidades da Idade Média portuguesa.

A revista *Communio* tem edições na Alemanha, na Bélgica, no Brasil, no Chile, na Espanha, nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Jugoslávia, na Polónia.

Páginas de «Sentados na Relva» o último livro de Namora

Pág. 5



Lenz

A 20 de Janeiro, Lenz partiu para as montanhas. Cumes e planaltos nevados, encostas de pedra cinzenta descendo sobre os vales, espaços verdes, rochas e abetos.

Fazia um frio húmido; a água jorrava das penedias, caindo sobre os atalhos. Os ramos dos abetos pendiam, pesados, no ar chuvoso. No céu passavam nuvens cinzentas, mas tudo era tão opaco! — e depois o nevoeiro erguia-se aos borbotões, arrastava-se, pesado, húmido, através das montanhas, tão lentamente, tão pesadamente!

Prosseguiu o seu caminho, indiferente; pouco lhe importava o ter de subir e descer. Não sentia cansaço algum; mas, por instantes, era-lhe desagradável não poder andar sobre a cabeça.

A princípio sentia-se oprimido, quando a rocha subitamente se interrompia, quando a floresta se agitava a seus pés ou quando o nevoeiro, quer ocultando todas as formas, quer veladamente, descobria os membros poderosos da natureza: tomava-o a angústia, procurava qualquer coisa, como quem procura sonhos perdidos mas nada encontrava. Tudo lhe parecia simultaneamente pequeno e próximo, e húmido; queria pôr a terra à lareira, a secar. Não compreendia como precisava de tanto tempo para transpor uma encosta ou atingir um ponto afastado; que devia ser capaz de tudo ultrapassar em poucos passos. Por vezes, quando o vento atirava a bruma para o vale e o seu vapor subia ao longe, bordejando as florestas; quando as vozes se elevavam nos rochedos, semelhantes ao eco do trovão morrendo na distância, ou a mugidos poderosos, de tal intensidade que pareciam

querer, na sua alegria selvagem, cantar louvores à terra; quando as núvens se aproximavam, ofegantes como cavalos em suor, relinchando; quando o sol perfurava a neblina e o banhava, lançando o seu dardo faiscante sobre as planuras geladas, como um traço de luz fortíssima, cortando o espaço, transpondo os cumes e inundando os vales; ou quando o vento rasgava as nuvens formando no céu um lago dum azul transparente, e os bramidos se calavam e, das gargantas profundas ou dos altos abetos, se elevava um murmúrio, como uma canção de embalar ou um tocar de sinos que o vento agitasse; ou quando subia pelo azul fundo um breve luar vermelho, e pequenas núvens passavam sobre asas de prata, enquanto todos os cumes cintilavam, agudos e firmes, no longe, para além da paisagem — sentia dilacerar-se-lhe o peito, detinha-se, ofegante, o corpo para a frente, a boca aberta e os olhos extasiados. Sentia dever atrair a si a tempestade, receber todas as coisas; estendia-se na terra, cavava uma passagem no universo: sentia então uma volúpia que acabava por ser dolorosa. Ou detinha-se, pousava a cabeça na relva e semicerrava os olhos: tudo então se afastava, a terra recuava, diminuía, como um planeta errante, e depois mergulhava num qualquer rio sussurrante cuja água clara se desfazia a seus pés. Mas tudo não eram mais que instantes; levantava-se, portanto, o espírito claro, firme, calmo, como se um jogo de sombras lhe tivesse passado diante dos olhos —, de nada mais se lembrava.

À noite, chegou ao cimo, ao planalto nevado donde se desce, do lado oeste,



G. Buchner.

para a planície. Sentou-se. Tudo, como a noite, se tornara mais calmo, as nuvens imobilizadas no céu. Tão longe quanto a vista alcançava, nada senão

cumes donde desciam vastos declives. E tudo tão tranquilo, cinzento, crepuscular. Sentiu-se terrivelmente só; estava só, absolutamente só. Queria falar con-

sigo mesmo, mas não o conseguia. Mal ousava respirar; ao andar, mes cautelosamente, os passos ressoavam como trovões. Devia deitar-se. Uma angústia indizível o tomou, no meio deste nada gigantesco: encontrava-se no vazio! De um salto levantou-se e desceu a correr.

Chegara a escuridão, a terra e o céu confundiam-se. Tinha a sensação de que alguma coisa o perseguia, que algo de terrível o ia atingir e que os homens não podem suportar: como se a Demência, montada nos seus cavalos, o procurasse.

Finalmente, ouviu vozes, viu luzes e sentiu-se aliviado. Disseram-lhe que estava ainda a meia-hora do presbitério de Waldbach.

Atravessou a aldeia. Os candeeiros estavam acesos atrás das janelas; de passagem, entreviu o interior das casas: crianças à mesa, velhos, raparigas, paz e calma em todos os rostos. Pensou que a luz emanava certamente daquelas faces; tudo se lhe tornou agradável e em breve chegou ao presbitério de Waldbach.

Entrou. Estavam à mesa. O cabelo louro caía-lhe em torno da cara pálida, um estremecimento agitava-lhe os lábios e os olhos. Tinha o fato rasgado.

Oberlin deu-lhe as boas-vindas, tomando-o por um trabalhador. «Sede bem-vindo, embora não vos conheça — Sou amigo de Kaufmann e trago-vos notícias dele — o vosso nome, por favor? — Lenz — Esse nome não foi já impresso? Não li eu já alguns dramas que se atribuem a alguém com esse nome? — Sim, mas peço-vos que não me julgueis por aquilo que escrevi.»

A conversa continuou. Procurava as palavras, depois falava depressa, como se estivesse sobre brasas; pouco a pouco, apaziguou-se: a sala acolhedora, as faces tranquilas que se destacavam da sombra; o rosto límpido da criança sobre a qual parecia repousar toda a luz e que mostrava um olhar curioso, confiante; e a mãe que, ao fundo, se encontrava sentada, no escuro, numa tranquilidade angelical.

Pôs-se a falar da sua terra, a narrar acontecimentos, enquanto os outros se comprimiam à sua volta com interesse: era como se estivesse já em casa. O seu pálido rosto infantil, agora sorridente, a vivacidade da sua narrativa! Sentiu-se tranquilo; parecia-lhe que da escuridão saíam personagens de outrora, caras esquecidas, cânticos antigos. Como estava longe, longe, tão longe.

Chegou a hora de se recolher. Levaram-no ao outro lado da rua: como o presbitério era muito pequeno, tiveram de lhe dar um quarto na escola. Subiu. Fazia frio lá em cima, naquele quarto vazio, com um leito muito, ao fundo. Pôs a vela em cima da mesa e começou a dar grandes passadas pela casa. Recordava o dia que findara, como chegara até ali, o sítio onde estava. Já a sala do presbitério, com as suas luzes e os seus rostos amados, se lhe afigurava uma sombra, um sonho. Tal como anteriormente, na montanha, sentia um vazio, mas agora nada tinha para enchê-lo, a luz extinguiu-se, as trevas devoravam tudo. Tomou-o um medo indizível. Levantou-se bruscamente, atravessou o quarto a correr, desceu a escada, saiu de casa, mas em vão, nada senão o escuro, nada —, ele próprio era um sonho. Agarrava-se às ideias isoladas que repentinamente lhe surgiam, tinha a impressão de que era preciso não parar de dizer «Pai Nosso». Não conseguia reencontrar-se; um instinto obscuro impelia-o a fugir. Tropeçava, feria-se nas pedras. A dor devolveu-lhe alguma consciência. Por fim, atirou-se ao tanque do fontanário, mas a água era pouco profunda e mais não conseguiu do que patinhar no chafurdo.

Veio gente. Oberlin correu. Lenz, recomposto, tinha consciência da situação. Agora envergonhava-se,

Buchner ou a vida em si mesma

«ESTOU muito contente com a minha sorte», escreve Buchner à família, «à excepção dos dias de chuva constante e vento noroeste; então, transformo-me num desses que à noite, no momento de se deitarem, depois de terem descalçado uma das meias, pensam em enforcar-se porque lhes é muito penoso descalçar também a outra...»

Georg Buchner (1813-1837) dava estas notícias aos vinte anos, num estado de esgotamento físico agravado pela penúria constante, febrilmente entregue à actividade revolucionária e à composição de três peças que irão determinar toda a estética teatral moderna. Por únicas musas, tinha os «chuis de Darmstadt» lançados no seu encaço.

Para este estolado vivo, o idealismo claudicante do Romantismo perdeu todo o prestígio e a música do sublime soa-lhe desafinada. Do que se trata é de satisfazer a necessidade inata de liberdade e de escapar à servidão. «Nascemos e crescemos num cárcere, e por isso achamos naturais estes ferros nos pulsos e nos pés, esta mordida na boca...»

Nem sempre a liberdade encontra o acto que a realiza e poucas vezes o indivíduo consegue captar e dominar as forças negras de que é juguete. «A vida é um fim em si mesma», mas quase sempre se consome sem objecto, na indiferença e na solidão mais absoluta, e aí está o delirante monólogo de Woyzeck: «Faz bom tempo, meu capitão. Veja que belo céu cor de chumbo! A gente até sente ganas de lá pendurar uma trave para se enforcar, só por causa dos pontinhos que separam o sim do não. É o não que tem a culpa do sim, ou o sim do não? Temos que ver isto com mais calma, meu capitão».

Ao furor revolucionário do *Correio de Hesse*, redigido em 1834, segue-se brutalmente o desprezo doloroso, patenteado na correspondência, por um povo oprimido, mas sem qualquer outro móbil que não fosse «a miséria material e o fanatismo religioso». O *Correio de Hesse* apelava à acção urgente: com a prisão dos amigos de Buchner, com ele próprio exilado, toda a acção parecia impossível. Ao fervor entusiástico segue-se a amargura e o desalento.

Nesta passagem instantânea de um extremo a outro, somos tentados a ver a prefiguração da corrida para a morte do soldado Woyzeck, ao qual cada tomada de consciência vai progressivamente agravando o delírio. O acaso, fazendo morrer Buchner de tifo, negou-lhe os prestígios do suicídio e da «loucura», tão generosamente concedidos aos poetas daquela Alemanha napoleonzada e ainda feudal.

A vida de Georg Buchner foi demasiado curta para alimentar especulações hipotéticas acerca da obra que poderia ter deixado. O seu diário, assim como a peça que tentava escrever quando morreu foram queimados pela noiva, Minna, e os textos sobreviventes surpreendem pela diversidade, pela rápida evolução de que dão testemunho, desde a paixão, a força, o grito e a rebeldia de *O Correio de Hesse* até ao fatalismo, a desesperança e a impotência de Lenz, passando pela recusa incondicionada da mitologia cristã e pela apologia do terror revolucionário expressas na sua trilogia dramática (*A Morte de Danton*, *Woyzeck*, *Leôncio e Lena*).

«Tudo se consuma em mim mesmo; se ao menos houvesse uma saída, uma abertura para o que trago cá dentro, mas não tenho gritos para exprimir a dor, nem gestos para a alegria, nem harmonia para a felicidade»: é talvez este o Buchner que, por pessoa interposta, se exprime em Lenz, outro patético denunciante da condição humana, que fez da alienação e da repressão do desejo o tema central da sua obra.

Não faltam os comentários sobre a «loucura», nem as bravatas sobre a identificação com o «louco», que só seria doido por culpa da sociedade (de resto, tendo razão, não seria doido). Buchner, sempre pronto a teorizar, não propõe aqui uma interpretação nem uma apologia do delírio. Modestamente, a partir de notas tomadas pelo pastor Oberlin sobre o poeta enfermo que tentava ajudar e compreender, procura apenas exprimir o sofrimento da criança mal amada e sempre culpada que reconhece no autor do *Preceptor*.

Para Lenz — para Buchner escrevendo Lenz — a natureza é bela (e esplendidamente descrita), os seres simpáticos e prestáveis. Mas o «mal» interior, de que a vítima se acusa e se pune, torna a natureza terrífica e as criaturas ineficazes. A ternura e a inteligência — aquela que só uma compreensão profunda pode conferir — fazem deste Lenz talvez a obra mais insubstituível de Buchner.

Depois da crise, Lenz «parecia calmo, senhor de toda a sua razão. Falava com as pessoas. Procedia como toda a gente; mas havia nele um pavoroso vazio, uma ausência completa de angústia ou de desejo. A existência, agora, pesava-lhe como um fardo necessário».

Este frio interior, também descrito nas cartas a Minna, Buchner talvez tivesse encontrado novos meios de projectá-lo no mundo — no teatro — e assim viver, «como os outros» ou não, a sua própria vida.

Ernesto Sampaio

Todas as coisas eram o seu próprio sonho

arependia-se de ter assustado as pessoas. Acabou por lhes dizer que se habituara a tomar banhos frios e voltou para o quarto. O cansaço acabou enfim por rendê-lo. Repousou.

No dia seguinte, tudo começou a correr bem. Com Oberlin, percorreu o vale a cavalo: vastos prados desciam das alturas longínquas, formando cá em baixo uma garganta tortuosa que se dividia e voltava a subir para os montes, no meio de grandes massas rochosas. Havia poucas florestas, todas cinzentas e austeras; para oeste, estendia-se uma cadeia de montanhas cujas vertentes abruptas desabavam para Norte e Sul, com os cumes poderosos, severos ou taciturnos, recortados no ar como um sonho crepuscular. Por vezes, grandes feixes de luz corriam pelos vales como um rio dourado; depois sobrevinham nuvens nas alturas: rasavam os mais altos cumes e em seguida desciam lentamente ao longo das florestas, ou subiam e voltavam a descer entre os raios de sol como fantasmas alados, prateados. Nem um ruído, um movimento, um bater de asas — nada a não ser o soprar, ora próximo, ora longínquo, do vento. Na paisagem, também se entreviam pontes, cabanas em ruínas, palheiros escuros, severos. Pessoas silenciosas e graves, tementes de perturbar a paz do vale, saudavam-nos com gestos tranquilos.

Havia vida nas cabanas; os camponeses comprimiam-se em redor de Oberlin, que lhes dava conselhos, pareceres, consolações. Por toda a parte preces, olhares confiantes. Infatigável, Oberlin ouvia-lhes os sonhos, os pressentimentos, acompanhava-os nos trabalhos e canseiras. Sempre a seu lado, Lenz participava das conversas, interessava-se pela vida da pobre gente e tudo exercia sobre ele um efeito benéfico, apazigua-

dor. Com frequência, fixava Oberlin nos olhos, e a paz imensa que nos invade frente à calma natureza, no mais fundo das florestas, nas noites de Verão enfeitadas pelo luar, essa paz parecia-lhe ainda mais próxima naqueles olhos límpidos, tranquilos. Sentia-se intimidado, mas dava opiniões, falava. Oberlin encantava-se de ouvi-lo, de contemplar a sua amorável figura juvenil.

Lenz, porém, só suportou aquilo enquanto o vale foi luminoso: ao crepúsculo, tomou-o uma estranha ansiedade e desejou partir, correr atrás do sol. À medida que as sombras envolviam as coisas, tudo lhe parecia irreal, penoso, o medo apossava-se dele como das crianças que dormem na escuridão; tinha a impressão de estar cego. Agora, o medo crescia-lhe no peito e na cabeça, e o pesadelo da demência sentava-se a seus pés. Uma ideia desesperada começou a bailar-lhe diante dos olhos: que todas as coisas eram o seu próprio sonho, que todas elas se abriam na sua presença. Tentava agarrar-se aos objectos, às formas que passavam rapidamente à sua frente; a vida ia-se-lhe naquelas sombras, o corpo tornava-se-lhe rígido, enquanto cantava, falava alto, recitava trechos de Shakespeare, estendia as mãos para tudo o que alguma vez lhe fizera bater o coração, mas... frio! frio! Depois teve de fugir para o ar livre. A fraca luz dispersa na noite fez-lhe bem, acostumados às trevas os seus olhos. Lançou-se outra vez no tanque e o choque brutal da água fria também lhe fez bem. Animava-o a secreta esperança numa doença... Cautelosamente, fez com que o banho fosse menos ruidoso que o da véspera.

Georg Buchner
(Na próxima semana,
As Alucinações)

Trad. Ernesto Sampaio



Ficções

Narciso e Goldmund

O crânio rapado e extremamente oblongo entrecorta uma pequena chama no meio de fumo e de vapor e como um ovo de crocodilo escorre sobre a pedra negra um hieróglifo viscoso.

O sonhador, como o peito coberto por finos raios de cânhamo, ergue a tiara e desce-a fatal sobre a sua própria cabeça, entrelaçada no metal. Lentamente o ópio que desenha contra as paredes do túmulo os embutidos que descrevem a metafísica das luas começa a produzir os seus nefastos efeitos.

Ante a inteligência dissolvida e com as margens diluídas nos elementos primitivos as lâminas que se cruzam no ar mergulham nos magmas vulcânicos e atravessam os pontos brilhantes que se aglomeram no fundo do cérebro. — A morte é o gesto mais avançado das transformações elaboradas no desequilíbrio dos instintos e das rainhas calçadas de rei; assim escolher um ponto do acaso sinalizado por um qualquer grifo ou por um qualquer número e solver toda a efígie telúrica nos dois lados da máscara fende o futuro ou outra branda mitologia contra a espessa camada de gordura com que o aventureiro se protege dos orientes fumados.

Avatar da escama do antigo crocodilo quem segrega o sonhador da ordenação consciente e precisa das esferas e das matérias irregulares opõe as visões dos limbos às práticas funéreas. O aventureiro (cujos símbolos mais profundos são as matizes) — ainda que tenha fortes inclinações pelo infinito não traduz fatalmente a mecânica do caos — pode bem com as imersões cranianas alumiadas a lume — no sentido da espectral luz.

Todos os jogos múltiplos adensam-se numa fina rede distendida até à loucura; as máscaras os ídolos as filhas primordiais arrastam até ao absurdo as figuras acabadas do futuro.

Desconhecido o líquene que confunde o feto ao espírito, todos os movimentos, por mais diluídos que sejam, são sempre paralelos, e o gesto alephano — cada vez mais estigma de uma presença nos sete níveis — é o último resíduo abstracto que a inteligência utiliza ante o desequilíbrio do triângulo da cabala.

Numa exposição rosa-cruciana do século XIX em que estavam presentes Cisne, Satie e Moreau foi traçado o horóscopo da quinta esfera do nosso corpo — epitáfio desse viandante: Goldmund abraçou Narciso e morreu nos tépidos lagos de marfim.

A geometria que conservou as fortes fronteiras dos números a partir do futuro concebeu uma figura que aglutinou em plenitude toda a tradição esotérica do saber cardinal — assim a espiral seria no lado rígido das transformações de uma lógica de todo acidental a face branca em que o rosto humano apareceria do outro lado; ao invés o masculino seria a decomposição ulterior das formas de consciência de deuses brutais: como as mãos em mesalina os olhos em alquimia esses deuses manejariam as lâminas da adivinhação pela composição magnética dos oráculos.

Finalmente um bando milagroso de anjos e de espectros abriu a porta da loucura a Narciso que enrolado sobre o fumo continuava a beijar os seus ossos.

L. Miranda

Correspondência

A família

Estrasburgo, 5 de Abril de 1833

É esta a minha opinião: se há alguma coisa eficaz nos dias de hoje, é a violência. Já sabemos o que se pode esperar dos nossos príncipes. Tudo o que têm ido permitindo foi-lhes arrancado por necessidade e à força...

A família

Estrasburgo, Junho de 1833

ACTUAREI sempre segundo os meus princípios, mas nos últimos tempos aprendi que só a inevitável miséria das grandes massas pode produzir transformações e que qualquer agitação ou grito de indivíduos isolados não passa de estéril obra de loucos. Se escrevem, ninguém os lê; se gritam, ninguém os escuta; se agem, ninguém os ajuda... Não estou disposto a meter-me em jogos revolucionários infantis, nem na política de intrigas imperante em Giessem.

A Augusto Stober

Darmstadt, 9 de Dezembro de 1833

AS circunstâncias políticas enfurecem-me. O desgraçado povo arrasta pacientemente o carro onde príncipes e liberais representam as suas macacadas. Eu só peço que um raio os abraze!

A Gutzkow

Estrasburgo, 1835

TODA esta revolução se dividiu em liberais e absolutistas, mas o único elemento revolucionário do mundo é a relação entre ricos e pobres. Só a fome pode facilitar o advento da deusa da liberdade. E só um Moisés,

que nos largasse em cima as sete pragas do Egipto, poderia transformar-se num Messias. Se os camponeses engordam, a revolução torna-se apopléctica. Mas não corremos esse perigo...

A Gutzkow

Estrasburgo, 1836

REFORMAR a sociedade por meio das ideias, a partir da classe culta? Impossível! A nossa época é absolutamente materialista. Se se dedicasse à acção política directa, você, jamais poderia ultrapassar a fronteira que separa a sociedade culta da inculta. Em questões sociais, há que partir do seguinte princípio jurídico: tentar a formação de uma nova vida cultural popular e mandar para o diabo esta caduca sociedade moderna. Que faz uma coisa assim entre o céu e a terra? Apresenta-se como modelo e passa a vida exclusivamente a tentar livrar-se do mais espantoso aborrecimento. Que morra: é a única novidade que ainda pode experimentar.

A noiva

Zurique, 13 de Janeiro de 1837

MINHA querida menina... conto pelos dedos as semanas que faltam até à Ressurreição. Tudo se torna cada vez mais aborrecido. Ao princípio era mais fácil: novas vistas, novas caras, situações, tarefas... mas agora já estou acostumado e esta regularidade diverge da minha. O que me vale é manter activa a imaginação. A preparação mecânica dos ensaios para o microscópio deixa-a livre. Vejo-te sempre entre rabos de peixe e dedos de rá. Não será isto mais comovente do que a história de Abelardo, e de como Eloísa se lhe interpôs entre os lábios e a oração? Oh, cada dia me torno mais poético, os meus pensamentos nadam em fenol! Graças a Deus, voltei a sonhar muito à noite. O meu descanso já não é tão pesado.

(Trad. Ernesto Sampaio)

GRANDE parte do dia decorreu assim, entre duchas, cafés mais ou menos frios, mais ou menos fortes e cigarros queimados até ao filtro. Sentava-se no sofá, observava os barcos, o movimento da vida no rio. «Bom, é preciso reflectir», dizia para consigo. Mal acabava de se instalar em postura de reflexão, toda a capacidade de raciocínio desaparecia. Imagens bloqueavam-lhe o olhar. Já não conseguia sequer ver e tinha que o fazer. O contorno de um navio esbatia-se, as ondas plissavam o rio, ele olhava para aquele pé, o carmim da sua unha cegava-o. Uma das suas vozes tentava soltá-lo «mas que coisa, vês bem que é apenas uma bóia!». E o olho continuava a olhar para a unha vermelha, o pé magro emergindo da água.

«Mas quem me terá telefonado? Como é que ele soube?». Levantava-se do sofá, andava pela sala, tornava a sentar-se. Com a sua voz meiga articulava precisamente cada palavra, o rádio em surdina destilava uma música dos anos sessenta. «Golden sixties? uma merda, isso sim!». «All right baby», senta-te e pensa. «Take it easy». A única conclusão a que tinha chegado era quanto à agenda. Era óbvio que o assassino tinha encontrado o seu nome e o número de telefone na agenda de Fulana.

Muito bem, mas como sabia ele o resto, o espelho redondo, a vida, o passado? A unha carmim brilhava sobre as ondas, uma brisa quente levantava de vez em quando a cortina, gotas de suor salpicavam-lhe a testa, o filtro do cigarro ardia entre os seus dedos. «Maybelline». Aumentara o volume do rádio, gritando subitamente por sua vez «Maybelline» e entregou-se a um «rock and roll» endiabrado com a velha almofada de veludo azul, gritando de cada vez «Maybelline». Extenuado, desligou o aparelho, desatando a rir nervosamente. A campainha tocou.

Aquele estúpido vizinho não gostava certamente de Chuck Berry e iria mais uma vez ser necessário argumentar, terminar com sorrisos e vénias, «desculpas» e «com licença». Retirou o intercomunicador do descanso e ouviu «correio». Desceu imediatamente, levantou a tampa metálica, mas apenas um envelope ocupava a caixa do correio. Subira sem olhar para o envelope.

Detestava ler o seu correio no elevador ou na rua. Uma carta merecia um mínimo de cerimónia. Não reconhecia a caligrafia do envelope que tinha sido enviado de Lisboa e não havia remetente.

Recostou-se no sofá, puxou uma fumaça do seu cigarro, rasgou lentamente o lado direito do envelope, enfiou a mão no interior e sentiu entre os seus dedos uma curiosa matéria fina e leve. Retirou a dita coisa: uma meia de nylon. «Maybelline», vociferou ele, deitando a sua chávina ao chão. Sufocava. «Acalma-te, toma um duche e descansa.»

Maquinalmente enrolou a meia em forma de bola e colocou-a no bolso do seu casaco, que estava nas costas da cadeira a seu lado. Molhou a cara no quarto de banho e, extenuado, atirou-se para cima da cama.

Os algarismos vermelhos marcavam 22h 10m no mostrador luminoso. Ele tinha de facto dormido e já não se lembrava de ter sonhado. Apenas lamentava que desta vez o terrível pesadelo pertencesse à realidade. O seu estômago protestava seriamente, tinha vontade de ver seres humanos, mesmo imbecis, e decidiu ir ao Smocks comer um bife à afé. Enfiou uma camisola, pegou no casaco, nas chaves, deixou uma luz acesa e saiu.

Estacionou o Rover no Príncipe Real, caminhou alguns metros e bateu à porta. Hoje, aquela atmosfera húmida e desconfortável tranquilizava-o. Estava feliz por poder acariciar o velho feltro verde e por um minuto quase se sentiu bem. A Guinness tinha um sabor particular e achara mesmo que, inconscientemente, tinha andado à procura daquele bife durante toda a tarde. Saboreava a segunda Guinness percorrendo o jornal sem conseguir concentrar-se de facto. Acabou por se achar um pouco pesado e sentiu necessidade de caminhar ao ar livre. Estava uma noite agradável, as estrelas cintilavam no céu de carbono, dois gatos atravessaram furtivamente a rua. Chegara à praça, penetrou no pequeno jardim e sentou-se num banco para aí fumar tranquilamente um cigarro inglês; a força perfumada do tabaco da Virgínia proporcionava-lhe uma sensação deliciosa.

Subitamente tudo lhe parecia belo, a praça, com a sua venerável árvore, o quiosquezinho, as torres mourescas, as casas velhas...

Espreguiçou-se fazendo alguns ruídos de satisfação e levantou-se para voltar para o carro. Ao atravessar de

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Capítulo II

Morre uma diva num bar do porto



novo o pequeno jardim, a visão de uma «amaryllis» vermelha fê-lo parar. Acariciou a flor, cheirou-a, falou-lhe por um instante e continuou o seu caminho em direcção ao carro.

Pousou as mãos sobre o volante; sentia-se mal novamente, as imagens seguiam-se com insistência, a unha, o espelho redondo, os lençóis amarrotados. Arrancou e partiu para o Cais do Sodré, entrou num bar que lhe parecia animado, apoiou-se ao balcão e pediu um «whisky» duplo «on the rocks». Depois de ter esvaziado o seu copo e renovado o seu pedido, ousou enfim observar todos aqueles indivíduos que riam, gritavam, dançavam e se beijavam à sua volta.

Um navio francês devia ter acostado, uma quinzena de marinheiros enchiam o local; circulavam bonés de pompom escarlate por entre as mesas, a pista e o balcão, como se não protegessem rosto nenhum. Os marinheiros divertiam-se bastante, faziam rir algumas raparigas, entre as quais uma falsa ruiva que guinchava imenso. Um deles convidou-a para dançar o «Only you» e, com as mãos coladas ao traseiro da rapariga, piscava o olho aos seus colegas. De seguida ela sentou-se nos seus joelhos, ria alto, demasiado alto.

Mais um «whisky». A música tornou-se alegre, dançaram todos ao mesmo tempo.

Eu permanecia apoiado ao balcão e observava-os agora através do espelho. Alguns dos marinheiros tinham abandonado os seus bonés sobre as mesas, lado a lado com copos e garrafas vazias. Outros, conservavam-nos na cabeça enquanto dançavam. Batiam as palmas e ro-

deavam a rapariga ruiva que, alegre, gritava histericamente. Miserável diva, ela atirava alguns «querido» e «vem» (em francês) ao desbarato. «Whisky on the rocks». Eles conseguiram fazê-la subir para uma mesa, ela dançava balançando-se, eles assobiavam e interpelavam-na.

Eu voltei-me, a imagem no espelho esbatia-se, eu queria ver de frente. Ela dançava moldada por um vestido verde decotado nas costas. Uns enormes brincos dourados balançavam, projectando alguns efeitos luminosos sobre as suas faces demasiado maquilhadas. Ela fazia o compasso da música com os saltos altos dos seus sapatos pretos de verniz, um tanto fora de moda. Meu Deus! como lhe deviam doer os pés com aquelas correias de mau couro separando os dedos precisamente ao meio. Um fio dourado preso ao tornozelo completava o seu ar vulgar.

Mergulhado no meu «whisky», eu admirava, apesar de tudo, essa capacidade que têm por vezes os seres de atingir instintivamente a perfeição do feio, do mau gosto ou do vulgar. A música atingia o seu auge, o ambiente aquecia, a ruiva no meio dos risos e das aclamações, agarrou um boné, arrancou-lhe o pompom vermelho antes de o atirar para longe. O marinheiro eleito levantou então a rapariga, pousou-a no chão e dançou, o corpo suando colado ao dela. Ela segurava ainda o esplendoroso pompom como um troféu, brincava com ele e estremecia. Extenuada, pediu ao seu cavaleiro para esperar dois minutos, apenas o tempo necessário para se refrescar. Ele deu-lhe uma palmada no traseiro, enquanto ela, rindo, se dirigia para os lavabos.

Esvaziei o copo.

Sem saber ao certo porquê, encontro-me nos lavabos, hesitando entre o lado dos senhores e o das senhoras. ouço o autoclismo, o barulho de uma torneira. Avanço lentamente, sem fazer barulho e observo-a. Ela está só. Compendo os cabelos, segurou o pompom com a ajuda de um gancho. Põe «batón» fazendo caretas, simulando sorrisos para ver se este não transborda. Molha a ponta do indicador com um pouco de saliva e limpa o canto do olho onde um pouco de rimel transbordara. É ao fazer este gesto que ela sente a presença de alguém, volta-se bruscamente e vê-o, ao pé dela.

Ele sorri-lhe gentilmente, ela retribuiu o seu sorriso um pouco nervosamente. Ele aproxima-se mais, vê-a no espelho, passa a mão sobre o seu cabelo de onde emana um perfume barato, demasiado doce e forte, envolvente até à náusea. Com um dedo contorna a sua face, começa a beijar o pescoço, enjoado pelo odor, submisso também. Ela deixa-se ir, solta mesmo alguns sons agudos cuja intensidade varia em função da partes do corpo que ele explora cada vez mais freneticamente. Torna a ver a rapariga no espelho, a cabeça tombada para trás, os olhos meio fechados. O pompom solta-se como uma faísca no seu cabelo, sente-lhe a textura, quase lhe toca no rosto. Com uma mão ele continua a apalpar a rapariga, com a outra tira do bolso a meia de «nylon» em forma de bola.

Ata-a à volta daquela garganta demasiado perfumada. Ela continua a gemer, *eu aperto com força, lentamente. O cabelo espalma-se no chão, o vestido rasga-se na anca direita. Tiro o pompom, aperto-o no punho e meto-o no bolso.*

Na sala os holofotes de cor acendem e apagam, todos dançam e bebem gritando desvairadamente.

O fumo e o odor de transpiração misturados ao do álcool provocam um estado de transe geral.

Ele escueira-se até à saída.

(Continua)

Na próxima semana: A estranha caixa deixada à porta

Sentados na Relva, de Namora

Já em distribuição entre os sócios do «Círculo de Leitores», está no prelo para a Bertrand e sairá em breve para as livrarias: é um livro de crónicas, que Fernando Namora faz pertencer à sua série «cadernos de um escritor», e chama-se **Sentados na Relva**. Do seu primeiro texto, sobre um encontro de escritores na Finlândia, extraímos as páginas que hoje oferecemos aos leitores do «Ler Escrever».

Em Mukkula. Sentados na relva. Ao sol. Como já perceberam, isto é uma série de apontamentos sobre as Reuniões Internacionais de Lahti, e aos interessados conviria não caírem de improviso num dos capítulos do folhetim sem nada saberem do que se disse atrás. De qualquer modo, vou desentender-me com a sequência dos factos e falar hoje dos participantes do debate que, por cálculo ou acaso, conseguiram pôr-se em bicos dos pés. Falar das vedetas.

Porque a verdade é que reuniões assim têm as suas estratégias — o que é que não as tem? Estratégia pessoal, ou tribal, ou nacional. Há gente que vem aqui para ser notada e discutida. Há gente que vem a estas coisas como bandeira de um cenáculo, de uma corrente, de uma moda. Há gente que traz no bolso uma ideologia, e no passaporte um país. Quando tal acontece, o cenário é escrupulosamente montado e os papéis habilmente distribuídos. Quem irá ser o mais fotografado, o mais entrevistado, o mais badalado nas gazetas do dia seguinte? A gula ansiosa com que cada um deita os olhos aos jornais expostos no átrio do *manoir* bem mostra de que humano barro somos feitos. Bem mostra o porquê de certas manobras e abordagens. É terrivelmente desconsolador sabê-lo, verificá-lo — mas nada, nestas lidas da vida, é inocente. Muito menos nos bastidores das letras. A começar pelos que se proclamam imunes a estas fraquezas.

Com efeito, a chamada indecência da vida literária não nos é exclusiva, não. A crestadora inveja (quem disse que a inveja é o mais dramático sinal da frustração?), o golpe baixo, a mesquinhez e a torpeza estão longe de ser estigmas nossos. E de nada vale sofrer com isso, de nada vale tentar rectificar injustiças. Pelo contrário: só acirra. Max Planck, pai da teoria dos *quanta*, prevenia que é preciso esperar pela morte para convencer os detractores. Revisitei durante anos os maiores construtores da medicina, de Hipócrates a Fleming; todos, sem excepção, tiveram a sua via sacra. A todos o despeito não perdoo.

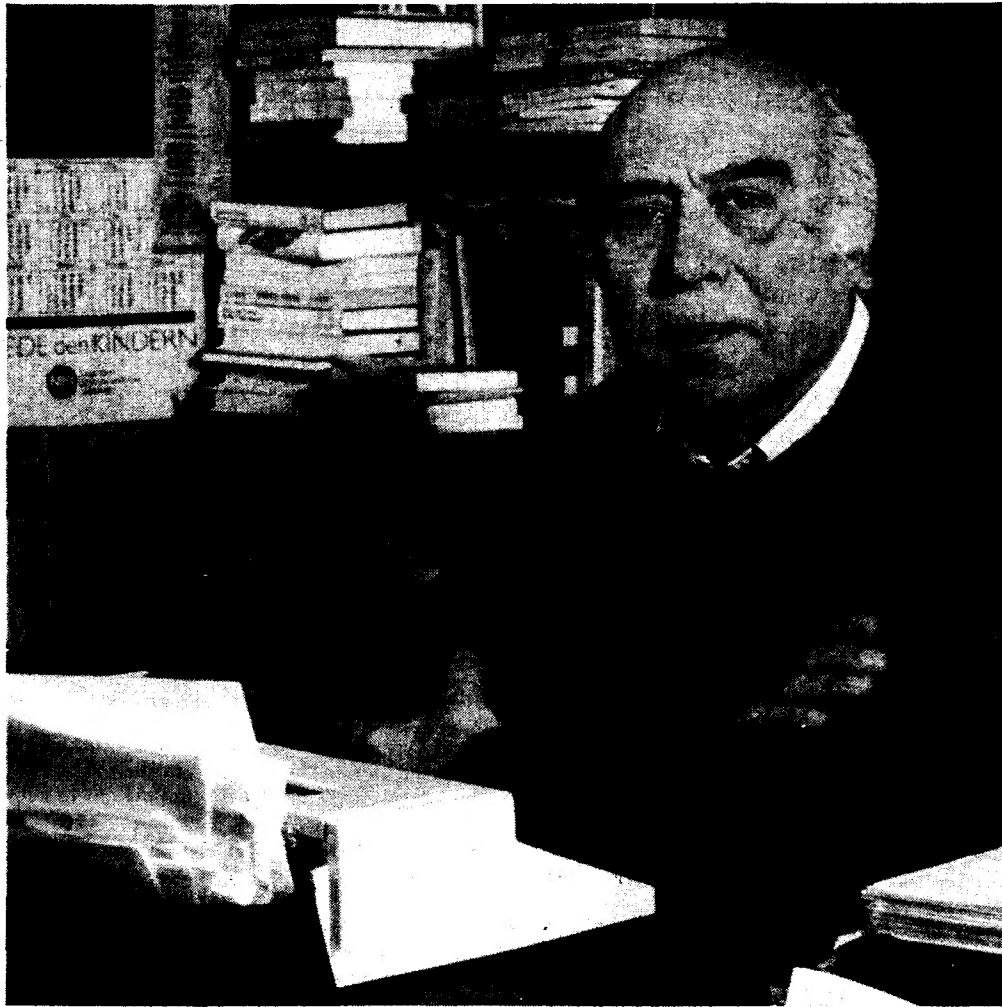
À a falar, pois, do que foi «representação» nestes Encontros de Lahti. Na maioria dos casos, é bem preferível conhecer as pessoas que admiramos apenas através das suas obras. John Updike, a propósito da inevitável decepção sentida face ao autor que nos merece estima, escreveu no seu *A Vida Literária*: «A presença física do escritor é a luz provinda de uma estrela que deixou de estar no sítio em que a víamos.» Eu teria dito antes: de uma estrela que se apagou.

Vou referir-me a uma dessas vedetas — o japonês Kobo Abe. Descobri-o há um bom par de anos, um amigo enviou-me um dos seus romances publicados em França. Abe é um escritor singularíssimo e fascinante, por muito que os seus heróis e climas nos sejam estranhos. Um grande escritor, talvez um futuro Nobel. Mas, a partir de Mukkula, voltarei a ser tentado a lê-lo? Duvido. A estrela deixou de estar no sítio em que eu a via.

Kobo Abe, para o termos aqui, exigiu ser acompanhado de um séquito: para cima de cinco acólitos, entre eles a mulher (jovem e muito bela) e o seu editor japonês. Uns tantos repórteres e fotógrafos privados. Uma organização, em suma, que incluiu um tradutor multifário, pois Abe só fala a sua língua. E, como vedeta, apartou-se da arraiamíada: nada de misturas com os seus confrades no mesmo hotel, nem um único contacto. Dormiu, comeu e bebeu não se soube onde. Apareceu de repente no relvado-tribuna, caiu-lhe em cima uma chusma de jornalistas, televisões, rádios, fotógrafos, o diabo a quatro, ele despejou a ladainha (convencional, monocórdica, sobranceira) e, com o mesmo efeito espectacular, saiu da cena para se enfiar num automóvel — sem mais aquelas.

A expectativa da sua presença e da sua intervenção era tão forte que o pobre de outro japonês, o discreto Isaku Yanaibara, se viu em assados com os jornalistas e os furiosos das *Kodaks*, até ele próprio sacudir dos ombros tão incómodo mal-entendido.

— Deixem-se disso. Eu não sou o Kobo Abe. Kobo Abe: um homem atarracado, que avança como para um ringue, um homem sem idade. Daremos uns sessenta anos, talvez mais, a Isaku Yanaibara, mas a Abe tanto acertaremos calculando-lhe quarenta como cinquenta e picos. Atarracado, cabelos de ouriço que lhe apanham a testa, óculos de lentes espessas, braços curtos, mãos de criança. Fuma, fuma. Os cigarros ininterruptos são em Bernard-Henri Lévy uma agressividade desesperada; em Kobo Abe parecem ser um complemento da palavra ou do gesto, um rito sem paixão. Fuma, quase alheado do que o cerca, enquanto o tradutor lhe passa as falas para finlandês. Talvez mais indiferença que alheamento. Mas esse fastio deve fazer parte do cerimonial. É que tudo se tornou solene desde que ele desceu do *manoir* até à mesa das conferências, ao ar livre,



como já se disse. Creio mesmo que os assistentes, apesar de raça indisciplinada, deixaram de corromper de banco em banco, deixaram de se reabastecer de cervejas, embora a sede tivesse começado cedo. Ninguém, afinal, é insensível ao aparato. O aparato pode ser ridículo — mas impressiona. Como, do mesmo modo, ninguém é insensível a alguns dos ardis ou despojos do cabotinismo. Reagimos, mas acabamos por ingerir a iguaria que nos é imposta.

E, no entanto, o que Kobo Abe está a dizer é banal e flagrantemente cuspidor de uma *cassette*. Ele já repetiu aquela receita (às vezes há um resalto de ironia ou amargura no que lhe ouvimos, sem que porém o rosto o actue) em dezenas de circunstâncias e, pelo menos, em meia dúzia de países. É que tudo, além de solene, parece mecanizado: o tempo de cada «bloco» verbal entre duas pausas, a fim de dar entrada ao tradutor, as ocasiões em que um dos fotógrafos lhe salta à frente para mais um disparo, o olhar longínquo pairando sobre uma plateia para ele inexistente (o mesmo se irá observar em Henri Lévy), a cadência dos cigarros, o encontro e desencontro dos dedos atarracados.

A literatura como linguagem universal? Nada disso consta do discurso de Kobo Abe. O tema em questão será para os outros. Abe veio para se biografar. A infância, a escola (tropelias, castigos, anedotas), as piscinas onde nadou, o Japão de ontem, o Japão de hoje, a descoberta do mundo, a literatura como instrumento e veículo dessa descoberta. Ele, sempre ele. A anatomia do seu acto criador. As vezes bastam-lhe três palavras para exprimir uma ideia, outras anda perdido num labirinto vocabular, esquivo e metafórico, sem lhe achar a porta de saída. O seu local de trabalho? Um covil no subsolo, à prova de ruído e de intrusos — fechado do mundo para melhor se lhe abrir. Um escritor tem de ser um isolado. Mas essa fase precisa de ser precedida de um banho de convívio (convívio ou promiscuidade?), durante a qual, ele, Kobo Abe, «caminha sobre e através das fronteiras que as pessoas são». Convive, viaja, confronta. Amealha. E quando esse bomal se enche, ei-lo que regressa ao tal covil, para o digerir. No subsolo.

Kobo Abe não conhece línguas (ser poliglota serve apenas ao homem vulgar, sem personalidade vertebrada), mas isso não o limita e menos ainda o embaraça. Comunicar com as pessoas é *estar* com elas. Estar junto de alguém é já uma forma de permuta, de fusão, é vivência. *Estar*, importa mais

do que tudo o que convencionalmente se entende por comunicação. Abe, no seu covil do subsolo, continua a *estar*, pois é aí que ele, de verdade, assume o que lhe foi «comunicado».

Aliás, os grupos humanos densos representam o mais dramático bloqueio à solidariedade. As pessoas, nas grandes cidades, falam para ninguém e vivem em pânico. E se nada sabem dos outros, menos sabem de si próprias. São pessoas-*objectos*. Inumanas. No seu país como no resto do mundo. O grupo denso é agressivo e suicida. Destroí para sobreviver, até que, por último, destrói para não viver. Uma tentação de fim que está presente em tudo o que é vida degenerada. Etc., etc. Nem uma palavra de novidade. Todavia, essa novidade está nos seus livros.

E Kobo Abe volta às suas evocações, aos lances da sua carreira literária (no Japão, o escritor tem de ser uma espécie de feirante, exibido de livraria em livraria), à aventura dos seus livros correndo mundo. Mais fotógrafos, mais cliques de máquinas, gravadores. A fala calma e segura de Kobo Abe. O seu à-vontade entediado de homem que pediu ao mundo tudo o que tinha a pedir e esse tudo já lhe foi dado. Mas haverá algum criador para quem o que lhe foi dado cale a insatisfação do que ainda não criou?

Num dos dias seguintes, fomos excursionar até à mais velha igreja da Finlândia e, quando me saturei dos relatos históricos, vim cá fora desoprimir-me. Uma luz afogueada, mas doce, recortava o perfil dos arbustos. Havia, por assim dizer, um sucessivo prenúncio de crepúsculos, que acabavam sempre por ser adiados. Quando entrei no autocarro para tirar uma cerveja das reservas que nos acompanhavam para todo o lado (e eu que não gosto de cerveja!), dei com o japonês Yanaibara, que me precedera. E junto da cerca do presbitério fomos comentando a intervenção de Kobo Abe. Comentei-a eu, rectifiquei-me, pois Isaku Yanaibara fez de conta que nada se havia passado. Tudo o que lhe ouvi foi uma generalização: a literatura japonesa está em crise, como aliás em todo o lado. Livros aos montes, sim, mas são fogos-fátuos. Nada do que se escreve permanecerá. Palavras áridas, sem gente dentro. Daqui a cem anos, ou bem antes, a literatura desta época não será apenas uma lixeira de papel?

Um ceticismo assim logo fez apelo a várias referências. Por exemplo: ao temor dos Chineses por tudo o que seja falar no vazio, por tudo o que seja «desqualificar as coisas

em proveito das palavras». Há neurose no nosso crescente delírio verbal, na proliferação de símbolos que dia a dia nos afasta do concreto. Esse temor vão-no partilhando os intelectuais do Ocidente, aqueles que procedem a um impiedoso inventário da sua missão e do seu agir, partilhou-o um Roger Caillois da última fase. Há que ter presente o seu alerta contra o terrível fosso que, em nome da inteligência, se vai abrindo entre os homens e o mundo real a que é preciso retornar antes que seja tarde. Tal como os Chineses previram e receberam, temos feito nascer coisas que não existiam — mas coisas com que o homem nada lucrrou. E são a palavra e a escrita os instrumentos desse jogo de aprendiz de feiticeiro.

Algumas passagens do «testamento» de Caillois avivadas pela expedita memória de Yanaibara: «Procuo agora reencontrar a sageza anterior à minha travessia do oceano das palavras. (...) O terror começa sempre com a abstracção. (...) Não existem ideias novas; existem apenas ideias que incessantemente são recuperadas, renascendo, porém, sob formas cada vez mais complicadas e mais ininteligíveis.»

Isaku Yanaibara, especialista de literatura francesa, conhece bem a obra de Roger Caillois. E aconchegando ao pescoço a gola da gabardina, foi comentando, sempre na sua cortesia sisuda:

— A que assistimos hoje? Aquilo que Caillois definiu numa frase limpa: tudo se passa como se se quisesse opacificar o que, na origem, era pura transparência. A literatura formalista e hermética do nosso tempo é disso prova. Vemos o pensamento perdido do seu alicerce, tal a árvore cuja raiz perdeu o solo. E a literatura (talvez por cabotínice ou impotência) está a mergulhar a fundo nessa esquizofrenia, aturdida com a cancerígena multiplicação de signos e de mundos, que não têm substrato em qualquer realidade.

Quanto à responsabilidade da *intelligentsia* e a sua despoirada mas cínica tutela sobre as massas foi ainda evocado Jan Wacław Makhański, para quem os intelectuais são os «capitalistas do saber», os parasitas das ideologias, delas se servindo para a sua estratégia de dominação.

Curiosamente, o tema acabaria por ser enunciado (com alguma ligeireza) numa ou noutra espúria intervenção dos Encontros.

Eis mais um freguês da cerveja. Finlandês, tradutor. Também este se fartou dos discursos. Aborda-me com a afectuosidade que se explica por eu ser do país que tem uma ilha chamada Madeira. «Há dois paraísos na Terra», diz ele. «A Finlândia e a ilha da Madeira.» Ilhas, ilhéus, ilhotas, eis o seu refúgio preferido. Sobretudo aqueles salpicos de terra, com meia dúzia de árvores e um osso de pedra, que são aos cardumes nos lagos finlandeses. Ai, sim, pode viver-se — por enquanto. Sem telefone. Ou com telefone que não vem na lista. Mas que fazem os Finlandeses nesse quotidiano absurdamente solitário? Pescam, nadam (as águas dos lagos finlandeses não são poluídas), cumprem o rito do sol, o corpo imóvel recebendo-o em êxtase, bebem. Têm um diálogo secreto com a Natureza, que nunca é monótono, nem repetido, nem conclusivo. Procuram *ser*. Procuram ir cada vez mais ao fundo de si próprios, onde há sempre uma riqueza por explorar.

E Leena? Leena, terminado o número de Kobo Abe, disse-me assim: «Envelhece-se.» E explica logo a seguir: «Ouvi-o de cabeça azamboada. Isto é: vi-o e não o ouvi. Estive a beber uísque e conhaque até às duas da manhã e sinto-me meio adormecida. Ora, dantes, bebia até às tantas, e o dobro do que bebi a noite passada, mas no dia seguinte estava logo pronta para outra. Agora, não. Só a partir do meio-dia me sinto acordada. Envelhece-se, em suma. E não há nada a fazer.»

Depois Leena mudou de repente de conversa. Porque se divorciam tanto os Finlandeses? Em primeiro lugar, porque não há amor entre eles. O amor é um sentimento em vias de extinção. Há o hábito, há o sexo, há o cálculo. Em segundo lugar porque, invariavelmente, o homem acaba por encontrar uma mulher mais jovem, que diz admirá-lo muito, e eles poderão resistir a tudo menos à lisonja. Os homens precisam de ser admirados, isso toca-lhes na sua necessidade vital de afirmação.

— Quantas vezes se casou já, Leena?

Ela responde com displicência:

— Três.

Pareceu-me que a resposta fora um tanto ao acaso. Disse

três como poderia ter dito quatro ou cinco. Um dos presentes chama-me de lado. Ele conhece bem Leena, Leena pisa o risco muitas vezes. E um dia o marido fez-lhe notar em voz alta, a fim de pôr cobro aos seus excessos: «Lembra-te que és uma senhora.» Ao que ela retorquiu: «Pois sou. Mas uma senhora finlandesa.»

Fernando Namora

Americanos em Paris entre as duas guerras: uma das razões porque a capital francesa era a sua eleita, era porque saía mais barato às famílias dos escritores mantê-los ali do que em Nova Iorque, devido ao câmbio favorável para o dólar.

Hemingway & Companhia, ou a Paris da geração perdida

Um escritor americano residente em Paris desde 1977, John Taylor, segue as passadas de Hemingway, Pound, Fitzgerald, Miller na cidade em que viveram nos anos 20 e 30. Uma porteira diz-lhe que viu Pound nu de vela na mão, uma livreira conta como o autor de *Por Quem os Sinos Dobram* libertou as caves do hotel Ritz, uma hervanária lembra-se de o ter visto esvaziar de um só trago uma enorme garrafa de tinto, em plena Praça da Contrescarpe.

GERTRUDE Stein não conseguia fazer arrancar o seu velho Ford. Aconteceu que o mecânico chamado para o reparar era particularmente incompetente. Ela queixou-se então ao patrão garagista, que deu uma repreensão ao rapaz nos seguintes termos: «*Vocês são uma geração perdida*». A Hemingway, que veio visitá-la ao 27 da Rue de Fleurus, Stein comentou assim o incidente: «*E como vocês todos. Vocês, os jovens que fizeram a guerra, são uma geração perdida. Não respeitam nada*». Tinha, assim, nascido o termo que iria designar toda a geração de escritores americanos vindos instalar-se em Paris depois da Primeira Guerra Mundial.

O bonito pavilhão branco da Rue de Fleurus, que ainda hoje lá está, à direita quando se entra no pátio interior, albergou o famoso salão literário de Stein. Sherwood Anderson, já conhecido por *Winesburg, Ohio*, foi ali recebido em 1921. Um ano mais tarde, Hemingway, com uma carta de recomendação na mão (escrita, exactamente, por Anderson) começou ali as suas «lições de prosa».

Lições de boxe

Também foi ali que Ezra Pound, durante uma muito viva discussão, caiu do pequeno fauteuil preferido de Gertrude Stein, o que lhe valeu a tenaz hostilidade da proprietária. Ela achava que Pound não era «divertido», como escreveu na sua *Autobiografia de Alice Toklas*. «Ele era aquele que, numa aldeia, sabe explicar tudo, o que é maravilhoso quando se está numa aldeia, senão, não» (1).

Hoje, quando os nossos amigos próximos vivem nos quatro cantos de Paris, é espantoso constatar que os escritores da geração perdida moravam todos uns ao pé dos outros. A cinco minutos a pé de Gertrude Stein, no 70 bis, à Rue Notre-Dame-Des-Champs, Pound alugou uma espécie de anexo mobilado, situado num pátio cujas estatuas, espalhadas por ali no meio de uma vegetação invasora, dão a mesma impressão de desordem — agrada ou não aos poundianos — que os *Cantos* propriamente ditos, que aliás foram escritos nesse décor, em grande parte. «*Sim, conhecia-o*», explicou-me a dama sobre quem caí quando procurava identificar o que foi o apartamento de Pound. «*E uma noite — devia ter então dezoito anos — vi-o todo nu, com uma vela na mão, lá em cima, aquela janela!*»

Mostrou-me o reduto imediatamente por cima do apartamento de Pound, o quatinho que ele propunha aos seus amigos. (O poeta William Carlos Williams, chegado a Paris em 1924,

preferiu-lhe no entanto o hotel Lutécia). Era no rés-do-chão que Ezra Pound corrigia os manuscritos de Hemingway, em troca de algumas lições de boxe. Foi também ali que Pound encurtou consideravelmente a *Waste Land*, que T.S. Eliot tinha vindo trazer-lhe, e que o poema adquiriu a sua fisionomia definitiva.

A partir de 1924, Hemingway passou também a habitar na Rua de Notre-Dame-des-Champs, um pouco mais acima, no 113. Ainda existe a padaria onde comprava o seu pão, no 110, e pode-se entrar nela pelas traseiras, como ele próprio fazia (a entrada principal está no 151 bis do boulevard Montparnasse).

Algo me diz que Hemingway tinha um fraco por «religiosas», esse bolo que a padaria ainda fabrica e que é excelente. No *Paris é uma Festa*, Hemingway, notório guloso, menciona diversas delícias da cidade, impossíveis de encontrar nos *States*, ou pelo menos no *Middle-West*, de onde vinha um número espantosamente elevado destes expatriados. Ele gostava de ostras, de endívias e sobretudo de tangerinas. As tangerinas representam ainda, para o americano contemporâneo, um dos prazeres da França.

Em vez de subir o boulevard de Montparnasse em direcção ao de Raspail para alcançar os grandes cafés literários da época — o *Coupolet*, o *Select*, o

Dôme ou o *Rotonde*, Hemingway preferia seguir o caminho oposto, para Port-Royal, até à *Closerie des Lilas*, onde se encontrava com Scott Fitzgerald ou com John Dos Passos e onde podia trabalhar tranquilamente. Era o *Dôme* que sobretudo frequentavam os escritores americanos, fossem jovens à espera de uma primeira publicação, falhados ou autores de sucesso como Sinclair Lewis, que vinha ali pavonear-se e dizer a toda a gente que escrevia como Flaubert.

Para além dos seus atractivos culturais, Paris oferecia aos americanos álcool em abundância, e é preciso ter em conta que a proibição, nos EUA, durou de 1919 a 1933. Para mais, os costumes parisienses eram muito livres, comparados com os da América do Norte e, sobretudo, os do *Middle-West*. E no entanto, os escritores americanos viam à margem da sociedade francesa, não frequentando senão o meio artístico, e as suas obras não dão, a não ser muito raramente, uma imagem fiel da vida francesa da época. A vida de expatriados que levavam era o assunto da sua predilecção. Eles próprios se encontram, sob os traços deste ou daquele personagem, nos romances dos seus amigos ou dos seus inimigos. E, neles, os parisienses geralmente não passam de figurantes, postos ali por causa do toque folclórico.

Entre estes escritores, um há que é excepção a este estereótipo: é Henry Miller, que se instalou em Paris em 1930. A Paris de Miller estende-se bem para além do território privilegiado de Hemingway Companhia. De uma curiosidade insaciável, Miller, que se debatia para sobreviver, explorava tanto Clichy como a Place d'Italie, como a Rua Mademoiselle, no XV bairro, onde veio a encontrar uma «madona das san-

duíches», ou como a Cité Nortier no XIX, «a coisa mais bizarra que aqui descobri», diz ele, e a *villa Malakoff*, no XVI, ou ainda as periferias operárias. Além disso distanciava-se de Paris e ia a Louveciennes, para visitar Anaïs Nin.

Quando Miller se instalou em Paris, o dólar trocava-se a 22 para um, e também durante os anos 20 o câmbio não deixara de ser favorável aos americanos. Para a família de um escritor, era, pois, mais barato mantê-lo em Paris do que em Nova Iorque. Quando o dinheiro faltava, isto é: quando passavam pelo

American Express da Rua Scribe e o vale de correio ainda não tinha chegado (os expatriados encontravam-se ali ainda com mais frequência do que no *Dôme*), acontecia-lhes saltarem uma refeição e irem esquecê-la para o Jardim do Luxemburgo, longe dos odores suculentos das pastelarias e dos restaurantes dos arredores.

Jejuns forçados

Assim fez Miller. Quanto a Hemingway, pretende que matou à fissa pombo do jardim e os levou para casa debaixo do casaco. No *Paris é uma Festa*, ele propôs aos que se iniciavam nos jejuns um itinerário que lhes permitia — e ainda permite — ir do Jardim do Luxemburgo via rue Férou até aos 12 da Rue de L'Odéon, onde ficava a livraria Shakespeare Co., evitando as mercearias do bairro.

Da vida dos expatriados americanos em Paris sobram pouco indícios que comovam. Entre eles, há o pequeno quarto que Hemingway alugou para trabalhar em 1922, no último andar do hotel em que morrera Verlaine, no n.º 39 da Rue Descartes, e é esse o meu preferido. Ainda se continuam a escalar os sete andares e poucas coisas ali devem ter mudado. Em cada patamar à *toilettes* à turca; os degraus dão de si perigosamente, guincham e flectem tanto quanto deviam fazê-lo no tempo de Hemingway, que não era pequeno nem leve. A subida pela estreita escada termina abruptamente: fica-se no último patamar, com uma única porta, a do quarto que foi do escritor.

O seu apartamento, na época, ficava perto dali, no n.º 74 da Rua Cardinal-Lemoine, ao lado da praça da Contrescarpe que ele descreve nas *Neves do*



Lemos para si

Os Adeuses, de Juan Carlos Onetti, ed. Relógio d'Água, col. Ficções, trad. Hélia Correia.

Kilimanjaro e em *O Sol também se levanta*. À esquerda da entrada do edifício, existia então uma casa de bailes, hoje a discoteca *Le Rayon Vert*. À direita, um dos locais propostos para o Café dos Amadores, esse café «triste e sujo, onde os bêbedos do bairro se aglutinavam». «Nunca! Nunca foi aqui!» exclamou a dona da hermanária que agora ali está: «Ele queria dizer era a cave do outro lado da rua, onde iam buscar vinho aos tonéis. Um dia vi Hemingway, com uma grande garrafa de tinto em cada mão, beber uma delas de uma só vez!»

Hoje, um pouco mais abaixo, na Rue Mouffettard, cuja animação encantava o escritor, há um cafezinho, ponto de encontro de vagabundos, que corresponde ponto por ponto ao café descrito em *Paris, é uma festa*.

Alguns expatriados viviam na margem direita, embora a actividade literária se concentrasse em volta do *Dôme*, na margem esquerda.

No n.º 2 da Avenida Montaigne, junto à ponte de Alma, vivia Sinclair Lewis. Zelda e Scott Fitzgerald tinham-se estabelecido ao lado do Arco do Triunfo, no n.º 14 da Rua de Tilsitt, num apartamento que Hemingway classificou de «lúgubre e mal arejado» e cujo mobiliário, uma imitação do estilo Luís XVI, provinha das Galeries Lafayette (supermercado relativamente barato). Voltaram a Paris anos mais tarde e instalaram-se desta vez, no XVI bairro, no n.º 10 da Rua Pergolèse. Quando se recorda a vida dos Fitzgerald nessa altura — a esquizofrenia de Zelda, o falhanço de Scott, os seus esforços vão para poder escrever todos os dias — a vista daquela fachada assustadora só dá vontade de apanhar depressa o metro mais próximo, que é o da Porta Maillot.

Libertar o Ritz

Na margem direita havia também o Ritz, o bar do Ritz, proverbial porto-de-abrigo de Hemingway e de Fitzgerald quando ficou estabelecida a notoriedade do primeiro. Na verdade, Hemingway pretendia sempre que tinha pessoalmente libertado o Ritz durante os combates de rua pela libertação de Paris. Mas a versão que disso dá Sylvia Beach, proprietária da Shakespeare Co., segundo a qual Hemingway teria libertado as caves do Ritz, está sem dúvida mais perto da verdade. Carlos Baker, biógrafo de Hemingway, conta que o escritor chegou ao Ritz no meio da batalha e, encontrando-o quase deserto, reclamou imediatamente uma suite para si próprio e quartos no bairro para o seu «exército pessoal».

A seguir terá encomendado cinquenta martinis. No dizer do barman do Ritz, que oficia no actual Hemingway Bar do Ritz, haverá aqui algum exagero, porque o escritor bebeu, sozinho, um só copo.

Seja como for, Hemingway saboreava a sua felicidade. Dias antes, na arrancada para Paris, ele tinha parado num qualquer ponto alto para contemplar a cidade. «Sentia a garganta estranhamente apertada», escreve ele no seu artigo de correspondente de guerra do *Collier's*. «E era tempo de limpar os meus binóculos, porque lá em baixo, cinzenta e sempre bela, estendia-se a cidade que mais amo no mundo».

John Taylor

No final da edição portuguesa de *Los Adioses*, um post-faciador alemão, Wolfgang A. Luchting, interpreta a novela, escrita em 1954, por Onetti, um pouco como se o texto fosse de natureza policiária: naturalmente que *Los Adioses* fornece o que parece ser a chave principal da situação que cria, esclarecendo de modo «surpreendente» a relação entre o doente que recusa o comportamento e os modelos de vida dos internados no sanatório e as duas mulheres que ali o visitam e com ele trocam correspondência. No entanto, essa «chave» é fornecida indirectamente, por meio de um acto doloso do narrador: ele viola a correspondência que circula no trio e descobre-a aí: e a sua descoberta é de molde a transfigurar o triângulo amoroso que se tornou na *bête noire* local. O narrador prefere calar o seu segredo, e assim a imagem daquele homem e daquelas duas mulheres permanecerá a que foi criada pelos «líderes de opinião» que com eles se foram cruzando ao

longo da narrativa.

Além disso, será a «chave» crível em si mesma? Ou estará viciada, será produto de um equívoco da mulher que escreve a carta violada? Eis o problema levantado por Luchting.

O próprio Onetti alimenta esta questão: numa nota final, intitulada «meia-volta de taraxa», ele comenta o comentário de Luchting, que sabe ter sido escrito em Lisboa. E diz: «depois de ler inevitáveis interpretações críticas e escutar em silêncio numerosas opiniões sobre *Os Adeuses*, compreendi que me esquecera de dar uma volta de taraxa, talvez indispensável. Eis que aparece agora em Lisboa Herr Wolfrang Luchting (...) e aventura, surpreendentemente, uma meia volta de taraxa que nos aproxima da verdade, da interpretação definitiva. Mas continua a faltar uma meia volta...»

Para Onetti, «vamo-nos aproximando» da verdade da história. Mas esse movimento, necessário e significativo, não conduzirá a nada, como o movimento nos paradoxos de Zenão. Ou então conduzirá, como os célebres caminhos de floresta abertos pelos lenhadores, a um lugar irrelevante onde o acontecimento já se passou. O «fim da

história» comporta saídas insuspeitadas. O leitor que a termine, se não a quiser aceitar como acabada. E essa busca só interessa como jogo, nada tem de essencial para a narrativa propriamente dita, apesar de patente e convidativa. É nesse jogo que Luchting entra, e Onetti atrás dele, para impedir que ele termine, para deixar nova hipótese em aberto. Assim, a novela contém um fecho, mas o fecho transforma-se num adereço em *trompe l'oeil*; o valor do indício que a encerra é posto em dúvida, e assim se sugere que quaisquer outros indícios, sempre por vir, serão igualmente suspeitos.

Luchting identifica a genealogia desta explosão de finais, de futuros narrativos: cita Vargas Llosa, Cortázar, Burroughs, invocando uma tradição de ambiguidade que visa ampliar a imaginária intervenção do leitor no próprio texto. Onetti seria um especialista deste golpe, um autor de «novelas com truque».

A importância de Onetti estará, igualmente, nisto de ele tratar com uma realidade que está fatalmente truca — e de tratar com ela desdramatizadamente, como se a trucação não tivesse senão a importância relativa das coisas

com que somos naturalmente obrigados a viver. O real seria, assim, predominantemente constituído por *duplicados* de si próprio: por causa da polivalência dos seus sentidos, da falibilidade dos pontos de vista de quem o narra (mas não é a falibilidade dos pontos de vista que interessa, e sim a sua eficácia)... e finalmente devido a essa espécie de duplicidade que Camus trabalhou, e acerca da qual disse que «não estamos senão mais ou menos em todas as coisas», sem no entanto negar o empenhamento.

De algum modo, e por último, Onetti faz lembrar o Lowry de «Debaixo do vulcão»: no doente de *Os Adeuses* há a obstinação suicidária e um tanto irónica do «cônsul» tratada como a *derradeira coisa que merece ser levada a sério*. O texto não é, no entanto, «pessimista», nem se deixaria incomodar por qualquer moral. Ele trata, pelo contrário, como *O Estaleiro* ou *Deixemos falar o vento*, do método de observar as coisas, hesitando — e essa hesitação é fascinante em Onetti — não entre o ser e o parecer, mas entre pareceres que se vão misturando, contradizendo, completando em direcção à complexidade.

J.M.

Obras poéticas de Lermontov, versão francesa na Age d'homme

Uma paixão russa para quem lê francês: a editora *Age d'homme* acaba de publicar, sob a direcção de Efim Etkind, as «Oeuvres Poétiques» de Mikhail Lermontov. Aqui publicamos a resenha que Hubert Juin lhe dedica esta semana no «Le Monde».

PERSONAGEM enigmático, este Mikhail Lermontov. Os seus contemporâneos deixaram dele retratos contraditórios. Para um, é um brigante; par outro, um sonhador. Um mundano, um solitário, ninguém está de acordo sobre ele. Talvez seja preciso aceitar Lermontov nessa contradição, e procurar nas obras que assinou o reflexo do que foi. E o que sem dúvida foi, foi um impaciente.

Em França já se conhecia dele o famoso romance *Um herói do nosso tempo*, traduzido em 1926 e aproveitado pela *Pleiade* para o volume consagrado a ele próprio, Puchkine e Griboiedov. O termo «herói» deve ser lido, aqui, com desconfiança. E o autor, no prefácio (posterior ao romance) explica porquê, escrevendo: «É um retrato, não de um único homem, mas dos vícios de toda uma geração.» Que geração? A que seguiu a dos que falharam o levantamento militar de 14 de Dezembro de 1825 contra a autocracia. Os dezembristas, como foram chamados, «aprisionaram», com o seu falhanço, toda a geração seguinte, de quem se pode dizer que, em vez de «perdição», foi bloqueada e desfeita.

Os poemas de Lermontov, enfim revelados e acessíveis, retomam o tema. Na célebre *Duma* ou *Meditação*, um dos seus textos mais conhecidos, lê-se:

Minha geração! vejo a tua morna estrada

Enterrar-se tristemente no sombrio futuro,

Enquanto sob o facho do saber e da dúvida,

Minha geração! Envelheces sem agir...

É um tema quase constante em Lermontov, a cólera contra os mundanos de São Petersburgo e contra a vida civil do seu tempo:

Oh, como eu desejaria incomodar o seu ímpeto

E deitar-lhes à cara um poema antigo
Mergulhado em ódio e amargura
escreve ele num poema de 1840.

Lermontov tinha escrito poemas desde a sua infância. Depois passou ao teatro, atento ao trabalho de Griboiedov. Fez *Mascarada*, uma peça em verso que a censura se obstinou em poribir. Então sobreveio um acontecimento capital: a morte de Puchkine, num duelo, em Fevereiro de 1837. Puchkine era a um tempo o modelo e o inimigo. Era impossível não o seguir, e necessário ultrapassá-lo. O empreendimento de Lermontov está aí, nesse confronto que o espicava e satisfazia. Toma-se célebre de um dia para o outro publicando o poema *A Morte do Poeta*, em que ataca os estrangeiros e os cortesãos. O poema faz um barulho tal que Nicolau I enviará esse sub-oficial de 23 anos, que serve num regimento de husardos da guarda, para o exército activo, no Cáucaso, por um ano.

Em 1840, novo escândalo: Lermontov provocou em duelo o filho de Prosper de Barante, embaixador da França. Novo e definitivo exílio no exército do Cáucaso, como tenente de Infantaria. E é aí que Lermontov, à semelhança de Puchkine, cai ferido de morte num duelo devido a razões fúteis. Foi em



Retrato de Lermontov por Gorbunov

tov provocou em duelo o filho de Prosper de Barante, embaixador da França. Novo e definitivo exílio no exército do Cáucaso, como tenente de Infantaria. E é aí que Lermontov, à semelhança de Puchkine, cai ferido de morte num duelo devido a razões fúteis. Foi em

Julho de 1841. Tinha 27 anos. Em cinco anos, Lermontov tinha ganho a sua aposta: ocupara o lugar deixado vago pelo Poeta e tornava a poesia impossível, por um longo lapso de tempo!

Agora é possível conhecer as suas obras poéticas. Sob a direcção de Efim Etkind, uma equipa de tradutores, que já tinha vertido Puchkine para francês chamou a si a tarefa de o tornar, também, «audível» — porque o som é nele muito importante. Etkind não hesitou em reproduzir as tentativas anteriores quando elas se revelaram decisivas. Assim se encontram, nesta edição, versões de Henri Grégoire, tradutor belga de 1918. Outra coisa, para terminar: sabe-se que a poetisa Marina Tsvetaieva, que viveu em França de 1925 a 1939, era inteiramente bilingue. Sabe-se que, no fim do seu exílio e nos primeiros tempos do seu regresso à URSS, verteu poemas de Lermontov para francês. Tinha-se-lhes perdido o rasto. Um milagre permitiu a Etkind encontrá-los, e é esta a primeira vez que eles são publicados. Marina Tsvetaieva tinha sobretudo traduzido *Minha pátria*, o poema em que Lermontov confessa o seu amor pelo país natal, recusando-se ao mesmo tempo a adorar a magestade do Estado e a reconhecer a Rússia do imaginário oficial. Ela maravilha-o como é,

Ao ver dançar e beber
Teus doces e simples camponeses.

Henri Grégoire, traduzindo o mesmo texto, tinha introduzido nele «os clamores dos ébrios mujiques», o que parece mais ajustado ao tom de Lermontov, submetido, sob o «tsar», aos interditos da censura, como se tivesse vivido na época de Estaline.

H. J.

A Paleontologia por Yvette Gayraud-Valy

Na colecção «Cadernos Culturais» da Inquérito, com o n.º 118, foi agora publicado o estudo de Yvette Gayraud-Valy: «A Paleontologia». A autora, especialista de re-

conhecido mérito, é investigadora no «Centre National de la Recherche Scientifique», de Paris. Em 136 páginas, nos sucessivos capítulos aborda os temas: «O que é a Paleontologia?», «Os Materiais da Paleontologia», «As Técnicas de Estudo», «A Paleontologia e as Ciências da Terra», «A Paleontologia e as Ciências da Vida», «Contribuições da Paleonto-

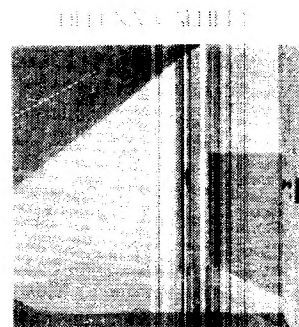
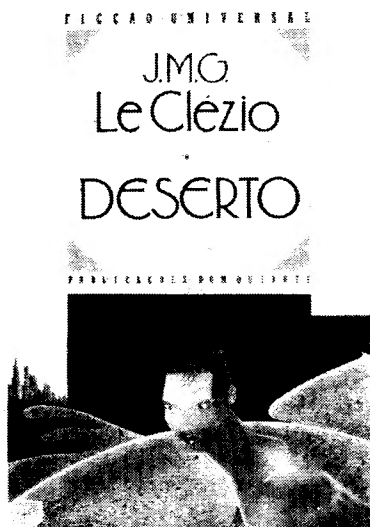
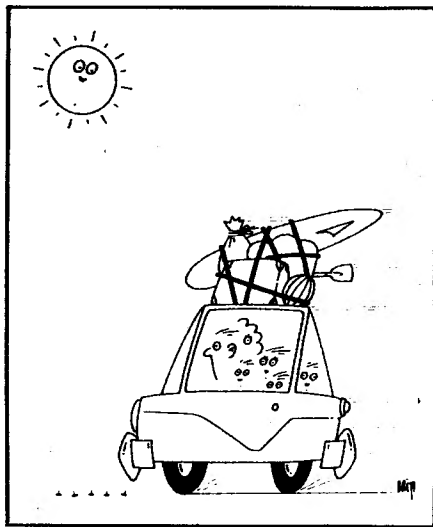
logia para a Investigação Aplicada e Indústria», «A Paleontologia e a Arte», «A Epopeia da Paleontologia».

Na conclusão deste volume Yvette Gayraud-Valy escreve: «Ciência do passado... ciência do futuro. Definida pelo passado, a paleontologia conduz necessariamente ao futuro, fazendo a ligação entre ambos atra-

vés do significado que confere ao presente, do qual desvenda o dinamismo. É uma ciência que nos dá acesso à totalidade da nossa aventura biológica.»

Uma pequena mas criteriosa Bibliografia completa este interessante «Caderno Cultural». Edição Inquérito, Lisboa, 1986.

Acabados de chegar



Deserto, J.M.G. Le Clézio, ed. Dom Quixote, Ficção Universal.

Os árabes em França? Para além dos casos de polícia e da xenofobia, toda uma outra história, a história da emigração árabe, da nação árabe. J.M. Le Clézio começou por ser o menino-prodígio e o *enfant terrible* das belas-letas francesas contemporâneas. Hoje, com 46 anos, tornou-se num desses escritores sólidos em cujas ficções avultam saberes — quer dizer: num desses escritores que associaram à sua ficção o progresso de um ou mais saberes específicos. Pense-se na botânica e no *Finisterra* de Carlos de Oliveira como exemplo deste caminho. Em *Deserto*, o saber que progride é o da desgraça árabe: a pobreza, o quase suicídio colectivo, mas também os nomes, o que há de inebriante na oração, o que há de dignidade humana e de perversão no orgulho que subsiste para além dos martírios sucessivos. Por isso são singularmente ajustados os resumos correntes que a Imprensa tem divulgado sobre «a história» contida no texto: vem de um povo despido de tudo a rapariga chamada Lalla, que emigra para Marselha e se torna empregada num hotel de submundo, porque o submundo europeu corresponde a uma esfera social mais elevada do que a do Magrebe. Lalla tornar-se-á depois cover-girl, subindo (saltando) na pirâmide das imagens sociais da França contemporânea. *Deserto* foi publicado em 1980 e por ele Le Clézio recebeu o prémio Paul Morand, da Academia. Significou então um grito prolongado e algo dilacerante pelos árabes, numa altura em que a questão do racismo e das minorias se agudizava fortemente.

A saga que se inicia em Saguiet El Hamra, no Inverno de 1909, contém páginas de grande beleza, que talvez só pudessem ser escritas por um europeu culpabilizado, desejoso de reconhecer a grandeza daqueles que os seus próximos mais desdenham. A prosa de Le Clézio é, aqui, frequen-

temente, um rio majestoso e ao mesmo tempo íntimo, cujo fluir, marcado por uma espécie de fatalidade, é também observado com rigor.

Tradução de Fernanda Botelho.

Histórias inquietas, Joseph Conrad, ed. Assírio e Alvim. col. O imaginário

Sobre a escrita com a mão esquerda têm corrido muitos autores...depois de Conrad. Com frequência, essa produção esquerdina parece fadada para o exercício de pactos demoníacos. Curiosamente, Conrad refere-se a um dos contos que compõem esta colectânea numa alusão a essa dualidade *dextra/sinistra*, que estamos longe de entender de outro modo que não seja referente a algo que conhecemos insuficientemente, e que pulsa no registo do segredo:

«...O *Regresso* é um produto da mão esquerda. Ao relê-lo recentemente, tive a impressão de estar sentado sob um caro e enorme guarda-chuva e debaixo do sonoro martelar de um furioso aguaceiro (...) Deixou-me mentalmente mudo para o resto do dia, não propriamente pasmado mas com uma espécie de encantamento sombrio.»

De que excessos, de que actividade em pura perda é responsável a mão esquerda?

Entre dois outros contos, Conrad diz que houve simpatia de aparato, como se também o utensílio com que escreveu fosse determinante na criação do *corpo* narrativo.

Durante muito tempo, ao lermos estas intimidades de Conrad sobre a sua própria escrita, sentimos relutância em aceitá-las como princípio de explicação dos *acontecimentos soberbos* que são muitos dos seus textos. Tanto mais que Conrad é também useiro e vezeiro em acudir, com a autobiografia de cada vez que, a pedido de um editor, prefaciou, *releu* o que escrevera. A coisa funciona, porque ainda por cima a sua biografia exulta

em viagens, e ele disfarça os seus motivos em evocações algo exóticas.

Agora, cremos que vale a pena reler atentamente anotações como aquelas sobre a *sinistrade, os apuros*...A escrita de Conrad está tão próxima do corpo, é tão física, que esta família de reparos constituirá porventura um caminho seguro para um maior «prazer do texto».

Tradução de Carlos Leite.

Papisa Joana, Emannuel Roydis, uma biografia romântica, prefácio e notas de Lawrence Durrell, Moraes. col. Círculo de Prosa.

O Ler/Escrever publicou na sua secção No Prelo o prefácio de Durrell a esta «obra-prima de humor e irreverência», biografia romaneada de uma mulher que terá chegado a Papa por artes maléficas, vindo a morrer em trabalho de parto, em plena praça pública. Roydis, ignorado pela Igreja Católica, foi excomungado pela Ortodoxa, que nunca lhe perdoou o cometimento. A versão portuguesa é do nosso colaborador Mário Avelar.

O Papa João VII morreu, viva Joana!

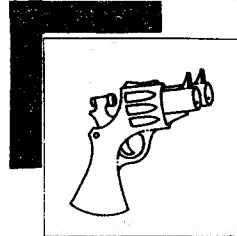
A bela portuguesa, Agustina Bessa-Luís, ed. Rolim, col. Aleph.

Ao lançamento do livro, e à estreia iminente da peça referimo-nos na semana passada. A autora admite que só excepcionalmente se aventurou em terreno teatral. A peça trata de máscaras, da mentira. Um dos personagens diz que «mentir é a coisa mais importante da vida de nós todos. Cada pessoa que se preza tem uma estratégia, um estilo até, para a mentira que vai escolher. Escolhe-a de forma mais cautelosa do que escolhe uma profissão, ou um amigo, ou a água que bebe».

Balada do Café Triste, Carson Mc Cullers, ed. Relógio d'Água, col. Ficções

José Rodrigues Miguéis, tradutor de parte das obras de Mc Cullers, considerava esta pequena novela «o caso mais impressionante da actual literatura norte-americana». Entusiasmo semelhante manifestou Tennessee Williams. O texto é a história de combate entre Miss Amélia e Marvin Mace, regressado da prisão para vingar a humilhação de por ela ter sido, em tempos, repudiado. Marvin transformara-se num criminoso depois do seu casamento falhado com Amélia, casamento que apenas durara dez dias.

Quatro anos depois do combate, Amélia mandou entaipar o café que herdara de seu pai e o estabelecimento não mais abriu.



Crimes à rédea solta, Rusty Brown, ed. Ulmeiro, col. Policial.

«Rusty Brown» publicou anteriormente *Crimes à Pressão*, Os crimes do Rouxinol. Um crime a 60%, e Um crime plagiado. Aqui, o detective começa a encontrar na sua própria cama a loura explosiva Bloody Mary — aquela que tem um irmão, Tom Collins, e uma irmã, White Lady, e que é uma apaixonada por livros históricos de carácter pornográfico, sobretudo quando são aos quadradinhos. Esse encontro marca o destino como o destino marca a hora. Terrível enredo em que intervêm, entre outros, o político Smoky Face, o provador de vinhos Stich Winy, dois

gangsters, o mordomo Silver, o fotógrafo Marcus Focus...

A morte das imagens, Helena Malheiro, ed. Ulmeiro, col. Imagens do corpo

É a segunda ficção publicada por Helena Malheiro, que começou por ganhar o prémio Revelação do Ensaio da Secretaria de Estado da Cultura, em 1980, com «Os amantes, ou a arte da novela em David Mourão-Ferreira». Depois, em 1984, a Rolim publicou o seu conto «Dédalo». Na apresentação pública do livro Mourão-Ferreira viria a dizer que se trata não da estreia de uma recém-chegada ao mundo das letras, mas do enraizamento de um novo talento e a confirmação de uma escritora.

Objecto Quase, José Saramago, ed. Caminho, col. O Campo da Palavra

É a terceira edição de uma colectânea de seis contos: *Cadeira, Embargo, Refluxo, Coisas, Centauro, e Desforra*. Numa frase, Saramago alude aos conteúdos destas ficções: «O ditador caí duma cadeira, os árabes deixaram de vender petróleo, o morto é o melhor amigo do vivo, as coisas nunca são o que parecem, quando vires um centauro acredita nos teus olhos, se uma rã escarnecer de ti atravessa o rio. Tudo são objectos. Quase».



O eu nos outros

ELA falou durante horas, sentada à minha direita, pela noite dentro. Eram pequenas histórias em cadeia, nomes de várias cores, situações quentes do sul. Dizia-me de quando em quando: «Você é do norte, um homem frio, talvez me ache disparatada...» Eu tocava-lhe no ombro: «Continue...» À pequena mesa redonda da minha casa grande, entre vinho e café, sob uma lâmpada sumida no tecto alto, ela foi erguendo um entrançado de milhares de pormenores que a vestiam de sons dos pés à cabeça. Por duas ou três vezes lhe beijei a nuca, o pescoço, os ombros. Ela afastava a minha súbita ternura com mãos delicadas, eu voltava à minha cadeira — e mais histórias lhe saíam dos lábios

finos, queimados de sol, numa cadência que só os rios têm ao longo das margens... Uma vez ou outra, num momento de entusiasmo, os joelhos dela tocavam os meus por debaixo da mesa. Eu tomava-lhe as mãos. Mas logo retomava a palavra, soltando uma grande solidão agarrada a pequenos nada, como erguendo um vidro entre nós dois. Era isso, era: um vidro que ela desejava que não fosse quebrado. Eu que a contemplasse, lhe sorrisse, a escutasse até à última gota. Tinha uma voz nítida, rica de acentos, sabendo sublinhar factos que a tinham impressionado de uma maneira ou de outra. «Que horas são...?» — perguntou-me num leve erguer de ombros, os olhos nos meus,

interrompendo uma nova longa história. Eram já cinco da manhã. «Cinco...?» — admirou-se. «Cinco» — e mostrei-lhe o relógio de pulso. Ela então afastou-se da mesa e foi sentar-se numa cadeira mais distante. Agora a voz era mais pausada, descaída pelos objectos da sala, fazendo pontaria com um dedo aos números do calendário. «A querer matar os dias, é...?» Ela disse que sim, num tom de cansaço e ternura — e todo o corpo, de mulher sentada, lhe descaía para as tábuas do soalho, prestes a entornar-se. Mas reagiu e, com o dedo, alvejou de novo os números do calendário. «Dispare» — disse-lhe eu. Ela disse: «Que ninguém mo impeça» — e apontou o dedo à cabeça.

Pedro Alvim

Um tiro nas palavras